

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PATRICIA DE MENEZES

**HUMANO, MULHER E ANIMAL NÃO HUMANO: A COISIFICAÇÃO DA FÊMEA NO  
ROMANCE LATINO-AMERICANO SABOROSO CADÁVER, DE AGUSTINA  
BAZTERRICA**

**MARINGÁ**

**2024**

PATRICIA DE MENEZES

**HUMANO, MULHER E ANIMAL NÃO HUMANO: A COISIFICAÇÃO DA FÊMEA NO  
ROMANCE LATINO-AMERICANO SABOROSO CADÁVER, DE AGUSTINA  
BAZTERRICA**

Dissertação apresentada à Universidade  
Estadual de Maringá, como requisito parcial  
para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Evely Vânia Libanori

Maringá  
2024

PATRICIA DE MENEZES

**“HUMANO, MULHER E ANIMAL NÃO HUMANO: A  
COISIFICAÇÃO DA FÊMEA NO ROMANCE LATINO-  
AMERICANO SABOROSO CADÁVER, DE AGUSTINA  
BAZTERRICA”.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Literários.**

Aprovada em Maringá, **20 de dezembro de 2024.**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 EVELY VANIA LIBANORI  
Data: 20/12/2024 11:08:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evely Vânia  
Libanori Presidente da Banca  
(UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente  
 MARCELE AIRES FRANCESCHINI  
Data: 23/12/2024 09:26:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcele Aires Franceschini  
Membro Titular (UEM/PLE)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wilma dos Santos Coqueiro  
Membro Titular Externo ( UNESPAR – Campo  
Mourão/PR )

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

M543h

Menezes, Patricia

Humano, mulher e animal não humano : a coisificação da fêmea no romance latino-americano Saboroso Cadáver, de Agustina Bazterrica / Patricia Menezes. -- Maringá, PR, 2025.

125 f.

Orientadora: Profa. Dra. Evely Vânia Libanori.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

1. Ecocrítica. 2. Ecofeminismo. 3. Bazterrica, Agustina; Saboroso Cadáver - História e Crítica. 4. Feminismo. 5. Literatura Latino-Americana. I. Libanori, Evely Vânia, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 801.95

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço especialmente à minha mãe e ao meu padrasto, Angelita e Edson, que me ajudaram de todas as maneiras que puderam durante esse processo longo e complicado.

Os meus sinceros agradecimentos à minha irmã, Daniela, que sempre demonstrou apoio e orgulho por minha carreira acadêmica com gestos simples que, para nós, são gestos gigantes.

Agradeço ao meu sobrinho, Nicolas, por me proporcionar momentos de leveza e tranquilidade durante minhas sessões de estudo com sua presença inocente de criança.

Agradeço aos meus amigos, Pedro, Lucas, Gabriella, Jamille e Rafaella, pela compreensão de minha constante ausência durante esse período, por permanecerem independentemente dela.

Agradeço ao Erick, meu namorado, pela presença nos momentos de maior ansiedade, insegurança e dúvidas mesmo sem entender bem as motivações ou como ajudar.

Agradeço ainda aos meus familiares, sempre entusiasmados com minhas buscas e conquistas no meio acadêmico.

Agradeço às professoras Wilma dos Santos Coqueiro e Marcele Aires Franceschini, por aceitarem compor minha banca e pelos valiosos apontamentos e sugestões, eles foram essenciais para que esse trabalho chegasse no nível que chegou.

Por fim, agradeço à minha orientadora, Evelyn Vânia Libanori, pela persistência.

O processo de produção dessa pesquisa, que começou muito antes de eu começar a efetivamente escrever o trabalho, em 2021 quando ainda me preparava pra a seleção do programa enquanto aluna especial, me provocou transformações que hoje são inerentes à minha pessoa. Tem muito de mim mesma nesse texto. Muito mesmo.

Em surdina, fez um pensamento proibido: o mundo não oferecia um inesgotável manancial de possibilidades. Não às criaturas do sexo dela, pelo menos. (Adriana Lisboa, 2013)

## RESUMO

O conceito de ser humano foi, desde os primórdios, baseado na diferenciação do homem em relação aos demais animais de forma que, concomitantemente, o ser humano foi colocado em posição de soberania e tudo aquilo que não é humano foi colocado em posição de serviência, de objeto à disposição do ser humano. Essa sua posição superior é o que justifica as atitudes destrutivas para com a natureza: poluição das águas, do ar, do solo, destruição de biomas, caça exaustiva de animais que leva à extinção de muitas espécies, utilização de animais como alimento, como cobaias, etc. A Ecocrítica se apresenta enquanto uma possibilidade de se discutir questões que relacionam os seres e sua interação com o ambiente na literatura. Antes de seu advento e popularização, tais discussões ficavam isoladas em si mesmas, os estudiosos da área da Ecologia eram os únicos que tinham acesso a esse conhecimento. Essa diferenciação acomete também a conceituação de homem e mulher; sendo o homem colocado como ponto de partida para essa definição a mulher foi excluída do conceito de humanidade e, como os animais não humanos e toda a natureza, relegada ao papel de inferior, de objeto à disposição do homem. A dualidade que inferioriza e oprime tudo o que é associado ao feminino é o ponto de convergência entre mulher, animais não humanos e natureza, reconhecida e tomado como ponto de partida para as discussões propostas pela teoria que suporta esse trabalho, o Ecofeminismo. A teoria ecofeminista ocupa-se de discutir questões oriundas dessa conexão do feminino ao inferior, do centramento do macho humano e os efeitos que isso gera ao meio ambiente. O romance *Saboroso Cadáver*, de Agustina Bazterrica apresenta, através de sua narrativa distópica, uma possibilidade de análise da situação da fêmea dentro de um contexto no qual a inferiorização do feminino chega ao extremo de justificar o assassinato de todos os animais não humanos e a venda de carne humana. Jazmín, personagem em destaque, representa toda uma classe de seres vivos vistos como objetos à disposição do homem, e dá a oportunidade de discutir a forma como a fêmea é tornada uma *coisa*, que é destituída de qualquer nível de humanidade e lembrada exclusivamente por seus atributos femininos, a maior demonstração da subserviência da fêmea na sociedade. Objetiva-se, então, analisar especialmente a trajetória dessa personagem, construindo uma argumentação a respeito do romance com base no Ecofeminismo. Para isso, pretende-se discutir o conceito de humanidade e animalidade; discorrer acerca do Ecofeminismo, as bases dessa teoria e seus pressupostos; discorrer acerca da opressão da fêmea humana contra o não humano; e, por fim, analisar o romance de Bazterrica, enfocando a questão da opressão da fêmea especialmente através da personagem Jazmín. Para alcançar tais objetivos, a metodologia adotada é exposição e análise da obra em destaque, sob argumentos e teorias desenvolvidas por autoras como Carol Adams (2018), Marti Kheel (1993), Greta Gaard (2019), Janis Bikeland (1993), Carolyn Merchant (2005), entre outros.

**Palavras-chave:** Agustina Bazterrica. Ecofeminismo. Ecocrítica. Feminismo. Romance Latino-Americano.

## ABSTRACT

The concept of human being has been, since the beginning of time, based on the differentiation of man in relation to other animals, so that, at the same time, the human being was placed in a position of sovereignty and everything that is not human was placed in a position of servitude, as an object at the disposal of the human being. This superior position is what justifies their destructive attitudes towards nature: pollution of water, air, soil, destruction of biomes, exhaustive hunting of animals that leads to the extinction of many species, use of animals as food, as test subjects, etc. Ecocriticism presents itself as a possibility to discuss issues that relate beings and their interaction with the environment in literature. Before its advent and popularization, such discoveries were isolated in themselves, scholars in the field of Ecology were the only ones who had access to this knowledge. This differentiation also affects the conceptualization of man and woman, since man was placed as the starting point for this definition, women were excluded from the concept of humanity and, just like non-human animals and all of nature, relegated to the role of inferior, as an object at the disposal of man. The duality that inferiorizes and oppresses everything associated with the feminine is the point of convergence between women, non-human animals and nature, recognized and taken as a starting point for the discussions proposed by the theory that supports this work, Ecofeminism. Ecofeminist theory, then, deals with the discussion of issues arising from this connection between the feminine and the inferior, from the centering of the human male and the effects that this generates on the environment. The novel *Saboroso Cadáver* [*Tender is the flesh*], by Agustina Bazterrica, presents, through its dystopian narrative, a possibility of analyzing the situation of the female within a context in which the inferiority of the feminine goes so far as to justify the murder of all non-human animals and the sale of human flesh. Jazmín, the main character, represents an entire class of living beings seen as objects at the disposal of man, and provides the opportunity to discuss the way in which the female is turned into a thing that is dismissed of any level of humanity, remembered exclusively for her feminine attributes, the greatest demonstration of the subservience of the female in society. The objective, then, is to analyze especially the trajectory of this character, building an argument about the novel based on Ecofeminism. To this end, the intention is to discuss the concept of humanity and animality; to discuss Ecofeminism, the bases of this theory and its assumptions; to discuss the oppression of the human female against the non-human; and, finally, to analyze Bazterrica's novel, focusing on the issue of female oppression, especially through the character Jazmín. To achieve these objectives, the methodology adopted is the exposition and analysis of the highlighted novel, using arguments and theories developed by authors such as Carol Adams (2018), Marti Kheel (1993), Greta Gaard (2019), Janis Bikeland (1993), Carolyn Merchant (2005), among others.

**Keywords:** Agustina Bazterrica. Ecofeminism. Ecocriticism. Feminism. Latin American Novel.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
1	<b>ANIMAL, SER HUMANO, ANIMAL NÃO HUMANO: o porquê da dificuldade com conceitos nos estudos da Ecocrítica</b> .....	14
1.1	“ANIMAL NÃO HUMANO”: a reviravolta da sensciência.....	23
2.	<b>ECOLOGIA E ECOCRÍTICA: expandindo o alcance através dos Estudos Culturais</b> .....	27
2.1	ECOLOGIA E FEMINISMO: surgimento e ânsias do Ecofeminismo.....	34
3	<b>ESPECISMO: a inferiorização como base à definição e aos modelos de opressão animal</b> .....	47
3.1	A OPRESSÃO DA FÊMEA: a aproximação entre fêmeas humanas e não humanas.....	53
3.2	<b>EVA, A FÊMEA SUPERIOR: o especismo da fêmea humana</b> .....	58
4	O DEUS HUMANO: especismo como base para todas as decisões.....	62
4.1	<b>JAZMÍN, UMA COSTELA AINDA MENOS IMPORTANTE: Saboroso Cadáver e a coisificação da fêmea</b> .....	73
4.2	CECILIA, MARISA, SPANEL E A DOUTORA VALKA: a alienação da fêmea humana no romance.....	99
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	115
	<b>REFERÊNCIAS</b>	

## INTRODUÇÃO

Trabalho com literatura de autoria feminina sul-americana desde a graduação, quando participei do programa de Iniciação Científica, discutindo temas voltados à subjetividade da mulher e sua inserção na sociedade. Ao ingressar no programa de mestrado, aceitei alterar meu tema de pesquisa mantendo, como minha essência de pesquisadora, a questão do feminino. Daí surgiu a ideia de estudar o Ecofeminismo, que não apenas me possibilitou continuar trabalhando com o feminismo como renovou meu interesse por esses estudos, visto que se tratava de uma vertente ainda completamente não explorada por mim.

Após discussão durante as aulas ministradas por minha orientadora, conheci a obra de Bazterrica. A união de minha então recente decisão em me tornar vegetariana com a realidade apresentada pela autora de maneira distópica, além da proximidade da realidade recente com a pandemia de COVID-19, foi o ponto inicial para o interesse que surgiu em estudar o romance.

Publicado originalmente em 2017, o *corpus* deste trabalho, *Saboroso cadáver*, é o terceiro livro lançado pela argentina Agustina Bazterrica (1974). Publicado pela editora Alfaguara na Argentina, no Brasil, o romance ganhou sua primeira edição pela editora DarkSide em 2022, tendo também sido traduzido para outros tantos idiomas, tais como: sueco, turco, alemão, francês, inglês, etc. A autora da obra iniciou sua carreira como escritora em 2013 com o romance *Matar a la niña*, uma obra satírica e cômica e, pouco depois, em 2016, lançou-se ao universo do horror com seu livro de contos, *Antes del encuentro feroz*. *Saboroso cadáver* foi o primeiro livro da autora a receber uma edição em língua portuguesa; a mesma editora publicou uma edição em português de sua antologia de contos um ano mais tarde, em 2023. Publicado em diversas línguas, *Saboroso cadáver* foi indicado em várias premiações, sendo contemplado com duas delas: a primeira ainda em seu ano de lançamento na Argentina, o Prêmio *Clarín Novela*; e a segunda em 2020, o Prêmio *Ladies of Horror Fiction*, pela edição norte-americana do romance.

*Saboroso Cadáver* pode ser visto como um manifesto a favor do modo de viver vegano, que não sacrifica o corpo do animal não humano em prol de satisfazer desejos pessoais. É relevante salientar que Agustina Bazterrica parou de comer carne em 2014, após assistir ao documentário *Earthlings* (2005), narrado por Joaquin Phoenix.

O filme roteiriza as práticas cotidianas das maiores indústrias do mundo, que dependem inteiramente de animais para obter lucro. Desse modo o romance foi escrito por alguém que tem o veganismo como filosofia de vida, algo que se alinha intrinsecamente com a crítica tecida ao longo da obra (Darkside, 2023). *Saboroso cadáver* dá continuidade às temáticas voltadas para o horror iniciadas com a antologia de contos da autora, apresentando, dessa vez, essas questões de maneira amplificada. Isso porque as problemáticas envolvem a sociedade, saindo do âmbito pessoal e individualizado que seu livro anterior trazia.

Nesse romance, Bazterrica apresenta uma realidade distópica ao passo que os personagens estão inseridos em uma sociedade que, após uma grave crise sanitária devido ao aparecimento de um vírus altamente mortal aos seres humanos, institucionalizou-se a criação e venda de carne humana. Nesse contexto se discutem vários aspectos da relação ser humano-animal, centralizando a questão do feminino e as opressões a que é submetido.

A maneira como o ser humano se relaciona com a natureza em que está inserido é pauta de discussão dentro dos estudos da Ecologia, no qual é apontado enquanto o elemento causador de rompimentos nas interligações do todo que a natureza representa. Dentre as rupturas observadas, a separação entre ser humano e animal e o subjugamento que essa divisão pressupõe é algo bastante significativo, afinal existe toda uma manipulação do ciclo natural de vida de animais para consumo e proveito humano. Essa opressão é algo já tão enraizado nas sociedades que foi normalizada; dessa forma, não há estranhamento, no geral, quando se trata de criar e matar animais para alimentação, utilização da pele, proveito de recursos como leite e ovos, etc.

Nesse contexto, Agustina Bazterrica proporciona, ao colocar o próprio ser humano na posição de animal dominado e explorado em sua obra, a possibilidade de melhor se compreender e visualizar os absurdos que a relação de opressão entre ser humano e animal gera, haja vista que não é mais o *outro* naquela posição, mas sim a própria espécie humana. Além disso, ao focar a trajetória de uma mulher colocada em posição de objeto, tal como as vacas são colocadas em sociedades atuais, é possível discutir o papel do patriarcado nessa relação de superioridade do ser humano em relação a todas as demais espécies que são por ele dominadas, algo profundamente enraizado em nossa cultura.

A Ecocrítica é uma teoria crítica que se ocupa em analisar artefatos culturais, principalmente textos literários, que abordam temas que relacionam o ser humano e o meio ambiente. Ou seja, trata-se de um estudo que aproxima a Ecologia — antes confinada na academia — à literatura, tornando viável a discussão de questões ecológicas dentro dos estudos culturais, o que amplia o alcance e o acesso ao conhecimento da Ecologia.

Levando-se em consideração tais tópicos, é possível destacar alguns aspectos que se interligam na problemática central do romance: a proliferação de um vírus bastante letal e contagioso; a necessidade que aquela sociedade tem de consumir carne de alguma forma, o que os leva a substituir os animais por humanos selecionados devido aos desejos individuais e também à ânsia de manter esse comércio em funcionamento; a maneira como animais não humanos são tratados na sociedade que fica explícita tanto com as descrições acerca do funcionamento dos frigoríficos como com a forma como o problema do vírus é resolvido; e, ainda, a questão da fêmea na sociedade ao colocar uma humana em condição parecida com a de vacas no cenário atual. Todos estes aspectos da narrativa se direcionam para um lugar comum e recaem na relação de opressão que o ser humano mantém com a natureza de forma geral, uma relação que a coloca em posição de servidão.

Diante desses aspectos do romance, o Ecofeminismo vem à luz com uma possibilidade de discussão da obra partindo dessa base de opressão que permeia todos os acontecimentos narrados. De forma geral, tal teoria se ocupa das relações de opressão entre ser humano e natureza advindas dessa visão inferiorizada que o homem tem em relação a ela. Além disso, caracteriza a fonte dessa opressão como sendo o patriarcado que permeia as sociedades ocidentais. Desse modo, possibilita uma discussão que abarca não apenas a situação da mulher enquanto oprimida na obra em destaque. Pelo contrário, considera as relações que a opressão dessa tem com todo o cenário caótico no qual a natureza se encontra e as decisões tomadas para que o novo ambiente fosse constituído e, por consequência, tais violências fossem legitimadas.

O objetivo geral com esse trabalho é tecer uma análise a respeito do romance *Saboroso Cadáver* sob a luz do Ecofeminismo, isso através de exposição e análise da obra em destaque. Para tanto, os objetivos específicos são: (a) compreender a constituição do conceito de humano e animal; (b) discutir o surgimento e as bases da crítica ecofeminista, além de seus pressupostos; (c) analisar a fundação da opressão

que a mulher direciona ao não humano e também as contradições concernentes a isso; (d) discorrer acerca do romance de Bazterrica, enfocando a questão da fêmea, as opressões as quais é submetida na obra devido a sua condição de fêmea, além da posição da fêmea humana dentro da obra enquanto opressora e oprimida.

Para atingir os objetivos citados, o trabalho está subdividido em quatro capítulos. Desses, o primeiro se destina a discutir os conceitos de animalidade e humanidade, essenciais para discorrer acerca da obra escolhida, destacando a maneira como o ser humano foi retirado da esfera animal e se colocou em posição de superioridade em relação aos outros seres vivos, além de como a ideia de sensiência tornou-se um importante argumento na defesa do animal não humano.

O segundo se desenvolve a partir da definição e discussão da base teórica para a análise feita, a crítica ecofeminista, envolvendo seu surgimento a partir da Ecologia, popularização a partir da década de 1990 com sua ascensão à academia, os seus interligamentos e ramificações. Com o desenvolvimento do Ecofeminismo, enquanto crítica, ficou explícito que as conceituações à base de diferenciação, de dualismos, não se restringem ao ser humano em relação ao animal não humano, mas é também a base para a diferenciação do homem em relação à mulher e do homem em relação à natureza. Dessa maneira, tudo aquilo que não é o macho humano é associado ao feminino, ao inferior, algo subserviente, o que é a base para a opressão que todas essas classes sofrem, conforme Greta Gaard (1993) e Marti Kheel (2019) ajudam a compreender. Algumas diferentes vertentes da teoria ecofeminista destacadas por Merchant (2005) demonstram as várias percepções da conexão mulher-natureza que, por vezes, geram críticas infundadas à teoria, conforme aponta e discute Janis Birkeland (1993).

O terceiro capítulo acolhe a discussão acerca do especismo não só do homem como, também, da mulher. Isso se dá devido a sua maior identificação com o homem do que com as fêmeas no geral, mesmo que a definição de ser humano não abarque a fêmea humana. Diante disso, cabe discorrer quanto à posição da mulher diante da opressão direcionada à natureza, a maneira que ela se envolve em tal opressão e suas motivações, isso partindo de uma crítica da teoria feminista dominante com o suporte de Carol Adams (1993). Para além disso, aborda a maneira como fêmeas no geral são próximas por sua condição inferiorizada diante do ser humano supremo, o homem, partindo das observações feitas por Adams (2018).

O quarto e último capítulo se direciona, exclusivamente, à análise da narrativa de Bazterrica, ocupando-se dos elementos sociais que servem como plano de fundo para as ideias instauradas, enfocando a maneira como a personagem feminina destacada, Jazmín, é objetificada a fim de legitimar as violências a que é submetida e, além disso, a maneira como as demais personagens femininas, que também se destacam na obra, relacionam-se e fazem parte desse sistema instaurado.

## **1. ANIMAL, SER HUMANO, ANIMAL NÃO HUMANO: O PORQUÊ DA DIFICULDADE COM CONCEITOS NOS ESTUDOS DA ECOCRÍTICA**

O romance de Agustina Bazterrica é dividido em 2 partes e 42 capítulos, desses 23 estão na primeira parte da obra e outros 19 na parte final do romance. Quanto ao narrador, trata-se de uma voz heterodiegética, ou seja, não é nenhum dos personagens envolvidos na trama. Além disso, o narrador é onisciente e seletivo, sendo assim o foco narrativo é centrado em Marcos Tejo, protagonista da obra com quem o narrador se funde, passando para o leitor a visão, os sentimentos, impressões, etc., do próprio protagonista: Marcos é um homem que trabalha em um frigorífico e que participou ativamente na implementação do novo sistema de produção de carne humana e, partindo de sua visão, o leitor tem acesso à uma comunidade na qual o canibalismo foi institucionalizado.

No enredo, um vírus com altos níveis de contágio, conhecido como GGB, impossibilita o consumo de carne de animais pelos seres humanos. Diante dessa situação, a sociedade ali descrita aniquila todos os animais a fim de evitar o contágio de humanos pelo vírus desconhecido. Nesse cenário, a reação desde o início é criar uma forma do consumo de carne ser novamente viável e isso é alcançado a partir da gradativa transição para o consumo de carne humana.

O cenário atual ao qual o leitor é apresentado está totalmente estabelecido e advém da crise provocada pelo vírus que acabou com a morte de praticamente todos os animais não humanos: aqueles que costumavam ser criados como animais de estimação, animais selvagens que viviam na natureza ou em zoológicos e também os animais criados para o consumo humano, como vacas e porcos. Isso porque, diante da falha em se criar uma vacina para o vírus ou uma cura, os governantes daquela sociedade decidem por exterminar todos os animais sob o argumento de parar a proliferação da doença:

Ele quer apagar as imagens distantes, as memórias que persistem. As pilhas de gatos e cachorros queimavam vivos. Um arranhão significava morte. O cheiro de carne queimada permaneceu por semanas. Ele se lembra dos grupos em trajes de proteção amarelos que vasculhavam os bairros à noite, matando e queimando todos os animais que cruzavam seu caminho. (Bazterrica, 2022, p.10).

Essa atitude resulta na não existência de carne para o consumo humano de maneira drástica, sem grandes avisos ou preparações. A mudança é repentina e, por conta disso, de início, não havia uma classe de humanos específicos para esse fim de forma que alguns rumores se espalham: moradores de rua começam a desaparecer e alguns acreditam que eles foram levados para o abate. O horror toma conta, de tal modo que as pessoas “começaram a matar outras e a comê-las em segredo. A imprensa documentou um caso de dois bolivianos desempregados que foram atacados, desmembrados e esquartejados por um grupo de vizinhos” (Bazterrica, 2022, p.10). É mencionado ainda na narrativa que “em alguns países os imigrantes começaram a desaparecer em massa. Imigrantes marginalizados, pobres” (Bazterrica, 2022, p.11). Nota-se aqui como a autora coloca, já nas páginas iniciais, as relações de poder entre quem come — os mais poderosos, os locais — e quem é comido — os desempregados, os estrangeiros — como descrito adiante na análise sobre a obra.

Nesse cenário, a implementação do consumo de carne humana rapidamente começa e se torna uma realidade que, para que tenha sucesso, conta com várias estratégias para que a normalização aconteça de maneira rápida como, por exemplo, a criação de termos como “carne especial” e a proibição de palavras que remetam ao fato de que seres humanos estão sendo usados como alimento, como “canibalismo”.

Há, evidentemente, aqueles que acreditam que nunca existiu vírus algum e que todas as mudanças são uma forma de controlar o aumento da população. O fato é que, aos poucos, instaurou-se a criação de seres humanos em cativeiro para o consumo, gerando um produto bastante lucrativo e exclusivo devido aos altos valores de mercado:

A legalização ocorreu quando os governos cederam à pressão de uma indústria de muito dinheiro que havia parado. [...]. Não muito tempo depois eles começaram a criar pessoas como animais para suprir a enorme demanda por carne. (Bazterrica, 2022, p. 11).

Marcos Tejo é peça importante na consolidação desse novo mercado uma vez que ele, como já trabalhava com frigoríficos antes do vírus, trabalhou ativamente na criação das regras e leis usadas para controlar o manejo dos seres humanos utilizados no abate. Por isso, ele é um profundo conhecedor de tudo o que cerca o processo de criação e consumo de humanos, uma vez que, além de ter criado as regras, ainda se mantém na produção operando em um dos novos frigoríficos. Considerando o papel

do personagem na consolidação desse sistema, é expressivo que seu nome seja Marcos, do latim *Mars*, “Marte”, o deus da guerra haja vista que ele é parte essencial na instauração do sistema atual daquela sociedade. A institucionalização do consumo de carne humana surgiu a partir de um caos de segurança sanitária e trouxe, com sua chegada, a legalização de outras tantas situações caóticas: destaca-se aqui a industrialização de carne humana como uma das possíveis maneiras de se punir um crime, ou seja, tornou-se legal punir alguém com a morte em um frigorífico para que sua carne fosse vendida.

Acompanhamos, então, a partir do ponto de vista do protagonista, a realidade que se instaurou, os dilemas morais nos quais esbarra, e a situação da mulher nesse contexto especialmente através da trajetória de Jazmín, uma mulher da raça de humanos criada para o consumo que fica em posse do protagonista por alguns meses.

O enredo criado por Bazterrica, ao colocar seres humanos na posição de animais que normalmente são criados para a produção de produtos de origem animal, posiciona o leitor em face de uma problemática não muito questionada: o que é ser um humano? O que é ser um animal? Quais os limites, se eles existem, entre ambas as classes de seres vivos? Isso porque existe uma convenção social do que se é aceitável fazer com “animais”, mas impensável se fazer com “humanos”; tal convenção é, entretanto, quebrada quando seres humanos são apresentados enquanto os “animais” dentro daquela sociedade e oprimidos partindo do argumento da não humanidade. Essa é uma discussão fundamental para que se possa discorrer acerca do romance argentino que exige, porém, um apanhado histórico e filosófico bastante profundo e mais amplo tratando da relação homem-natureza-animal para que se possa encontrar as bases das questões que serão levantadas adiante.

As discussões acerca da relação ser humano e natureza constantemente encontram o mesmo problema: a dificuldade concernente à escolha de conceitos adequados. Isso porque as terminações disponíveis refletem ainda um histórico bastante extenso de definições considerando, como ponto de partida, a própria espécie humana. Por conseguinte, os questionamentos acerca do que, historicamente, se entende por animal e humano e a maneira como esses conceitos são entendidos dentro dos estudos literários que se ocupam das relações entre natureza e suas interrelações com os seres vivos que nela convivem — a chamada Ecocrítica, que será discutida mais detalhadamente no subcapítulo seguinte — é um ponto essencial para se iniciar a discussão desse trabalho.

A compreensão dos animais enquanto coisas — destituídos de emoções, da capacidade de sentir dor, equiparados a objetos — é algo que permeia o pensamento da cultura ocidental ao longo da História e que veio a se modificar apenas a partir do século XIX. Essa conceituação é oriunda da maneira como se investiga a essência do ser humano e ajuda a permear a ideia, ainda muito forte, de que os animais são, em vários aspectos, inferiores a ele.

Antes do século XIX, animais não humanos sequer eram reconhecidos em sua animalidade, eram vistos como coisas inanimadas, objetos pura e simplesmente. Desse modo, não se considerava que o ser humano tivesse qualquer tipo de dever moral em relação a eles (Francione, 2013). René Descartes (1596-1650), importante filósofo e matemático, é responsável por umas das teses que contribuiu fortemente para a maneira como se percebe os animais. Descartes defendia a ideia de que os animais seriam comparáveis a máquinas uma vez que, diferentemente do ser humano, não seriam racionais, observado do fato de que eles não possuem linguagem verbal:

A razão é um instrumento universal, que pode servir em todas as circunstâncias, esses órgãos necessitam de alguma disposição particular para cada ação particular; daí ser moralmente impossível que haja numa máquina a diversidade suficiente de órgãos para fazê-la agir em todas as ocorrências da vida da mesma maneira que nossa razão nos faz agir.

Ora, por estes dois meios também se pode conhecer a diferença que há entre os homens e os animais. Pois é uma coisa fácil de se notar que não há homens tão embrutecidos e tão estúpidos, sem excetuar nem mesmo os dementes, que não sejam capazes de combinar diversas palavras e de com elas compor um discurso no qual possam expressar seus pensamentos; e que, pelo contrário, não há outro animal, por mais perfeito e bem nascido que seja, que faça o mesmo. (Descartes, 2001, p.64).

A tese de Descartes é centrada no fato de que animais, no geral, não possuem a capacidade de verbalizar seus pensamentos, afinal mesmo aqueles que conseguem pronunciar palavras o fazem a despeito de seu significado; portanto, sem racionalizar. Devido a isso, o filósofo defendia que os animais não eram capazes de sentir dor, prazer ou qualquer sentimento. Desse jeito, a concepção de que animais eram simplesmente máquinas, que se moviam automaticamente, se instaurou e, conseqüentemente, a ideia de que eles não eram seres sencientes também.

A racionalidade como um ponto crucial na definição do animal em relação ao ser humano aparece ainda em teses de outros autores como, por exemplo, Immanuel Kant (1724-1804). Kant classifica o ser humano e os demais animais em seres racionais e irracionais — ou seja, aqueles que têm consciência de sua existência e aqueles que não têm — sendo esse o ponto único para sustentar a ideia de que o ser humano é superior a todas as demais espécies de animais e que, portanto, está em posição de poder absoluto sobre elas, conforme aponta o filósofo:

Que o ser humano possa ter o eu em sua representação, eleva-o infinitamente acima de todos os demais seres que vivem na terra. É por isso que ele é uma *pessoa*, e uma mesma pessoa em virtude da unidade da consciência em todas as modificações que lhe possam suceder, ou seja, ele é, por sua posição e dignidade, um ser totalmente distinto das *coisas*, tais como os animais irracionais, aos quais se pode mandar a vontade, porque sempre tem o eu no pensamento, mesmo quando ainda não possa expressá-lo, assim como todas as línguas tem de pensá-lo quando falam na primeira pessoa, ainda que não exprimam esse eu por meio de uma palavra especial. Pois essa faculdade (a saber, a de pensar) é o *entendimento*. (Kant, 2009, p.27, grifos do autor).

Nota-se que Kant define o ser humano por suas diferenças em relação aos demais animais: a consciência de si mesmo é o que torna o ser humano uma *pessoa*, é o que o diferencia dos outros animais e o torna único e especial segundo o autor. Esse é um problema essencial nessa discussão: o antropocentrismo que rege o conhecimento acerca dos animais e, principalmente, da relação destes para com os seres humanos. Isso gera questionamentos basilares que sempre tomam o ser humano como o ponto de partida, como o modelo de existência para todas as comparações, colocando-o, já na pergunta inicial, como o centro. Essa busca pela definição do *humano* no que o diferencia do *não humano* é apontada enquanto a origem do problema da própria definição:

Os filósofos têm tentado descobrir a essência da humanidade na cabeça dos homens, em vez de procurá-la em suas caudas (ou na ausência delas). Mas, na busca dessa essência, eles não se perguntaram sobre "o que faz dos seres humanos animais de determinada espécie?" Ao contrário, eles inverteram a pergunta, indagando: "O que torna os seres humanos diferentes dos animais, como espécie?" Essa inversão altera completamente os termos da questão. Isto porque, formulando a pergunta da segunda maneira, o gênero humano já não aparece como uma espécie da animalidade, ou como uma pequena província do reino animal. A pergunta faz alusão a um princípio que, infundido na constituição do animal, eleva seus

possuidores a um nível mais alto de existência do que o do "mero animal". A palavra humanidade, em suma, deixa de significar o somatório dos seres humanos, membros da espécie animal *Homo sapiens*, e torna-se o estado ou a condição humana do ser, radicalmente oposta à condição da animalidade. (Ingold, 1995, p.06 *apud* Ingold, 1988, p.4)

A ideia de superioridade do ser humano é bastante enraizada e, por essa razão, estudos acerca dessa temática recaem sempre na prerrogativa de que o ser humano está acima dos outros animais, pautados na dicotomia racional/irracional. O argumento da não racionalidade é por diversas vezes evocado no romance em discussão, o protagonista se convence da não racionalidade da mulher em seu poder ao longo de toda a obra, essa confirmação é necessária para que ele continue agindo daquela maneira, como se manejassem um objeto sem vida.

O maior problema dessa diferenciação é que o ser humano é colocado em posição de poder absoluto sobre tudo o mais que o cerca. As plantas e os animais são colocados em exclusiva posição de exploração, de serviência ao ser humano, sendo essa mesma relação a responsável por episódios trágicos da História: a escravização de povos indígenas no Brasil, o sequestro e escravização de africanos, o processo intenso de colonização europeia como um todo, o holocausto que tem sua origem na distinção dicotômica de povos entre o civilizado/ o não civilizado, o culto/ o sem cultura. No romance de Bazterrica essa superioridade rege todos os acontecimentos da narrativa, e é por isso que a partir do momento em que os animais se tornam um risco e não podem mais servir ao seu propósito naquela comunidade eles são exterminados, a manutenção da vida humana sobrepõe a manutenção da vida não humana.

A partir do século XIX, contudo, a situação do animal começou vagarosamente a ser introduzida nas leis, partindo das ideias de Jeremy Bentham (1748-1832), filósofo inglês a quem se atribui a fundação do Utilitarismo e que defendia o princípio do tratamento humanitário. Bentham não foi o primeiro a discutir a questão da igualdade entre os seres, outros filósofos já haviam considerado o princípio de igualdade entre os seres humanos, contudo foi um dos únicos a considerar que esse princípio deveria se estender aos animais de outras espécies e não se restringir à humana. Tal princípio admite que existem diferenças entre seres humanos e animais não humanos, porém considera uma semelhança fundamental entre eles: a capacidade de sofrer. Bentham defende, então, que já que os animais não humanos

têm, igualmente aos humanos, a capacidade de sofrer, ambos devem ser poupados de atitudes que possam lhes infligir dor e sofrimento:

É possível que um dia se reconheça que o número de pernas, a vilosidade da pele ou a terminação do osso sacro são motivos insuficientes para abandonar um ser sensiente ao mesmo destino [tortura]. O que mais deveria traçar a linha do intransponível? Mas um cavalo ou um cão adultos são incomparavelmente mais racionais e comunicativos do que um bebê de um dia, de uma semana, ou até mesmo de um mês. Supondo, porém, que as coisas não fossem assim, que importância teria tal fato? A questão não é “Eles são capazes de raciocinar?”, nem “São capazes de falar? mas sim: “Eles são capazes de sofrer?”. (Bentham, 1823, apud Singer 2013, p.9)

Esse único elemento em comum entre todos os animais, reconhecido por Bentham, garante o dever moral do ser humano com os demais animais. Isto posto, se existe a capacidade de sofrer não há motivos que legitimem impor sofrimento a eles (Francione, 2013).

Peter Singer (2013) discute a questão ser humano/animal não humano propondo a libertação animal. Para o crítico, deve-se adotar o princípio do tratamento da igualdade e considerar as diferenças entre animais não humanos e humanos para criar direitos equivalentes em oposição à ideia de separá-los, definir um como superior em relação ao outro. Contudo, com “igualdade” não se quer dizer que ambos devem ter os mesmos direitos reivindicados, afinal as diferenças entre eles devem ser reconhecidas e há motivos, por exemplo, para se defender o direito de todos os seres humanos terem acesso ao voto, embora isso não se aplique aos animais não humanos (Singer, 2013). Conforme o autor,

A extensão do princípio básico da igualdade de um grupo para outro não implica que devemos tratá-los da mesma maneira, ou que devemos conceder-lhes os mesmos direitos. O que devemos ou não fazer depende da natureza dos membros desses grupos. O princípio básico da igualdade não requer tratamento igual ou idêntico, mas sim igual consideração. Igual consideração por seres diferentes pode levar a tratamentos e direitos distintos. (Singer, 2013, p.05)

Igualdade, nesse contexto, significa dar o mesmo nível de importância a todos os animais, humanos ou não humanos, considerar suas necessidades igualmente sem priorizar os direitos de um sobre o outro. Isso de maneira que nenhum critério de classificação entre os animais seria válido para negar um direito a uma espécie. É evidente que existem sim diferenças entre os animais não humanos e humanos, da

mesma maneira como existem diferenças entre os seres humanos. Entretanto, compreende-se que, da mesma maneira como se entendeu que a diferença de classe social, de raça, de gênero, de cor da pele, não pode ser considerada enquanto justificativa plausível para se dizer que há diferença intelectual ou, ainda, moral entre essa espécie, não se pode afirmar e definir direitos partindo das diferenças que há entre animais humanos e não humanos.

A igualdade é uma ideia moral, não é a afirmação de um fato. Não existe uma razão obrigatória, do ponto de vista lógico, para pressupor que uma diferença factual de capacidade entre duas pessoas justifique diferenças na consideração que damos às suas necessidades e a seus interesses. *O princípio da igualdade dos seres humanos não é a descrição de uma suposta igualdade de fato existente entre seres humanos: é a prescrição de como devemos tratar os seres humanos.* (SINGER, 2013, p.08-09, grifo do autor)

Trata-se de uma questão moral e não de estabelecimento de fatos. Seres humanos são diferentes entre si, é inegável, entretanto esse não constitui motivo para considerar de forma diferente os *interesses* de cada um. Da mesma forma, é fato que existem diferenças entre os animais não humanos e os humanos; todavia, essas diferenças não justificam considerar mais os interesses dos seres humanos. Tais interesses são pressupostos a partir do momento em que se assume a capacidade de *sentir* e de sofrer de qualquer animal; esse único elemento basta para estabelecer pelo menos um interesse básico: o de não sofrer. Destarte, a sensiência é o único ponto justo para se considerar os interesses dos seres:

O limite da sensiência (usando o termo como uma redução conveniente, talvez não estritamente precisa, para a capacidade de sofrer e/ou experimentar prazer) é a única fronteira defensável de preocupação com os interesses alheios. Demarcar essa fronteira com outras características, tais como inteligência ou racionalidade, seria fazê-lo de maneira arbitrária. Por que não escolher alguma outra característica, como a cor da pele? (Singer, 2013, p.14-15)

Compreende-se que, dentro do princípio da igualdade, nenhum critério é válido para definir quais animais têm ou não direitos garantidos, a não ser pela sua capacidade de sentir dor. Isso porque critérios como inteligência, ou raça citados por Singer (2013), deliberadamente excluem uma grande parcela dos animais por considerar que eles não têm interesse algum e, portanto, não deve existir nenhum tipo de dever moral para com eles. As proposições de Bentham foram revolucionárias e, a

partir delas, algumas leis que tratavam dos direitos animais foram criadas; apesar disso, o pensamento geral a respeito da inferioridade dos animais não humanos se manteve – e mantém-se ainda, em grande parte. Isso transparece na obra de Bazterrica, visto que em diversos momentos os personagens destacam sua superioridade em relação aos humanos utilizados no abate seja de forma explícita, fazendo observações quanto à inferioridade deles, seja de forma implícita, com atitudes que demonstram a não consideração dos interesses daqueles humanos.

Um exemplo é o Senhor Urami, diretor de uma fábrica que processa carne humana, boatos dizem “que as paredes de sua casa estão cobertas de pele humana, que mantém pessoas no porão e sente um enorme prazer em esfolá-las vivas” (Bazterrica, 2022, p. 20). A relação de superioridade entre os seres é ainda mais exacerbada quando os personagens homens se relacionam com as fêmeas criadas para reprodução e abate. Certa vez, um dos funcionários da fábrica estuprou uma delas até à morte e a sequência do que acontece com o homem é distópica: é aberto um relatório policial não para averiguar o crime de estupro, mas por causa de “destruição de bens móveis” (Bazterrica, 2022, p. 64).

Entre centenas de exemplos, o que fica explícito até aqui é que o ser humano se coloca em posição de destaque em relação aos animais não humanos e isso é o que justifica suas atitudes opressivas e violentas. Trata-se de algo profundamente enraizado — tendo tomado força antes mesmo do pensamento científico, trazido com o Iluminismo no século XVIII, se tornar tão importante para a humanidade — já que mesmo o texto bíblico cristão reafirma a posição superior do homem em relação a tudo o que lhe cerca: ele é o centro da criação, tudo é feito para que ele possa desfrutar e viver uma vida plena. Com o centramento no ser humano, estabelecido com o Iluminismo, naturalmente a definição do animal não humano tomou como ponto de partida o ser humano: o que é o animal não humano nessas circunstâncias? O animal não humano é aquilo que *não* é humano, aquilo que não é racional, que não tem a capacidade de falar, aquele que não demonstra sentimentos como os humanos. Essa definição arcaica, e tendenciosa, é usada em *Saboroso Cadáver* para legitimar as violências direcionadas à parcela de seres humanos destinada ao consumo e, deliberadamente, criada a partir de outras tantas violências que impedem esses seres humanos de socializar, de conseguir se comunicar verbalmente etc.

Cria-se, desse modo, dualismos que, segundo Karen J. Warren — filósofa americana que se ocupou em discutir as relações entre homem-natureza — trata-se de uma maneira de arranjar conceitualmente o mundo com termos binários:

visto como exclusivo (e não inclusivo) e de oposição (em vez de complementar) e onde um valor maior ou superioridade é atribuído a um disjunto (ou lado do dualismo) em relação ao outro” (1987, p.6),

Esses são a representação da posição de superioridade do ser humano, especialmente do homem ocidental. O ser humano é, dessa maneira, retirado de sua posição de animal e de sua correlação com a natureza, sendo colocado em um pedestal, onde tudo está diretamente posto em oposição a ele: ser humano x natureza; ser humano x animal;

A complexidade das definições que a Ecocrítica enfrenta nos dias atuais é proveniente de todo esse histórico discutido até aqui, de forma que não há consenso entre os estudiosos dessa área quanto ao melhor termo para ser adotado ao se discutir questões concernentes ao ser humano e sua relação com os demais animais existentes. Utilizar de termos como “ser humano” e “animal” recai na dualidade que esses termos, historicamente, constituem e não parecem, portanto, ser efetivos para se discutir essas questões sem colocar o ser humano em posição de destaque.

Entretanto, algumas expressões aparecem com certa frequência: homem/animal, animal não humano/ ser humano, ser humano/animal etc. Não há uma gama de termos a serem escolhidos, conforme apontado anteriormente, mas a tentativa é sempre buscar definições que não expressem relação de superioridade entre as espécies, uma vez que é justamente essa ideia de hierarquia que os estudos da Ecocrítica buscam desmantelar. Sendo assim, considerando a discussão proposta, os termos que mais se adequam ao que esse trabalho propõe são “animal não humano” e “ser humano” e estes serão adotados no decorrer dos capítulos seguintes.

### 1.1 “ANIMAL NÃO HUMANO”: A REVIRAVOLTA DA SENSCIÊNCIA

Apesar de todas as discussões a respeito dos direitos do animal não humano que sucederam as ideias de Jeremy Bentham, somente em 2012 o reconhecimento da sensciência dos animais não humanos foi oficialmente dado pela Declaração de

Cambridge sobre a Consciência em Animais Humanos e Não Humanos, apontando, finalmente, para a igual capacidade dos animais não humanos de experimentar sensações antes relacionadas apenas aos seres humanos:

A ausência de um neocórtex não parece impedir que um organismo experimente estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos têm os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados de consciência juntamente com a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são os únicos a possuir os substratos neurológicos que geram a consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e as aves, e muitas outras criaturas, incluindo polvos, também possuem esses substratos neurológicos<sup>1</sup>. (Low, 2012, p.2, tradução nossa)

Dessarte, a ciência contestou oficialmente o principal argumento levantado em relação a não sensiência dos animais não humanos: a diferença de tamanho do neocórtex, região do cérebro a qual se atribui a consciência. Dessa maneira, a comunidade científica reconheceu que animais não humanos são, também, senscientes:

Dizer que um animal é senscientes significa dizer que esse animal (a) tem a capacidade de sentir, e (b) que ele se importa com o que sente. “Importar-se com” implica a capacidade de experimentar satisfação ou frustração (subjetiva).

Para a Ética Animal em especial, dizer que um animal é senscientes equivale a dizer que o animal é (a) capaz de sentir dor e (b) desejar que ela acabe.

Isso significa, mais especificamente, que o animal percebe ou está consciente de como se sente, onde está, com quem está, e como é tratado. (Naconecy, 2006, p.117)

Esse reconhecimento contesta todos os argumentos levantados anteriormente a respeito do tratamento conferido aos animais não humanos que foram endossados por Descartes e outros de sua época: animais não humanos são, reconhecidamente, conscientes, sentem dor, diferentes sentimentos, têm interesse em evitar situações incômodas ou dolorosas etc.

---

<sup>1</sup>The absence of a neocortex does not appear to preclude an organism from experiencing affective states. Convergent evidence indicates that non-human animals have the neuroanatomical, neurochemical, and neurophysiological substrates of conscious states along with the capacity to exhibit intentional behaviors. Consequently, the weight of evidence indicates that humans are not unique in possessing the neurological substrates that generate consciousness. Non-human animals, including all mammals and birds, and many other creatures, including octopuses, also possess these neurological substrates.

A dor nada mais é do que algo sentido, um estado de consciência. A consideração feita por Descartes, e ferrenhamente confiada por séculos, aproximando animais a máquinas é infundada à medida em que animais não humanos, similar aos seres humanos, demonstram sentir dor de alguma forma. Não ter a capacidade de verbalizar com palavras esse sentimento não deveria ser motivo para inferir que ele não exista. Caso assim o fosse, não se poderia afirmar também que bebês humanos são incapazes de sentir dor e desejos já que também não têm a habilidade de verbalizar seus sentimentos e limitam-se a expressões corporais? (Francione, 2013).

A verdade é que se pode apenas supor que outros seres que não si mesmo têm sentimentos variados, haja vista que não há como sentir algo que atinge outro corpo e palavras não pressupõe a existência de algo apenas sentido. Ou seja, a capacidade que o ser humano tem de expressar seus sofrimentos com palavras não é o suficiente para garantir que exista realmente algum sofrimento e, portanto, a ausência dessa expressão não pode, igualmente, pressupor a ausência de sofrimento. Apesar disso, assume-se que outros seres humanos sentem dor por suas expressões corporais e palavras; tendo isso em vista, por que não presumir que animais não humanos — igualmente capazes de expressar desconforto e outros sentimentos de outras formas que não verbais — também passam por essas experiências?

Ao longo da obra de Bazterrica, existem muitas passagens que demonstram como o protagonista, além de outros personagens de destaque, percebem demonstrações de sensibilidade nos seres humanos utilizados no abate. Essas demonstrações são muitas vezes bastante simples, como, por exemplo, aparente medo de alguma represália física de alguém que está por perto, mas chegam a demonstrar total compreensão do que acontece ao redor como, por exemplo, quando tentam provocar um aborto para que o filho não tenha o mesmo destino que eles. Tudo isso, entretanto, é completamente ignorado pelos personagens que, tendo enraizado o pensamento de que animais não humanos não têm capacidade de sentir, descredita os sinais e perpetuam a situação em que se encontram.

Evidentemente, o reconhecimento por parte da comunidade científica da sensibilidade existente em animais não humanos é um passo importante, mas não é o suficiente para gerar uma rápida transformação na maneira como os animais não humanos são tratados na nossa sociedade, haja vista o profundo enraizamento desse pensamento. A questão central nessa discussão é, diante disso, a outremização do animal não humano, ou seja, o fato de que o ser humano sempre é colocado como o

eixo central enquanto tudo mais está relacionado, de alguma forma, a ele. A diferença é a base para a construção da identidade humana que se forjou sobre a ideia de que o lado animal do ser humano abrigava suas características mais primitivas, mais negativas, algo que tem suas origens profundamente encrustadas na história da humanidade, datando da Idade Média, embrenhada ao cristianismo:

[A] demonização porque esta (a animalidade) passou sob o peso do cristianismo ao longo da Idade Média, quando a parte animal que constitui a existência humana foi instituída como o lugar de todos os perigos. Ou seja, deslocada para fora do humano, ela foi confinada aos territórios do mal, da violência, da luxúria e da loucura, sob a designação de bestialidade. Para os adeptos dessa demonização, a parte animal, uma vez manifesta, despojaria o homem de sua humanidade, conduzindo-o ao grau zero de sua própria natureza. (Maciel, 2011, p.86)

Muito da nossa cultura é baseada na diferença. A cisão entre ser humano e animal não humano se trata, em essência, de uma questão de identidade humana — ainda que o ser humano seja um animal ele mesmo — uma vez que a ideia de humanidade foi construída partindo da dualidade homem/animal. Na separação do ser humano do animal, à parte animal ficou o estigma bestial, a ideia de incontrolável, de perigoso, enquanto a humana se apossou de todas as características opostas e, claro, positivas. Daí, surge e se nutre, então, o conceito de humanidade enquanto superior ao da animalidade que se mantém fortemente até hoje, apesar dos recentes avanços em relação ao tópico.

## **2. ECOLOGIA E ECOCRÍTICA; EXPANDINDO O ALCANCE ATRAVÉS DOS ESTUDOS CULTURAIS**

A palavra “Ecologia” comumente remete a problemas relacionados ao meio ambiente, à destruição de florestas, poluição de rios, do ar etc. Isso porque essas questões são urgentes e, naturalmente, recebem muita atenção quando se evoca esse termo. Contudo, ele se refere ao estudo da relação mantida entre seres vivos com o ambiente em que estão inseridos, sua natureza, não se atendo exclusivamente a relações que causem desequilíbrios no meio ambiente.

A origem do termo remonta ao século XIX, sendo atribuído ao biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919) para quem a Ecologia se define enquanto a ciência que estuda os seres vivos e suas interações com o ambiente, orgânico ou inorgânico, onde vivem. Evidentemente muitas outras definições surgiram ao longo do tempo, à medida que a ciência se tornava mais relevante na história humana, como uma tentativa de torná-lo mais abrangente. Entretanto, a ideia de se ocupar das relações entre organismos e as interações mantidas por eles com o meio ambiente se mantém ao fundo de todas as demais definições.

Apesar de antiga, foi apenas a partir da década de 1960 que a Ecologia se tornou verdadeiramente relevante para a sociedade. Com o aumento da complexidade das civilizações e também sua diversificação, a demanda de recursos da natureza se intensificou e, diante disso, a necessidade de melhor se compreender o meio ambiente se instaurou. Da mesma forma que a civilização se tornou mais complexa, o entendimento da humanidade acerca do ambiente em que está inserida também se transformou.

Os impactos negativos observados e estudados por essa ciência são apenas uma das ocupações que a Ecologia tem de lidar. Reconhecer as devastações, suas origens e prováveis efeitos no equilíbrio do planeta é a parte ambiental dos estudos que incluem, ainda, questões sociológicas e éticas. Isso porque não basta apontar os problemas que estão surgindo e se estabelecendo, é necessário também que se discuta maneiras de modificar a forma como o pensamento gerador desses obstáculos acontece. Ou seja, é preciso ponderar a respeito da relação do ser humano com a natureza, ser humano com o ser humano e, por fim, ser humano com os seres não humanos, englobando, dessa forma, todas as interações que integram o todo

estudado pela Ecologia. Isso porque, essa relação é a origem das problemáticas recentes:

Estamos enfrentando uma crise global hoje, não por causa de como os ecossistemas funcionam, mas por causa de como nossos sistemas éticos funcionam. Superar a crise exige compreender nosso impacto na natureza o mais precisamente possível; mas muito mais, exige compreender esses sistemas éticos e usar essa compreensão para reformá-los. (Worster, *apud*: Glotfelty & Fromm, 1996, p.21)

O berço dessas destruições é comumente atribuído às mudanças de pensamento que ocorreram a partir do século XVIII, com a evolução do pensamento filosófico ocidental. René Descartes (1596-1650) é, conforme já discutido, um grande responsável pela maneira inferiorizada como os animais não humanos são vistos, no geral, até hoje. Ele representa o pensamento do homem ocidental, sobretudo numa época em que a escravização dos povos dominados – os africanos e os nativos da América – era justificada pela potência dos países europeus. Os Iluministas, antes de tudo, foram grandes racistas, a exemplo de Kant, um de seus mais notáveis nomes. Em *Observação sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764), ele expressa:

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a provar, seja com um único exemplo, onde um Negro tenha demonstrado talentos, e afirma que dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, embora muitos deles tenham sido libertados, não se encontrou um único sequer que tivesse conquistado algo grandioso na arte ou na ciência, ou apresentado qualquer outra qualidade louvável; ao passo que entre os brancos sempre surgem aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião de fetiches que é espalhada entre eles é talvez um tipo de idolatria, que se afunda tão profundamente no ridículo o quanto é possível à natureza humana [...] Os negros são muito vaidosos, em sua natureza Negra e tão matracas que se deve separá-los a pauladas<sup>2</sup>. (Kant, 2011, p. 59)

---

<sup>2</sup> The Negroes of Africa have by nature no feeling that rises above the ridiculous. Mr. Hume challenges anyone to adduce a single example where a Negro has demonstrated talents, and asserts that among the hundreds of thousands of blacks who have been transported elsewhere from their countries, although very many of them have been set free, nevertheless not a single one has ever been found who has accomplished something great in art or science or shown any other praiseworthy quality, while among the whites there are always those who rise up from the lowest rabble and through extraordinary gifts earn respect in the world. So essential is the difference between these two human kinds, and it seems to be just as great with regard to the capacities of mind as it is with respect to color. The religion of fetiches which is widespread among them is perhaps a sort of idolatry, which sinks so deeply into the

O pensamento científico, bastante desenvolvido com o Iluminismo, trouxe consigo o centramento da natureza no homem e, partindo disso, ele passou a ser percebido enquanto o ser superior em relação a todos os outros na natureza, sobretudo em relação aos povos subjugados, recebendo o poder de explorar, oprimir, violentar o que está ao seu redor. O pensador camaronês Achille Mbembe, em *Necropolítica* (2018), diz que “o terror não está ligado exclusivamente à utópica crença no poder irrestrito da razão humana”, mas sobretudo se relacionada “a várias narrativas sobre a dominação e a emancipação, apoiadas majoritariamente em concepções sobre a verdade e o erro, o ‘real’ e o simbólico herdados do Iluminismo” (p. 21).

Feita essa ressalva, apesar da Ecologia ter ganhado espaço a partir da década de 1960, quando passou a ser considerada como uma ciência e as questões até aqui destacadas passaram a receber mais atenção, trata-se de um assunto bastante complexo e que exige um conhecimento profundo que, normalmente, não se expande a ponto de sair dos limites de seus estudiosos. Em 1962, entretanto, foi publicado o livro que é geralmente considerado o fundador do ambientalismo moderno e que ajudaria a expandir a Ecologia para a esfera cultural: *Primavera Silenciosa*, da bióloga marinha e escritora Rachel Carson (1907-1964).

O livro é uma denúncia ao uso desenfreado de pesticidas nos Estados Unidos e os efeitos que esse abuso geraria com transformações celulares nas plantas, conseqüentemente, afetando a saúde dos seres vivos que delas se alimentavam. Recebido com declaradas tentativas de desacreditar a autora e alvo de críticas até os dias atuais, a obra é iniciada com uma parábola bastante poética, intitulada *Uma Fábula Para Amanhã*, texto que tem um apelo literário bem marcado. Isso fica evidente ao se observar a ambientação da fábula:

A cidade ficava em meio a uma espécie de tabuleiro de xadrez, composto de fazendas prósperas, com campos de trigo e encostas de pomares, nos quais, na primavera, nuvens brancas de flores oscilavam por cima das campinas verdejantes. (Carson, 1969, p.11)

Além desse ambiente utópico, campestre, onde tudo parece fluir sem nenhuma interrupção ou obstáculo, clássico do período literário pastoral, há ainda a referência

---

ridiculous as ever seems to be possible for human nature. [...] The blacks are very vain, but in the Negro's way, and so talkative that they must be driven apart from each other by blows.

à literatura apocalíptica quando todo esse cenário perfeito e harmônico é destruído por uma praga que não se sabe de onde vem a princípio, mas que, mais ao fim, fica evidente que se trata dos efeitos dos abusos dos seres humanos com a natureza. A fábula é encerrada em tom de profecia, como um aviso para que os efeitos do texto não se concretizem fora dele:

Um espectro sombrio se espalmou por cima de nós, quase que sem ser notado; e esta tragédia imaginada poderá facilmente tornar-se dura realidade, de que todos nós devemos ter conhecimento. (Carson, 1969, p.13)

Esse apelo literário observado na obra de Carson possibilita, conforme apontado por Garrard (2006), uma análise a partir de estudos literários ou culturais, ou seja, analisar uma obra que discute problemáticas relacionadas à natureza e a relação existente entre ela os seres que nela convivem, o que recebe o nome de Ecocrítica. É nesse ponto que a obra de Carson fora tão importante, apesar das duras críticas que recebera por sua aproximação com a literatura, foi ela que expandiu as discussões da Ecologia para além de seus limites, trazendo-a para fora das dependências da academia e possibilitando um maior alcance e conhecimento acerca dessas questões.

O primeiro uso do termo “Ecocrítica” é normalmente atribuído ao americano William Rueckert (1926-2006), com a publicação de *Literature and ecology: an experiment in ecocriticism* [*Literatura e Ecologia: um experimento em Ecocrítica*], em 1978. A definição de Rueckert, entretanto, enfoca especificamente a ligação entre a ciência, a Ecologia e a literatura:

Especificamente, vou experimentar com a aplicação da ecologia e conceitos ecológicos ao estudo da literatura, porque ecologia (como uma ciência, como uma disciplina, como a base para uma visão humana) tem a maior relevância para o presente e o futuro do mundo que todos nós vivemos em relação à qualquer coisa que eu tenha estudado nos anos recentes. Experimentando um pouco com o título desse artigo, eu poderia dizer que eu vou tentar descobrir algo sobre a ecologia da literatura, ou tentar desenvolver uma poética ecológica aplicando conceitos ecológicos à leitura, ensino, e escrita sobre literatura<sup>3</sup>. (Rueckert, 1996, p.107, tradução nossa)

---

<sup>3</sup> Specifically, I am going to experiment with the application of ecology and ecological concepts to the study of literature, because ecology (as a science, as a discipline, as the basis for a human vision) has the greatest relevance to the present and future of the world we all live in of anything that I have studied in recent years. Experimenting a bit with the title of this paper, I could say that I am going to try to

O que fica explícito até aqui é que a Ecocrítica tem suas origens na relação direta entre Ecologia e literatura. Isso desde o surgimento do campo de estudo, ao ser sugerida a possibilidade de se analisar *Primavera Silenciosa* enquanto um texto literário, mantendo-se na aparição do termo. Essa relação expandiu-se para o campo dos estudos culturais como um todo ao longo do tempo e, com o aumento das pesquisas na área, diferentes autores definiram a Ecocrítica. Destarte, de forma geral, todas as definições têm essa relação entre análise de artefatos culturais com a discussão ecológica:

A definição mais ampla do objeto de estudo da ecocrítica é a de estudo entre o humano e o não-humano [sic], ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo humano. (Garrard, 2006, p.16)

Afinal, a relação mantida entre cultura e a ciência da Ecologia é o diferencial da Ecocrítica e, apesar de o foco de críticos dessa área não ser o estudo da Ecologia, há uma interdisciplinaridade intrínseca a esses estudos, assim como há nos estudos culturais.

No fim da década de 1980, Cherryll Burgess Glotfelty – então uma estudante de mestrado da Universidade Cornell – propôs a criação de uma antologia de textos críticos que, de alguma forma, tematizavam a relação ser humano-meio ambiente ao professor Harold Fromm que, juntamente com Glotfelty, assina a edição da antologia intitulada *Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* [O leitor ecocrítico: os marcos na Ecologia literária], publicada em 1996. É na introdução do texto, redigida por Glotfelty, que a primeira definição do termo *Ecocrítica* aparece:

O que então é ecocrítica? De forma simples, ecocrítica é o estudo da relação entre literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina linguagem e literatura de uma perspectiva gênero-consciente, e a crítica Marxista traz a consciência dos modelos de produção e da classe econômica para sua leitura de textos, a ecocrítica toma uma abordagem centrada na terra para os estudos literários. (Glotfelty, 1996, p.18, grifo da autora)

O diferencial da Ecocrítica é justamente se ater às relações entre o ser humano e o mundo no seu sentido mais amplo, sua relação com a terra, com as plantas, com

---

discover something about the ecology of literature, or try to develop an ecological poetics by applying ecological concepts to the reading, teaching, and writing about literature.

os animais de forma geral. Críticas ecológicas consideram como premissa fundamental a ideia de que o ser humano interage com o meio ambiente, afetando-o e sendo afetado por ele. A Ecocrítica considera igualmente essa relação, contudo toma como objeto de análise artefatos culturais, especialmente textos literários.

Muitos escritos foram levantados por Glotfelty, em torno de duzentos, o que, em suma, significa que havia já naquela época muitos críticos conscientes e dispostos a discutir as questões que envolvem a relação ser humano-natureza. Apesar disso, a Ecocrítica ainda não era um assunto consolidado na academia. Isso porque, conforme Glotfelty (1996), os textos que tratavam do assunto eram isolados em si mesmos, não havia um grupo organizado tentando levar o assunto a públicos maiores. Dessa maneira, apesar de alguns dos textos trazidos na antologia da autora datarem da década de 1970, não havia o reconhecimento da existência de um movimento crítico acerca dessas questões já que nem mesmo os autores que estavam fazendo esse trabalho conheciam outros críticos da área.

No início da década de 1990, os estudos literários ecológicos finalmente começaram a ganhar espaço no ambiente acadêmico norte-americano, com cursos na área ofertados em diferentes universidades. Em 1992 surge a *Association for the Study of the Literature and Environment (ASLE)* [Associação para os estudos da literatura e do meio ambiente], uma associação que reuniu muitos membros rapidamente, cuja missão era promover a troca de informações e ideias em relação à literatura e que considera a relação entre o ser humano e a natureza, além de encorajar pesquisas nessa área. A atuação dessa associação promoveu, a partir do ano de 1993, o estabelecimento da Ecocrítica enquanto uma vertente da crítica literária no cenário acadêmico enfocando, é claro, textos literários, mas não se atendo a eles e abrangendo também outros artefatos culturais e artísticos.

Diante do exposto até aqui, percebe-se que a Ecocrítica se preocupa em trazer e discutir, dentro dos estudos culturais, as questões ecológicas. Tais questões tanto são deixadas de lado que, conforme comenta Glotfelty (1996), nem mesmo os críticos que discutiam essas relações antes de sua antologia sabiam da existência de tal vertente. Os autores que se dispunham a fazer essa discussão eram tão isolados e não reconhecidos dentro da academia que nem mesmo eles sabiam da existência de outros autores que faziam trabalhos parecidos com os seus.

Relacionando Ecocrítica e feminismo, Glotfelty (1996) propõe uma aproximação entre as fases da crítica feminista e da Ecocrítica, apontando para uma

equivalência nos caminhos percorridos por ambas as teorias críticas, usando como base para sua aproximação as três fases da crítica feminista discutidas por Elaine Showalter em *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing* [*Uma literatura própria: Mulheres Romancistas Britânicas de Brontë a Lessing*].

A primeira fase do feminismo definida por Showalter (1999) preocupa-se com a maneira como as mulheres eram representadas na literatura canônica e em como a literatura de autoria feminina mantinha essas representações em suas produções. Da mesma forma, Glotfelty (1996) aponta para a primeira fase da Ecocrítica, quando se fala da forma como a natureza é representada na literatura, reconhecendo estereótipos relacionados a ela.

A segunda fase da escrita feminina ocupa-se de reivindicações das mulheres, na literatura de autoria feminina. Isso se mostra à medida em que a representação deixa de ser análoga às representações feitas por escritores homens. Há, dessa maneira, a redescoberta da literatura feminina da mesma maneira que a Ecocrítica busca recuperar textos que tratam da natureza, mas que haviam sido relegados ao esquecimento. Além disso, há ainda uma atenção maior aos autores que tratam de questões ecológicas em suas obras, partindo do entendimento de que o histórico de vida desses autores em muito influencia a maneira como seu trabalho é lido.

A terceira e última fase descrita por Showalter é a teórica, fase em que teorias são levantadas a fim de discutir questões relacionadas à construção simbólica de gênero e sexualidade na literatura. Essa última fase na Ecocrítica ocupa-se, analogamente, em discutir teorias que forneçam uma base para se pensar a maneira como o ser humano foi definido na literatura, como os dualismos tão presentes no pensamento ocidental separam, em última instância, humano e natureza.

Como se pode observar existe uma equivalência entre ambas as teorias de maneira que se tornou possível uma aproximação e, daí, começou a surgir uma nova área de estudo cujo tema é a conexão entre a dominação da natureza e a opressão da mulher. Nesse sentido, a Ecocrítica e o feminismo se encontram à medida em que ambos surgem da necessidade de se tratar de problemáticas marginalizadas dentro da academia pelos mesmos motivos: o homem, sendo ele o centro de tudo, marginaliza e deixa em segundo plano tudo aquilo que não é ele mesmo. Por que discutir problemáticas que enfocam a natureza em relação com o ser humano? Por

que discutir a situação da mulher na sociedade? Questões como essas, que não enfocam o homem, são desconsideradas por não serem vistas enquanto relevantes.

## 2.1. ECOLOGIA E FEMINISMO: SURGIMENTO E ÂNSIAS DO ECOFEMINISMO

O termo “Ecofeminismo” foi cunhado pela ativista pelos direitos do trabalho, ambientalista e autora feminista Fraçoise D’Eaubonne (1920-2005) em seu livro *Féminisme ou la mort* [*Feminismo ou a morte*], publicado originalmente em 1974 pela editora Pierre Horay, em Paris, no qual a autora convoca as mulheres para uma revolução em prol do planeta. D’Eaubonne fundou, em 1972, o chamado *Ecologie-Féminisme Centre* [*Centro Ecologia-Feminismo*], impulsionado por membros de seu antecessor, o movimento político chamado de *Front Reformiste* [*Fronte Reformista*], que havia abandonado o interesse em se discutir questões ecológicas para focar problemas como o aborto, o direito ao divórcio e a igualdade de oportunidades (Gates, 1996). O objetivo do centro era discutir de forma unificada feminismo e Ecologia, já que a autora enxergava problemas como a poluição e a degradação da natureza como originários de uma cultura masculina: “Um dos mais sérios problemas pesando na humanidade é a atual taxa de crescimento populacional. O outro, que é paralelo ao primeiro, é a destruição do meio ambiente<sup>4</sup>.” (D’Eaubonne, 2020, p.87, tradução nossa). Desse jeito, a proposta do movimento que vinha surgindo era que houvesse uma remodelação da sociedade, descentralizando o masculino e enfocando o feminino, mas não de forma a realocar todo o poder às mulheres, mas apenas retirar a ideia de poder de um sobre o outro. A definição do termo sofre algumas variações a depender do autor que o discute, a seguinte definição, entretanto, concentra bem a ideia que se pretende adotar aqui:

Ecofeminismo é um sistema de valores, um movimento social e uma prática, mas também oferece uma *análise política* que explora as conexões entre androcentrismo e a destruição ambiental. É “uma consciência” que começa com a percepção de que a exploração da natureza está intimamente ligada com a atitude do Homem Ocidental

---

<sup>4</sup> Une des deux plus graves menaces qui pèsent sur notre humanité est l’actuel taux de la démographie mondiale. L’autre, qui lui est parallèle, est la destruction de l’environnement.

para com as mulheres e as culturas tribais<sup>5</sup>. (Birkeland, 1993, p.18, grifos da autora, tradução nossa)

Ou seja, o Ecofeminismo extrapola os limites da academia discutindo as questões originadas no centramento do homem e sua ligação com a degradação do meio ambiente. A teoria surgiu a partir de diversos campos de investigação do feminismo e também de ativismos como movimentos trabalhistas, antinucleares e ainda movimentos em prol da libertação animal iniciados na Europa que foram se espalhando, tornando-se o tópico central de movimentos sociais, cursos e conferências ao redor do mundo.

Por volta de 1976, Ynestra King, professora e teórica ecofeminista norte-americana, desenvolveu o “eco-feminismo” em cursos ministrados no Instituto para Ecologia Social de Vermont. Em 1980, tornou-se um movimento como resultado da conferência intitulada *A vida das mulheres na Terra: Ecofeminismo nos anos 80*, organizada por King juntamente com outras ativistas e do protesto ocorrido no Pentágono contra a tecnologia nuclear para criação de armas, chamada de *Ação das Mulheres no Pentágono*, ainda no ano de 1980. Daí diversas outras conferências, antologias e ações políticas foram organizadas não só nos Estados Unidos mas também em países da Europa, Ásia, e América do Sul (Merchant, 2005).

Como o desenvolvimento do Ecofeminismo enquanto teoria e movimento social aconteceu de maneira simultânea, diferentes vertentes dele oferecem diversas contribuições à teoria em discussão, fazendo com que algumas diferentes perspectivas do próprio Ecofeminismo possam também ser analisadas nesse âmbito. Destacam-se aqui o Ecofeminismo cultural, o social e o socialista.

O Ecofeminismo cultural se desenvolveu com a segunda onda do feminismo, por volta dos anos 1970 motivado por Sherry Ortner, autora do artigo intitulado *Is Female to Male as Nature is to Culture?* [*O Feminino está para o Masculino assim como a Natureza está para a Cultura?*], no qual a autora argumenta que a mulher, historicamente e transculturalmente, é associada à natureza por questões fisiológicas, sociais e psicológicas. Isso porque, consecutivamente, a mulher tem a capacidade fisiológica de gerar filhos, o que traz consigo vários estigmas relacionados à menstruação, gestação, etc., além de ser relegada ao papel social de mãe e esposa

---

<sup>5</sup> Ecofeminism is a value system, a social movement, and a practice, but it also offers a political analysis that explores the links between androcentrism and environmental destruction. It is "an awareness" that begins with the realization that the exploitation of nature is intimately linked to Western Man's attitude toward women and tribal cultures.

dona de casa que, portanto, não participa do ambiente corporativo e, ainda, é vista enquanto um ser mais emocional.

Existe nessa perspectiva uma celebração da relação entre mulher e natureza através da retomada da visão ancestral da natureza enquanto a mãe, a deusa. Para as ecofeministas culturais os seres humanos são biologicamente sexuados enquanto seu gênero é definido socialmente, o que produz diferentes papéis para ambos. A visão negativa da mulher e sua relação com a reprodução é tomada como a origem de seu empoderamento, mas essa ode à mãe natureza é um ponto criticado nessa perspectiva, pois assume a ideia de que existem papéis biologicamente definidos para homens e mulheres além de que não se discute suficientemente o papel do capitalismo na dominação da natureza (Merchant, 2005).

O Ecofeminismo social busca uma reestruturação da sociedade de forma a tirar o ser humano do centro. Diferentemente da perspectiva cultural, aqui se busca a libertação da mulher através da superação das hierarquias sociais e econômicas que fazem com que todos os aspectos da vida sejam um produto de mercado. Acredita-se que a dominação da natureza acontece em decorrência da dominação do ser humano contra o próprio ser humano e que, portanto, acabar com todas as formas de opressão seria a única maneira de possibilitar uma sociedade ecológica em que nem o estado nem economias capitalistas atentariam contra a liberdade da natureza (Merchant, 2005).

Por fim, o Ecofeminismo socialista toma a categoria da reprodução como central e assume que a natureza não humana é a base para que seja possível manter toda vida e que coisas como alimentação e energia são essenciais à manutenção da vida humana. Contudo, os seres humanos devem criar uma relação sustentável com a natureza visto que ela é um sujeito ativo e não um objeto a ser dominado. Aqui se pressupõe fazer uma análise das transformações sociais e ecológicas e, além disso, sugerir ações sociais que possibilitem uma vida sustentável e, conseqüentemente, uma sociedade justa (Merchant, 2005).

Com o surgimento do Ecofeminismo ficou explícito que a constituição de conceitos advindos da dualidade, da diferença, não se restringe ao ser humano em relação aos animais, é ainda mais profunda que isso, se estendendo à diferenciação do homem em relação à natureza e à mulher. Entende-se, pois, que todos esses grupos sofrem opressões que têm em sua origem um denominador comum:

Aproveitando dos insights da ecologia, feminismo, e socialismo, basicamente a premissa do ecofeminismo é que a ideologia que autoriza opressões como aquelas baseadas em raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades físicas, e na espécie é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza. O Ecofeminismo luta pelo fim de todas as opressões, argumentando que nenhuma tentativa de libertar a mulher (ou qualquer outro grupo oprimido) terá sucesso sem que haja igual tentativa de libertar a natureza<sup>6</sup>. (Gaard, 1993, p.1, tradução nossa)

Ou seja, o homem se coloca em posição privilegiada, de maior poder e importância, em relação a tudo o que o cerca. Dessa forma, a mulher, de maneira similar aos animais não humanos, é relegada à posição de *outro*, sendo alvo de diversas violências em decorrência disso. Ao longo da narrativa de Bazterrica fica explícito na trajetória de Jazmín, através das diversas violências as quais ela é submetida, que não se trata apenas de ela ser considerada um animal não humano naquela sociedade, é mais profundo que isso, é o fato de ser uma fêmea que a coloca em posição tão drasticamente desvalorizada.

Da mesma maneira como o animal é definido por sua diferença com o ser humano, a mulher é definida por sua diferença com o homem, ou seja, “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial, “o homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 2009, p.17). A outremização da mulher dá-se por seu sexo, o homem é o humano absoluto enquanto a mulher se limita às atribuições de sua biologia:

A mulher? [...] é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto “fêmea” soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: “É um macho!” O termo “fêmea” é pejorativo não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. (Beauvoir, 2009, p.31)

Nesse ponto é indispensável explicitar a maneira pela qual essas violências se inter-relacionam, uma vez compreendida a forma como ocorrem separadamente. Discutiu-se anteriormente a forma como a humanidade se constituiu sobre a ideia de

---

<sup>6</sup> Drawing on the insights of ecology, feminism, and socialism, ecofeminism's basic premise is that the ideology which authorizes oppressions such as those based on race, class, gender, sexuality, physical abilities, and species is the same ideology which sanctions the oppression of nature. Ecofeminism calls for an end to all oppressions, arguing that no attempt to liberate women (or any other oppressed group) will be successful without an equal attempt to liberate nature.

ser superior à natureza e aos animais, estes sendo considerados inferiores, o que, portanto, torna aceitável a opressão imposta por aqueles. Essa relação de poder se dá também entre a própria espécie humana e, nessa configuração, a mulher é colocada em posição de inferioridade, as violências das quais é vítima advêm desse desfavorecimento social. É nesse ponto que se baseia o Ecofeminismo: já que as violências sofridas pelas mulheres, pela natureza e pelos animais são todas advindas do poder exercido pelo homem ocidental, é coerente que a luta contra esse paradigma seja feita de forma conjunta, ou seja:

o ecofeminismo descreve a estrutura que autoriza essas formas de opressão como o patriarcado, uma ideologia para qual a distinção fundamental do eu/outro é baseada em um senso de eu que é separado, atomístico. (Gaard, 1993, p.2)

Ou seja, dentro da teoria ecofeminista se entende que o patriarcado é o sistema que legitima e mantém as opressões direcionadas às mulheres, à natureza e aos animais. Dentro dos estudos ecofeministas variadas conexões entre as opressões sofridas pelas mulheres, as sofridas pela natureza e pelos animais não humanos são apontadas, visto que são indispensáveis para a compreensão do porquê os problemas discutidos pelo feminismo são também problemas da Ecologia e vice-versa. Um deles é o fato de que a maneira como o conceito de mulher e natureza foi historicamente criado na tradição intelectual ocidental, resultou em um desfavorecimento de tudo aquilo que é associado à mulher, à natureza e aos animais, ao passo que supervalorizou tudo aquilo que é relacionado ao homem, à cultura, à razão (Gaard, 1993). Outro exemplo dessa conexão seria a ligação existente entre a poluição do meio ambiente e a degradação da vida de mulheres e animais, haja vista que a documentação dos efeitos dessa poluição demonstra que ela atinge, primeiramente, mulheres e seu sistema reprodutivo juntamente com a saúde de crianças. Do mesmo modo, animais não humanos são também um dos primeiros atingidos, já que são utilizados em experimentos iniciais para testar o nível de toxicidade de químicos (Gaard, 1993).

O Ecofeminismo surgiu da compreensão de que os sistemas de opressão são reforçados mutuamente. O movimento ecofeminista, por conseguinte, ganhou impulso à medida em que começou a se consolidar a ideia de que a única maneira de se conseguir a libertação das mulheres é integrando a luta pela libertação da natureza ao movimento, isso porque ambas as opressões têm origem na constituição patriarcal

da sociedade, no fato de que o homem se coloca no centro. “Essa desvalorização se reforça mutuamente, por exemplo, as mulheres são associadas com a natureza e por isso são desvalorizadas; e a natureza é vista como feminina e por isso também é desvalorizada” (Kheel, 2019, p.25). Sendo assim, a mulher destacada no romance de Bazterrica carrega em si uma série de desfavorecimentos sociais que são advindos dessa relação homem-natureza-animais não humanos-fêmea: biologicamente ela é uma fêmea humana, o que já lhe confere status inferior e lhe aproxima da natureza; mas, além disso, socialmente ela é entendida enquanto um animal não humano, o que a afasta do ser humano e também a aproxima da natureza, também feminina, multiplicando seu status inferior de fêmea.

Existem alguns mal entendidos em relação ao Ecofeminismo, que precisam ser destacados. Primeiramente, seria possível argumentar que, já que o Ecofeminismo tem como base a ideia de que mulher e natureza são oprimidas pelo sistema patriarcal e tendo em seu histórico o envolvimento em movimentos em defesa do meio ambiente, o próprio feminismo já abarcaria as discussões de tal corrente. Contudo, o feminismo, sendo uma teoria que tem sua origem baseada na luta pela obtenção de direitos às mulheres especificamente não exclui a visão antropocêntrica, de maneira que algumas teorias feministas, conforme apontado por Birkeland (1993), são antropocêntricas.

Outro apontamento feito é que o Ecofeminismo teria bases dualísticas e, já que o dualismo é uma premissa patriarcal, seria bastante contraditório que o Ecofeminismo mantivesse esse traço tão criticado por ele. Essa compreensão errônea, argumenta Birkeland (1993), pode ter origem no fato de que as mulheres são todas reunidas em um único grupo para que se possa discutir sua aproximação com a natureza em termos de opressão. Isso, contudo, não quer dizer que a teoria ignore as particularidades vinculadas à raça, classe, nacionalidade, etc., existentes entre as mulheres ao redor do mundo; pelo contrário, reconhece essas diferenciações e as considera. A questão é que o Ecofeminismo percebe, em todos esses diferentes grupos de mulheres, um ponto no qual todas são similares: homens, no geral, exercem poder sobre as mulheres em diferentes aspectos de suas vidas, dentro dessas diferentes classes, nacionalidades, etc.

Há ainda a falácia que diz que o Ecofeminismo é incompleto, que é apenas uma ramificação de uma teoria “real” (Birkeland, 1993). Contudo, quando é conveniente separar as mulheres em um grupo marginal como uma forma de

assegurar o poder sobre elas, isso não é um problema e elas são, deliberadamente, apontadas enquanto separadas, marginais. Mas quando essa separação é tomada pela mulher enquanto uma forma de discutir as problemáticas vivenciadas por ela, isso lhe é negado.

Argumenta-se também que o Ecofeminismo seria anti-racionalista por sua defesa de uma identificação “espiritual” com a natureza. Essa conexão, contudo, não tem cunho religioso e se trata apenas de uma ode aos processos da vida sem levar em conta a utilidade ou não para os seres humanos (Birkeland, 1993).

A maior questão levantada contra o Ecofeminismo é, entretanto, a ideia de que a teoria seja essencialista, ou seja, que considere que a mulher possui uma natureza essencial, biológica ou espiritual que a conecta à natureza. De acordo com Birkeland (1993), essa falácia pode ser baseada no pensamento patriarcal que pressupõe uma divisão entre natureza e cultura. Contudo, o essencialismo seria inconsistente não só com o Ecofeminismo, mas também com a própria Ecologia e que a afirmação de diferença não é baseada na biologia, porém em questões históricas de socialização e do padrão de opressão da mulher. O fato é que a ideia de gênero é, entre outros, culturalmente construída semelhantemente com a maneira como se interage com a natureza o que acaba por influenciar nas diferentes formas como homens e mulheres agem em relação à ela. Não há meios, entretanto, de se afirmar, dentro de uma teoria que considera que todas as formas de vida estão interconectadas, que um grupo possa estar mais ou menos próximo à natureza.

Essa problemática ao redor da relação intrínseca entre natureza e mulher é apontada por Plumwood (2003) enquanto algo que não pode simplesmente ser ignorado por sua aparente visão ultrapassada, uma vez que essa conexão ainda hoje está ao fundo de boa parte do tratamento reservado à mulher e à natureza.

A inferiorização das qualidades humanas e dos aspectos da vida associados com a necessidade, natureza e mulher — da natureza como corpo, da natureza como paixão e emoção, da natureza como o pré-simbólico, da natureza como primitiva, da natureza como animal e da natureza como o feminino — continua operando para a desvantagem da mulher, natureza e da qualidade da vida humana<sup>7</sup>. (Plumwood, 2003, p.21, tradução nossa)

---

<sup>7</sup> The inferiorisation of human qualities and aspects of life associated with necessity, nature and women—of nature-as-body, of nature-as-passion or emotion, of nature as the pre-symbolic, of nature-as-primitive, of nature-as-animal and of nature as the feminine — continues to operate to the disadvantage of women, nature and the quality of human life.

Devido à manutenção desse pensamento no processo de inferiorização da mulher juntamente com a natureza não há subsídios para que essa conexão seja deixada de lado e se passe a discutir, exclusivamente, a interconexão entre todas as formas de vida. Isso porque, assim fazê-lo traria a ideia de que a mulher está para a natureza como o homem e que basta que homem e mulher busquem compreender a identidade humana em relação à natureza. Tal fato, contudo, só seria possível se a própria ideia de humanidade não fosse um problema, o que não é verdade já que o conceito de humanidade foi construído sobre a ideia de exclusão, negação e degradação daquilo que se concentra na esfera do feminino, do natural e daquilo que é associado à subsistência (Plumwood, 2003).

Nesse sentido, simplesmente negar a conexão tradicional entre mulher e natureza e não oferecer nenhuma outra maneira de se discutir essas questões não coloca, automaticamente, a mulher no ideal de humanidade visto que ele foi criado com base na diferenciação do feminino, o que originaria apenas uma nova versão de ser superior em relação à natureza, um novo “modelo mestre” (Plumwood, 2003, p.23). É imprescindível que se questione o modelo dominante de humanidade, caso contrário, ocorrerá apenas uma troca do pensamento de superioridade do homem em relação ao natural/feminino pelo pensamento de superioridade do ser humano em relação ao natural:

Um exame crítico da questão tem então de ter lugar de importância na agenda feminista para que esse modelo de humano e a relação do humano com a natureza altamente problemático não triunfe naturalmente. Se o modelo do que é humano envolve a exclusão do feminino, então apenas um feminismo raso poderia descansar em paz com a afirmação da “completa humanidade” da mulher sem desafiar esse modelo<sup>8</sup>. (Plumwood, 2003, p.23, tradução nossa)

Ou seja, o ponto central deve ser a contestação do modelo de humanidade que exclui a mulher e a coloca próxima à natureza, diminuindo-a, como a própria natureza, e não a relação que é feita entre mulher e natureza. Não fazer essa crítica apenas afasta a mulher da natureza, nega as aproximações que a objetiva e a coloca também em posição de superioridade.

---

<sup>8</sup> A critical examination of the question then has to have an important place on the feminist agenda if this highly problematic model of the human and of human relations to nature is not to triumph by default. Is the model of what it is to be human involves the exclusion of the feminine, then only a shallow feminism could rest content with affirming the ‘full humanity’ of women without challenging this model.

O feminismo se mostrou preocupado com a defesa dos direitos dos animais desde muito cedo e, dessa forma, a conexão feita entre essa teoria e a Ecologia parece algo inevitável, natural até. Apesar disso, a aproximação do Ecofeminismo com a defesa dos direitos do animal não humano é algo que demorou a ser discutido de maneira mais direta, mas que ganhou destaque principalmente a partir do trabalho de Carol Adams e Greta Gaard. A demora no enfoque é algo contraditório, uma vez que a violência sofrida pelos animais não humanos é a forma de opressão da natureza mais presente na sociedade. Afinal, a maioria das pessoas têm conhecimento dessa violência e participa dela através do consumo de carne, conforme aponta Adams (1993)

o consumo de animais é a forma de opressão animal mais difundida no mundo Ocidental, representando também a maneira mais frequente pela qual a maioria dos Ocidentais interagem com animais<sup>9</sup>. (p.196, tradução nossa)

Lori Gruen (1993) sugere que para que o Ecofeminismo tenha sucesso em sua empreitada é essencial que seja revista a maneira como os seres humanos interagem com animais não humanos. Caso contrário, a teoria acabaria por se tornar exclusivista, o que é incoerente com o que se defende. A necessidade em se discutir a questão do animal não humano dentro do Ecofeminismo vem do fato de que, na sociedade patriarcal, mulher e animal servem, simbolicamente, ao mesmo propósito: o de servir e de ser servido (Gruen, 1993).

Conforme apontado por Gruen (1993), a antropologia tem papel fundamental na conexão existente entre mulher e animais não humanos, uma vez que, sendo desenvolvida especialmente por homens brancos de classe média, teoriza acerca do desenvolvimento cultural humano e, nesse processo, atribuí papéis de serviência tanto à mulher quanto aos animais não humanos. Ao passo que, ao homem, foi atribuído o papel de maior destaque e prestígio, sendo ele o centro dos desenvolvimentos.

Uma teoria bastante conhecida nesse sentido é aquela que sugere que houve um ponto de virada na evolução quando o homem precisou se tornar caçador. Nessa teoria, a diferenciação entre o homem e o animal não humano surge da ação violenta

---

<sup>9</sup> the eating of animals is the most pervasive form of animal oppression in the Western world, representing as well the most frequent way in which most Westerners interact with animals.

e competitiva do homem em relação à sua caça. Esse mito do homem caçador criou a ideia da ação destrutiva do homem em relação aos animais enquanto natural e serviu de base para a conceituação do homem enquanto superior, dominante. Essa teoria é também responsável por criar uma separação entre homem e mulher, afinal, o fato de a mulher ser fisicamente menor, mais fraca e tendo o corpo preparado para a reprodução, a afasta do ambiente da caça e a aproxima do mesmo patamar “naturalmente” inferior que os animais não humanos (Gruen, 1993).

Outra teoria, seguindo adiante na História, diz que conforme as comunidades foram deixando de ser nômades e se estabelecendo enquanto agricultores e criadores de animais, mais trabalho surgiu. Com a necessidade de mais trabalhadores para suprir a mão de obra nas plantações, a mulher se tornou responsável por reproduzir para que houvesse mais trabalhadores apenas. Dessa forma, à mulher foi relegado o papel de reprodutora e aos animais não humanos a ideia de que eram apenas carne sendo produzida para alimentá-los (Gruen, 1993).

A dominação do natural veio com o estabelecimento da industrialização e a visão mecanicista do mundo que foi plantada com a revolução científica do século XVI. O detentor do conhecimento e o objeto passivo de estudo foram separados e distanciados, de maneira que se criou uma relação de poder entre ambos. Com isso seres vivos foram diminuídos ao status de máquinas de estudo apenas, colocando, também, o homem em posição superior em relação à mulher, aos animais não humanos e toda a natureza.

É possível perceber como a conexão entre mulher e animais não humanos é feita desde a constituição do conceito de humano e não humano e, portanto, é apenas lógico que essa aproximação seja pauta dentro da teoria aqui discutida. Considerando essa aproximação tão enraizada, Adams (2018) discute justamente a necessidade de uma teoria feminista-vegetariana, argumentando que, ao longo da história do feminismo, se percebe uma continuidade entre feminismo e vegetarianismo, ou seja, a recusa em participar da maior maneira de opressão animal:

Onde termina o vegetarianismo e começa o feminismo, ou onde termina o feminismo e começa o vegetarianismo? [...] momentos importantes da história feminista e figuras importantes da literatura feminina associaram o feminismo e o vegetarianismo de um modo que anuncia continuidade, e não descontinuidade.

A elaboração de uma teoria feminista-vegetariana inclui o reconhecimento dessa continuidade. Nossas refeições incorporam ou

negam princípios feministas pelas escolhas de comida que põe em prática. (Adams, 2018, p. 241-242)

A defesa dos direitos dos animais não humanos e a defesa dos direitos das mulheres, já que intrinsecamente conectados, deve acontecer de maneira conjunta, como parte de uma mesma agenda. O consumo de carne é, historicamente, um símbolo do poder masculino, de sua dominação, e, dessa forma, negá-lo é resistir a essa estrutura de dominação e reafirmar a independência da mulher. Essa defesa conjunta é uma realidade na história do feminismo, mesmo que não receba o devido destaque e seja, em determinados momentos, apagada ou mesmo negada dentro da teoria. Independentemente disso, é observável na vida e obra literária de grandes autoras feministas, como Mary Shelley, criadora da criatura naturalmente vegetariana de *Frankestein*, que argumenta com seu criador:

Se você consentir, nem você nem nenhum ser humano nos verá novamente: eu iria às vastas florestas selvagens da América do Sul. Minha comida não é a do homem; não destruo a ovelha e o cabrito para saciar meu apetite; bolotas e amoras me dão nutrição suficiente. (Shelley, 2017, p.154-155)

Mesmo obras tão antigas como a de Shelley, datada do século XIX, já demonstrarem essa conexão intrínseca entre feminismo e vegetarianismo, a negação dessa união de reivindicações acontece. Isso porque, apesar de a opressão de ambos os grupos ter a mesma origem e acontecer ao mesmo tempo, ela é experienciada isoladamente e de maneiras diferentes por mulheres e por animais não humanos.

Essa opressão das mulheres e dos animais, apesar de unificada pela estrutura do referente ausente, é experimentada em separado e de modo diferente pelas mulheres e pelos animais. Assim, trata-se de uma estrutura opressiva que, quando percebida, é frequentemente percebida em fragmentos e atacada de modo fragmentado; isto é, algumas mulheres trabalham para a libertação feminina, outras mulheres e também homens contestam a opressão dos animais. (Adams, 2018, p.245)

Dessa forma a conexão dificilmente é notada e, quando é, esse reconhecimento acontece de um jeito fragmentado. Desse modo, o feminismo, por vezes, enfoca a libertação das mulheres sem considerar a libertação dos animais não humanos enquanto outras mulheres, juntamente com homens, enfocam a libertação dos animais não humanos.

Ao longo da História, o vegetarianismo aparece como forma não só de ir contra a estrutura dominante, mas também de a mulher se afirmar enquanto sujeito de direito ao fazê-lo. Ou seja, sendo a mulher um sujeito livre e independente, ela tem o direito de tomar decisões éticas, como se recusar a comer carne. O consumo de carne é imperativo e, desse modo, ir contra ele é visto como uma ameaça à estrutura dominante; e é dessa recusa que se pode observar a maior demonstração de que a opressão da mulher e do animal não humano é, na verdade, uma única opressão. Isso porque em situações nas quais a estrutura dominante julga estar perdendo poder pela escolha da dieta vegetariana uma revolta passa a acontecer de maneira a reestabelecer o poder.

Tal fato fica bastante explícito em situações como, por exemplo, quando a falta de carne em refeições é usada como pretexto para que mulheres sofram violência doméstica ou, ainda, quando a reivindicação de direitos das mulheres em manifestações feministas despertam uma reação sarcástica. Como ocorreu quando Mary Wollstonecraft lançou *Uma reivindicação dos direitos da mulher* e foi respondida com uma obra satírica nomeada de *Uma reivindicação dos direitos das feras*, de Thomas Taylor, no qual o autor ridicularizava a obra de Wolstonecraft sob o argumento de que, o próximo passo, seria então exigir direitos para os animais, plantas e até mesmo para coisas (Adams, 2018).

A discussão acerca dos direitos dos animais não humanos, nesse contexto de falsa liberdade e poder máximo, é tornada ainda mais complexa devido à ignorância que persiste em relação ao assunto. Pessoas que comem carne normalmente não conhecem os processos violentos que envolvem a produção da carne que compram dentro de uma bandeja no mercado. Desse modo, não tendo conhecimento “carne” se torna um termo abrangente que significa apenas mais um tipo de alimento. Isso ao passo que aqueles que adotam uma dieta vegetariana têm muito conhecimento sobre esses processos e, portanto, têm muita propriedade para discutir a questão e exigir direitos. O poder do discurso, contudo, se encontra em posse daqueles que se alimentam de carne, é esse grupo que define os limites da discussão e o limite é claro: é aceitável se falar em melhores condições de vida para os animais de abate, que certas práticas sejam descontinuadas a fim de evitar “crueldade desnecessária”, que o processo de abate seja o menos doloroso possível, mas não é permitido se discutir os direitos desses animais, não é permitido falar em vegetarianismo nesses termos.

O direito da mulher de exercer sua liberdade e exigir direitos é, diante disso, apenas o exercício de uma falsa liberdade pois, a partir do momento que ela começa a fazer as escolhas que oferecem riscos à estrutura dominante — como ser vegetariana e difundir o vegetarianismo — acontece um novo cerceamento. Conceder aparentes melhorias nas condições em que animais são criados para a produção da carne não tem relação com a libertação dos mesmos, trata-se apenas de uma maneira de continuar perpetuando o uso deles:

Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. (Freire, 1987, p.17)

Trata-se de uma cultura do poder dominante que se auto-mantém, visto que o próprio grupo opressor define novos parâmetros aceitos, “liberta” em alguns aspectos, para que possa continuar exercendo seu poder em um movimento cíclico. Desse modo, a estrutura dominante perpetua seu poder amenizando as problematizações, fingindo dar-lhes atenção com uma resposta insatisfatória.

Conforme discutido até aqui, o Ecofeminismo preocupa-se em defender a natureza de forma conjunta, considerando não só as mulheres, mas também tudo aquilo que, como ela, é alvo de opressões e violências advindas da organização patriarcal do ocidente. Dentro desses estudos, é reconhecido um ponto de convergência entre animais e mulheres: a objetificação imposta à mulher, que a coloca enquanto um corpo sexualizado, encerrado em seus atributos femininos relacionados à maternidade, é também imposta aos animais que são diminuídos, majoritariamente, à ideia de alimento, destituídos de sua subjetividade. Ou seja, ambos são colocados em posição de menos importância em relação ao homem, sendo este o sujeito absoluto, o ponto central da natureza. Diante desse reconhecimento, Adams (2018) argumenta que o feminismo e vegetarianismo devem acontecer de forma conjunta. Isso porque, já que o animal não humano é oprimido da mesma maneira que a mulher, a defesa dos direitos dos animais não humanos é parte integrante da prática feminista que se mostra especialmente através da recusa em se comer carne.

### 3. ESPECISMO: A INFERIORIZAÇÃO COMO BASE À DEFINIÇÃO E AOS MODELOS DE OPRESSÃO ANIMAL

Nos capítulos anteriores muito se discorreu acerca de como a diferenciação é a base para a construção mútua do ser humano enquanto superior e do animal não humano como inferior. Isso ganhou força e argumentações, que por muito tempo foram tomadas enquanto verdade, durante o Iluminismo e se enraizou de tal maneira que até hoje os estudos em defesa dos animais não humanos lidam com as ideias cujas raízes estão naquele período.

Essa inferiorização da qual os animais não humanos são vítimas é utilizada como maneira de justificar as violências que lhes são direcionadas. O termo “especismo” que veio à luz no ano de 1970, cunhado por Richard Ryder em panfleto distribuído na universidade de Oxford, foi projetado no ano de 1975 por Peter Singer, com a publicação de *Libertação animal*, se refere justamente à essa discriminação existente entre espécies.

Desde que se iniciou a discussão acerca do especismo, diferentes definições surgiram, dentre elas duas se destacam. Primeiramente, a definição feita por Ryder (1976) que enfoca o ser humano enquanto agente do especismo por diferenciação ao definir o termo enquanto a discriminação do ser humano para com outras espécies. Outra definição surgiu pouco depois com a publicação do livro de Singer (2013), no qual o autor define o especismo adicionando a ideia de que há uma relação de interesse do ser humano sobre as espécies discriminadas, ou seja, a ideia de que o ser humano desfavorece outras espécies em favor da própria. Para Singer (2013, p.11) o conceito é definido enquanto “o preconceito ou a atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie, contra as outras”, diferenciando da definição de Ryder que considerava a discriminação puramente, aproximando especismo de racismo visto que, para ele, era também baseado em aparências

Apesar da definição de Ryder ter sido a primeira e muitas outras terem surgido à medida que o assunto ganhou relevância e credibilidade, elas mantêm em sua essência a desconsideração moral dos seres humanos em relação aos animais não humanos, aludindo à superioridade humana como o motivo pelo qual existe essa discriminação. Desse modo, a vertente mais discutida e relevante atualmente do especismo é a antropocêntrica.

Miguel (2020, p.4) traz uma definição do conceito, mantendo o que considera essencial das duas definições citadas no parágrafo anterior:

Especismo: A discriminação moral que tem por base a espécie à qual os indivíduos pertencem, isto é, a atribuição, ou reconhecimento, de diferente estatuto moral a certos indivíduos por serem da espécie que são.

Por “estatuto moral” se entende o interesse de bem estar que, em se tratando de seres humanos, vai além da sensiência e abrange também interesses mais complexos como o de justiça, de que suas necessidades sejam atendidas, de cumprir planos a longo prazo, etc. (Miguel, 2020).

Todo o enredo do romance de Bazterrica se baseia nessa vertente antropocêntrica do especismo e isso se mostra na obra com diversos apontamentos ao longo da narrativa que explicitam a maneira como os personagens lidam com os seres humanos criados para o abate. Existem diversas passagens em que as pessoas em destaque apontam para um estatuto moral inferior dos seres humanos criados para o consumo e, mesmo quando os alvos eram animais não humanos, essa superioridade humana foi o agente principal das atrocidades que dão início à distopia que se desenvolve na obra.

O especismo daquela sociedade apresenta-se de tal maneira que é possível fazer um paralelo bastante aproximado da realidade atual, de maneira que, nos parágrafos seguintes a forma como ele se apresenta nas sociedades atuais será exemplificada. Isso a fim de criar subsídios para que se compreenda os paralelos feitos pela autora em seu romance e que serão discorridos adiante.

No segundo capítulo de *Libertação animal*, Singer (2013) se dedica a detalhar diversas situações em que os animais não humanos são utilizados pelos seres humanos. Os exemplos trazidos pelo autor são provenientes de diferentes formas de usos: experimentos militares, psicológicos, científicos (feitos por cientistas sob o amparo de empresas e universidades) e também para a produção de carne e outros produtos de origem animal.

O primeiro experimento a ser destacado ficou conhecido como *Projeto X*, que foi desenvolvido por anos na Base Aérea de Brooks, localizada no Texas, e tinha como objetivo observar a capacidade de pilotar um avião após a exposição a altas doses de radiação. A fase final do experimento consistia em colocar macacos treinados em um simulador de voo que continha uma alavanca responsável por retornar a plataforma a

posição horizontal, isso enquanto experimentavam os efeitos de altas doses de radiação e agentes químicos de guerra. Além dessa última fase, entretanto, um longo treinamento acontecia para acostumar os macacos a executar a tarefa de retornar o simulador a posição horizontal, etapa na qual se utilizava choques elétricos para condicioná-los a manipular a alavanca. Uma vez aprendido o comando, os primatas eram submetidos a radiação e agentes químicos que comprometeriam sua saúde antes de serem encaminhados para a plataforma, a etapa final do experimento (Singer, 2013).

Experimentos psicológicos também são citados por Singer (2013), sendo um deles o desenvolvido por Harry F. Harlow, um pesquisador que trabalhou por anos no Centro de Pesquisas de Primatas, em Madison, Wisconsin. Harlow estudou os efeitos do isolamento de macacos de suas mães. Mais tarde, passou a estudar os efeitos do isolamento completo de bebês macacos, colocando-os em jaulas para que não tivessem contato com animais de qualquer espécie. Harlow tentou ainda provocar a psicopatia em macacos, mas não obteve sucesso e, além disso, seu experimento era completamente infundado, visto que em 1951, antes de Harlow sequer iniciar seus estudos com os macacos, John Bowlby, renomado pesquisador quanto à privação materna, já havia concluído, a partir de suas pesquisas realizadas em sua maioria com crianças órfãs, que tal privação poderia gerar graves efeitos no caráter da criança, podendo se estender por toda sua vida adulta. Mesmo diante desse e de outros fracassos de Harlow, ele continuou a experimentar com o psicológico de macacos ainda que tanto seus resultados inconclusivos quanto os estudos realizados com humanos de Bowlby demonstrassem a ilegitimidade de suas motivações para tais experimentos, já que tanto se poderia estudar macacos que haviam perdido a mãe, ou que haviam sido abandonados como também, igualmente ao que Bowlby fez, crianças humanas que estivessem em situação de abandono (Singer, 2013). Esses exemplos demonstram como, muitas vezes, os experimentos revelam puramente a postura opressora do ser humano para com os animais não humanos,

a prática de testes em animais não humanos, da maneira como é feita hoje, em todo o mundo, revela as consequências do especismo. Muitos pesquisadores infligem dor aguda sem a mais remota perspectiva de benefícios para os seres humanos ou quaisquer outros animais. Esses experimentos não são sempre isolados, mas parte de uma indústria poderosa. (Singer, 2013, p.53)

Existe uma moral humana que, no geral, não permite que seres humanos sejam utilizados para estudos — e que, em alguns momentos da história, foi também ignorado — e isso direciona os estudos àqueles seres que não desfrutam dessa moral, mesmo que não haja nenhum fundamento para que tal estudo seja feito. A experimentação com animais não humanos é uma indústria que se mantém sozinha, um estudo chega a resultados inconclusivos ou incompletos, isso justifica o início de outro estudo semelhante que gera novas perguntas e é a motivação de outro estudo etc., em um movimento cíclico que parece nunca chegar a um resultado satisfatório.

Há ainda, além dos macacos utilizados em diversos experimentos, os ratos que são frequentemente cobaias em estudos realizados para testes de medicamentos especialmente por se considerar que eles têm a fisiologia bastante parecida com a de seres humanos. Portanto, são uma alternativa a estudos em humanos sem que haja dados que demonstrem fortemente possíveis benefícios para os seres humanos e baixa incidência de riscos. Coelhos e cães são também frequentemente utilizados em estudos que visam assegurar a segurança de produtos, especialmente na indústria de cosméticos onde esses animais são submetidos a testes tópicos e oculares para verificar a incidência de alergias e sensibilidade. Atualmente, algumas transformações a respeito da experimentação com animais têm ocorrido como, por exemplo, a retirada da obrigatoriedade de testes em animais em fármacos realizada pelo *Food and Drug Administration* (FDA) em novembro de 2022 (Nagao, 2023) e a proibição do uso de animais vertebrados — com exceção de humanos — em testes cosméticos, de higiene e perfumaria que não possuam compostos previamente comprovados de segurança e eficácia que ocorreu no Brasil em março do ano seguinte (Liazibra, 2023). Todavia, trata-se ainda de um pequeno avanço visto que a utilização de animais não humanos está fortemente enraizada nos estudos científicos.

Por fim, a maneira mais explícita da opressão animal gerada pelo especismo é a utilização deles na indústria alimentícia, especialmente para a produção de carne, leite e ovos, origem do maior número de animais não humanos afetados. Nessa indústria, galinhas, porcos, vacas e bois são os mais comumente atingidos no ocidente, dentre esses enfoca-se aqui a utilização de bois e vacas visto que o paralelo feito por Bazterrica em seu romance enfoca essa espécie, concentrando nela diversas violências que atingem também outros grupos de animais não humanos, conforme exemplos, que reproduzem violências sofridas por vacas — a retirada do leite — e

galinhas — a mutilação para evitar atos violentos devido ao estresse — na indústria de alimentos:

Passam pelo setor onde ficam as leiteiras. Há máquinas que lhes sugam os úberes, como são chamadas pelo Gringo. (Bazterrica, 2022, p.29)

Ele desvia o olhar. Sabe que, em muitos criadouros, inabilitam aquelas que matam os fetos batendo a barriga nas barras, deixando de comer, fazendo qualquer coisa para que o bebê não nasça e morra em um frigorífico. (Bazterrica, 2022, p.30)

É possível discorrer acerca de inúmeras violências que acontecem dentro dessa indústria, a começar pela produção de leite. Conforme comenta Singer (2013), para que o leite seja produzido em larga escala e possa ser vendido em supermercados, os produtores garantem que as vacas leiteiras engravidem todos os anos, dessa forma a produção é ininterrupta. A produção do leite, entretanto, não é possível se o bezerro se alimentar do leite materno e, portanto, mãe e filhote são separados logo ao nascer e daí é produzido mais carne, outras vacas leiteiras e também a vitela que nada mais é que carne de bezerro ainda muito jovem. Essa produção gera inúmeros incômodos a esses animais não humanos:

A cena bucólica da vaca leiteira brincando com o bezerro no pasto não faz parte da produção leiteira comercial. Muitas são criadas em ambientes fechados. Algumas são mantidas em baias individuais, com espaço suficiente apenas para levantar e deitar. O ambiente é controlado: são alimentadas com quantidades calculadas de ração, a temperatura é ajustada para maximizar a produção de leite e a iluminação é regulada artificialmente. Alguns fazendeiros descobriram que um ciclo de 16 horas de luz e oito de escuridão produz melhores resultados. (Singer, 2013, p.201)

Isso tudo para que produzam leite por 10 meses e sejam novamente emprenhadas, reiniciando o ciclo. Esse processo pode ser repetido por cerca de cinco anos, quando essas vacas são, finalmente, descartadas e são também encaminhadas para o abate.

Há ainda os animais criados com a única finalidade de se tornar carne que experimentam certa liberdade em relação as vacas leiteiras já que, por alguns meses, são criados em pastos (Singer, 2013). Contudo com o crescimento da indústria e a ânsia de otimização da mesma, esse tempo em pastos vem diminuindo e esses animais passam a ser mais rapidamente encaminhados para currais de engorda:

A expansão dos grandes currais de engorda tem sido a tendência dominante na indústria bovina. Dos 34 milhões de bovinos abatidos em 1987 nos Estados Unidos, 70 por cento foram enviados para o abatedouro desses currais, responsáveis por um terço de toda a carne produzida no país. Aos currais de engorda são lucrativos, porque os animais ganham peso mais rapidamente quando tratados com grãos do que com pasto. (Singer, 2013, p. 205)

Por serem grandes, esses animais são colocados em espaços maiores quando em comparação com galinhas e porcos, por exemplo, mas as condições a que são submetidos ainda são bastante estressantes para eles. O objetivo de confiná-los em currais de engorda é fazer com que ganhem peso mais rapidamente e, dessa maneira, possam ser abatidos em um menor espaço de tempo. Para que esse objetivo seja alcançado, contudo, eles recebem uma alimentação a base de cereais que seus corpos não estão adaptados a receber, gerando desconforto e a necessidade de ingerir mais fibras, o que normalmente é alcançado a partir da ingestão de seus próprios pelos.

Cabe ainda um breve comentário acerca da maneira como galinhas são criadas nos grandes centros de produção. Estes foram os primeiros animais não humanos a serem industrializados em massa de maneira que confinar um grande número de exemplares foi um caminho rapidamente buscado. O confinamento em espaços muito pequenos faz com que elas fiquem estressadas, passem a apresentar comportamentos agressivos e comecem a bicar umas às outras chegando, por vezes, ao canibalismo. Esse comportamento é algo que diminui os lucros e, para que pare de acontecer, a solução buscada é a “debicagem”, técnica que consiste na mutilação da parte superior do bico para que elas não consigam mais bicar. Isso, em primeiro lugar, não apenas não elimina o estresse causador do canibalismo como, ainda, gera uma perda de peso na galinha por algumas semanas porque sentem dor no ferimento criado e não se alimentam normalmente.

Essas são apenas algumas das maneiras pelas quais o especismo se manifesta nas sociedades ocidentais, mas já oferecem um bom panorama para que se possa compreender melhor como a opressão do ser humano, que tanto se tem discutido até aqui, acontece na prática. O ideal do ser humano superior, do ser elevado, que se mantém ao longo da história, legítima e permeia essas práticas inaceitáveis de se realizar contra um outro ser humano de maneira que, muitas vezes, nem sequer são percebidas enquanto violências, tamanha a normalização que aconteceu.

### 3.1. A OPRESSÃO DA FÊMEA: APROXIMAÇÃO ENTRE FÊMEAS HUMANAS E NÃO HUMANAS

Em 1990 a ativista e palestrante americana Carol J. Adams publicou *A política sexual da carne*, livro no qual se popularizou o conceito de “referente ausente” aproximado à questão animal não humano/animal humano, sendo que, originalmente, o termo foi definido por Margaret Homans em livro de 1986, intitulado *Bearing the word* [*Promover a palavra*]. O conceito difundido por Adams oferece uma perspectiva mais palpável do que se vem discutindo até aqui, de como mulheres e natureza são igualmente oprimidas pela cultura patriarcal vigente no ocidente, especialmente partindo da ideia de que são tornadas “ausentes”, ou seja, são afastadas de sua posição de sujeito frente às experiências as quais são expostas. Adams especificamente discute a opressão do animal não humano e da mulher dentro desse contexto, o que é indispensável para a compreensão da argumentação proposta sobre a obra de Bazterrica.

No primeiro capítulo de seu livro, homônimo à obra, Adams (2018) discorre acerca de como comer carne é, historicamente, um símbolo de poder do homem. De acordo com a autora, em diversas culturas ao redor do mundo o consumo de carne é reservado aos homens enquanto que, às mulheres, os legumes, verduras e frutas são os alimentos à disposição. Isso baseado na crença de que homens necessitam de uma dieta mais rica em proteínas em relação às mulheres. A carne passa a ser associada à virilidade, à masculinidade, e ganha prestígio por esse mesmo motivo

a maioria dos tabus relativos à comida trata do consumo de carne e estabelece mais restrições para as mulheres do que para os homens. As comidas comumente proibidas para as mulheres são frango, pato e porco. Essa proibição nas culturas tecnológicas aumenta o prestígio da carne. (Adams, 2018, p.60)

Compreende-se, portanto, que a mulher, em muitas culturas, é privada do consumo de carne por questões ligadas ao gênero. Isso não quer dizer, entretanto, que mulheres não se alimentem de carne em contexto algum; contudo, conforme ressalta a autora, em situações de escassez, de pobreza ou mesmo no caso de pessoas escravizadas recebendo alimentação dos escravocratas, a maior porção de carne é deixada aos homens. Dessa maneira, fica fácil perceber como se alimentar

de carne tem uma aura masculinizada, carrega uma simbologia de poder, de força, de virilidade que vem sendo construída há séculos. Apesar de muitas vezes não ser tão perceptível na atualidade com os papéis de gênero sendo um pouco menos delimitados, continua sendo uma realidade bastante enraizada e que reverbera em diversos assuntos, incluindo a alimentação com base em carne.

Quando a discussão tematiza o comer carne, existe uma hierarquia que impera e que rompe as barreiras do sexismo, esbarrando também em questões de classe e de raça. Logo, comer carne não é algo que demonstra o poder apenas do ser humano em relação aos animais não humanos, mas, também, em relação ao homem branco e às mulheres, ao homem branco e ao não branco, ao homem branco abastado e ao pobre:

No século XIX os defensores da superioridade branca apoiavam a carne como um alimento superior. Os “trabalhadores do cérebro” precisavam de carne magra como principal componente de sua refeição, mas as classes “selvagens” e “inferiores” da sociedade podiam viver exclusivamente de alimentos mais ordinários — isso de acordo com George Beard, um médico do século XIX especializado em doenças de pessoas de classe média. Para ele, bem como para muitos outros, os cereais e as frutas estão abaixo da carne na escala de evolução, e por isso são os alimentos adequados às outras raças e às mulheres brancas, que também pareciam estar mais abaixo na escala evolutiva. O racismo e o sexismo, juntos, defenderam a carne como o alimento do homem branco. (Adams, 2018, p. 64)

Dessa forma, fica nítido como alimentar-se da carne de outros animais é a demonstração mais explícita que o homem branco ocidental dá quanto a sua ideia de superioridade diante de tudo que o cerca, e isso inclui as fêmeas de sua própria espécie. Ao longo da narrativa do romance esse status do consumo de carne fica explícito em diversos momentos, além do simples fato de ser um produto de alto valor agregado que é, inclusive, entregue como um presente ao protagonista, é uma demonstração de poder puramente. Um exemplo acontece quando Marcos se encontra em uma mesa rodeada de caçadores e lhe é servido um prato a base de carne humana: a carne servida é a de um cantor famoso que estava endividado e, legalmente, se propôs a passar uma semana em um local de caça para quitar sua dívida, se em uma semana ele não fosse abatido ele seria liberto, o que não aconteceu. Caçá-lo é algo que apenas pessoas muito ricas podem fazer, visto que não é comum naquele contexto que pessoas não animalizadas sejam transformadas em alimento:

Ninguém pode admitir em público que comeu uma pessoa com nome e sobrenome, exceto no caso do músico que assinou seu consentimento. Porém, Guerrero Iraola insinua só para demonstrar que pode pagar e por isso o convidou para almoçar, para esfregar isso na cara dele. (Bazterrica, 2022, p.130)

Comer carne daquelas pessoas criadas para esse fim já é algo de bastante prestígio naquele contexto, ter o poder de comer a carne de alguém que não faz parte dessa grupo de humanos é uma demonstração de poder ainda maior. Em contrapartida, vegetais são considerados alimentos de segunda classe e que, sendo assim, devem ser servidos a seres de segunda classe. Seguindo essa linha de raciocínio, homens que decidem se abster do consumo da carne são considerados menos masculinos e um padrão é formado: o homem é superior à mulher e é superior também aos animais dos quais se alimenta; por isso, come carne que é o alimento de seres superiores; a mulher e os animais não humanos são inferiores ao homem, por isso comem vegetais, que é alimento de seres inferiores.

A reverberação dessa relação de poder no consumo da carne é algo que remonta a tempos muito antigos, quando a tarefa de conseguir carne era, em muitas culturas, reservada aos homens. Sendo a carne um produto tão valioso nessas sociedades, quem tinha o controle sobre ele detinha, por consequência, o poder que ele representava:

A carne era um bem econômico valioso; quem controlava esse bem adquiria poder. Se os homens eram caçadores, então o controle desse recurso econômico estava nas mãos deles. O status das mulheres é inversamente proporcional à importância da carne nas sociedades não tecnológicas. (Adams, 2018, p. 70)

Diante desse histórico, vem à luz o motivo pelo qual o vegetarianismo e o veganismo, quando praticados por homens, são tão duramente criticados, sob argumentações baseadas em sexismo, com o uso de expressões como “coisa de mulher”; não comer carne é algo natural àqueles que são inferiores ao homem: daí a indignação de Marisa com a recusa do irmão em comer carne e o motivo de ela perguntar se ele se tornou um “veganóide” ainda nos primeiros capítulos do romance. Dessa forma, tudo o que envolve cozinha é considerado feminino, exceto o churrasco, já que produtos e utensílios utilizados no preparo desse prato são direcionados, em suas propagandas, para homens; isso porque eles são os grandes consumidores de

carne. Mulheres e natureza são inferiorizadas de maneira conjunta quando se normaliza que mulheres não precisam se alimentar de algo com tão elevado status como a carne, ao passo que os animais que viram carne são tão desconsiderados que têm essa finalidade exclusiva.

Essa aproximação da natureza e da mulher calcada na inferioridade de ambas em relação ao homem pode ser melhor compreendida tomando como base o conceito de “referente ausente”, discutido por Adams (2018): a carne é um símbolo de masculinidade, mas, para isso, animais não humanos precisam ser, primeiramente, subjugados, objetificados e tornados “ausentes”. Em última instância, o conceito de “referente ausente” Adams (2018) pode ser entendido enquanto algo que

[...] está ao mesmo tempo presente e não presente. Está presente por meio da inferência, mas sua significação se reflete apenas naquilo a que ele se refere, porque a experiência que lhe deu origem, literal, que fornece o significado, não está presente. Deixamos de atribuir a esse referente ausente a sua própria existência. (Adams, 2018, p. 80).

Da mesma forma como os animais não humanos, as mulheres são também relegadas ao papel de “referente ausente”. A mulher se torna um “referente ausente”, especialmente em casos de violência sexual, casos nos quais ela é diminuída ao seu sexo pura e simplesmente, se torna um objeto sexual e perde sua subjetividade, deixa de ser um sujeito com vontades, escolhas próprias. Outro exemplo de ausência da mulher é a indústria pornográfica que representa a mulher enquanto puramente um corpo sexualizado utilizando de associações ao “selvagem”, “animalesco” como forma de objetificar o corpo ali exposto.

No contexto do consumo de animais como alimento, o apagamento é realizado por meio do desfiguramento, o que Adams (2018) chama de “retalhamento” do corpo do animal, de maneira que ele não possa ser reconhecido em sua animalidade ao se tornar carne. Esse retalhamento acontece de maneira bastante literal, já que seus corpos são retalhados para que sejam comercializados enquanto alimento e, inclusive, para que sejam bem aceitos por seus consumidores. Procura-se deixar a “carne” o mais distante possível da ideia de que se trata de um animal morto no prato, não sem motivos frigoríficos são comumente construídos em locais afastados dos centros urbanos, desse jeito o retalhamento acontece longe dos consumidores. Dessa maneira, o produto que chega aos mercados tem pouca associação com um ser vivo,

já que tudo acontece longe dos olhares das pessoas, em um esforço para que o ato de comer carne não remonte à violência que é, por ele, pressuposta:

Os animais com nome e corpo tornam-se ausentes como animais para que a carne exista. A vida dos animais precede e possibilita a existência da carne. Se eles estiverem vivos, não poderão ser carne. Assim, o corpo morto substitui o animal vivo. Sem animais não haveria consumo de carne, mas eles estão ausentes do ato de comer carne, por terem sido transformados em comida. (Adams, 2018, p. 79)

É dessa maneira que os animais são destituídos de sua animalidade para que possam, inteiramente, se tornar alimento. Seguindo a mesma ideia de afastamento do referente original frente a um ato violento, a mulher se torna o “referente ausente” quando, por exemplo, animais são representados de forma sexualizada, evocando a imagem da mulher sensual, algo que destitui a mulher de sua subjetividade e a diminui a um mero objeto sexual, utilizado para chamar a atenção exclusivamente por seu sexo.

Da mesma forma, compreende-se que o animal é o “referente ausente” quando se associa, por exemplo, a expressão “pedaço de carne” para descrever a experiência da mulher vítima de estupro. Ambos são objetificados: a mulher, vítima de uma violência que acontece devido à ideia de que seu corpo é um objeto sexual, sem vontades e desejos a serem considerados, e o animal que é usado como algo banal, visto como algo inanimado e, por isso, associado a um corpo violentado como se fosse, da mesma forma, inanimado. Mulher e animal são objetificados, diminuídos em sua existência para um fim específico — o animal, ao consumo de carne, a mulher ao seu sexo — e se tornam o “referente ausente” um do outro. Nesse sentido, entende-se que mulher e animais não humanos são *referentes ausentes*, uma vez que deixam de existir enquanto sujeitos de direito, enquanto seres, para existirem apenas como objetos sujeitos ao uso do homem, o ser humano absoluto.

Essa ausência é obtida de três maneiras: literalmente, conceitualmente e metaforicamente. A primeira se refere ao fato de que os animais não humanos são mortos para que se tornem alimento, o que literalmente os torna ausentes. A segunda se refere ao fato de que variados termos são utilizados para transferir a ideia de um ser vivo para a de um alimento, como “carne” que é utilizado como um termo geral para se referir à “animais que serão comidos” mesmo que esse termo, originalmente, designasse apenas “alimentos sólidos”, como ainda pode ser percebido inclusive na

língua portuguesa com expressões como “a carne do coco”. No romance de Bazterrica, isso se apresenta com a criação do termo PGP (Primeira Geração Pura), por exemplo, para se referir aos seres humanos de abate de raça pura, os de mais alto valor econômico e social. A última se relaciona com o fato de que os animais não humanos são usados como metáforas para se referir às experiências humanas, como acontece em casos de estupro (Adams, 2018).

### 3.2. EVA, A FÊMEA SUPERIOR: O ESPECISMO DA FÊMEA HUMANA

Adams (2018) discute, além do conceito de referente ausente, a ideia de que mulheres e animais não humanos são “referente superpostos”. Com “superpostos”, a autora se refere ao fato de que existe, por exemplo, uma lembrança às violências sofridas pelos animais não humanos quando se fala das violências que atingem as mulheres, pois o referente animal é usado para se descrever a violência sofrida pela mulher e vice-versa. Ou seja, o referente ausente é superposto para que exista uma maneira de se referir a uma experiência de outro referente.

Essa superposição de referentes acontece em diversas situações sendo uma delas o estupro que geralmente vitimiza mulheres. O fato de expressões e conceitos que remetem às violências das quais animais não humanos são vítimas serem evocados para descrever o estupro de mulheres é um exemplo de como esses referentes são sobrepostos: a ideia de que a mulher foi tratada como “um pedaço de carne” nessas situações evoca um referente ausente — o animal não humano que é usado para que exista a “carne” — que é superposto à experiência que ela sofreu numa tentativa de qualificar a violência.

Há também o inverso, quando a violência sofrida pela mulher é usada como forma de descrever atos violentos direcionados à natureza e aos animais não humanos. Um exemplo de comum conhecimento seria a maneira como os animais não humanos são representados em anúncios de açougues. Comumente essas representações tornam os animais não humanos bastante sexualizados, com trajes e gestos que lembram mulheres em suas representações altamente sexualizadas. Nesse caso, a mulher é referente ausente, mas está sendo sobreposta à imagem do animal não humano oprimido nesse contexto.

Essa sobreposição de referentes faz com que haja a banalização das problemáticas envolvidas e ajudam a institucionalizar os valores patriarcais que assentam a base para essas opressões. Torna-se, conseqüentemente, tão comum e banal tratar animais não humanos como objetos, como comida, como seres inferiores em relação aos humanos que a mulher, mesmo sendo alvo das mesmas associações negativas, passa a participar dessa estrutura opressora, especialmente através do consumo de carne:

Dado que ao comerem carne as mulheres participam e se beneficiam do mesmo modo que os homens da estrutura do referente ausente, elas não atingem a distância pessoal que lhes permitiria perceber seu envolvimento na estrutura e a opressão original dos animais que estabelece a força da metáfora do retalhamento. (Adams, 2018, p. 82)

A ignorância da mulher em relação a isso tem papel importante na sua participação no sistema opressivo do qual ela é também vítima, visto que seu distanciamento faz com que ela se perceba mais próxima do homem, haja vista que é também humana, apesar de que o conceito de humano historicamente não inclui a mulher.

Adams (1993) discute o que chama de *Feminist traffic in animals* [O tráfico feminista de animais], utilizando-se de uma frase famosa na teoria feminista, “O tráfico de mulheres”, como forma de sugerir que existem semelhanças no tratamento de corpos vistos como “descartáveis”. Com o uso do termo, a autora discute a participação de mulheres no tratamento dos animais não humanos enquanto coisas, objetos:

Através do uso da frase “tráfico feminista de animais”, eu pretendo politizar o uso de corpos animais como comodidades. Servir a carne de animais em conferências feministas requer o tráfico feminista de animais — ou seja, comprar e consumir partes de animais — e anuncia que nós endossamos o tráfico literal de animais: a produção, o transporte, o abate, e o embalar de corpos animais<sup>10</sup>. (Adams, 1993, p. 197, tradução nossa)

A questão é que dentro da teoria feminista se considera que o pessoal é político e, considerando que oprimir animais é algo incoerente com o feminismo, decidir por

---

<sup>10</sup> Through the use of the phrase “feminist traffic in animals”, I wish to politicize the use of animals’ bodies as commodities. The serving of animal flesh at feminist conferences requires that feminists traffic in animals — that is, buy and consume animal parts — and announces that we endorse the literal traffic in animals; the production, transportation, slaughter, and packaging of animals’ bodies.

comer ou não comer carne não se trata de uma questão de estilo de vida, é também uma questão política. Entretanto, mesmo dentro da discussão feminista, existe a visão de que questões sociais, domésticas e políticas são separadas, o que faz com que a questão do direito animal seja pouco discutida e, até mesmo, revogada.

Isso, é evidente, não fica restrito a conferências feministas, mas o que se defende nesse ambiente é uma demonstração bastante pertinente, visto que as mulheres que estão mais ativamente envolvidas com o movimento e as teorias feministas são aquelas que mais teriam subsídios para negar o consumo de animais, nem sempre é isso que acontece, todavia.

Isso porque existe uma naturalização a respeito da ideia de que animais não humanos são comestíveis, se considera que animais não humanos não têm outra finalidade a não ser se tornar comida. A própria ideia de “finalidade” nesse contexto já adianta um pensamento de que os animais não humanos estão disponíveis para serem usados. Nesse contexto, não há outra finalidade para eles que não seja transformá-los em comida e é isso que os mantém vivos. Não há motivos, portanto, para que não sejam abatidos e transformados em simplesmente carne.

Diante do exposto, se compreende que existe aquelas que defendem a continuidade do tráfico de animais partindo de alguns argumentos que são discutidos por Adams (1993), a saber: a autonomia e o pluralismo. O primeiro diz respeito a defesa de que não se restrinja as conferências feministas a uma alimentação vegetariana, pois isso seria uma maneira de tirar a autonomia das mulheres envolvidas diante da escolha por comer ou não carne. Entretanto, falar em restrição de autonomia nesse contexto presume que não existe nenhuma negação de liberdade na escolha de uma dieta, mas e a liberdade do animal sendo servido como alimento? Os animais não humanos são tão fortemente desconsiderados que a discussão ignora a existência de um ser vivo com interesses no prato e o debate vai direto para a liberdade de escolha de quem está, ativamente, oprimindo esse ser vivo: “

a invisibilidade da opressão dos animais permite que o debate seja sobre a liberdade de indivíduos humanos, em vez de tornar a opressão dos animais visível<sup>11</sup>” (Adams, 1993, p. 210, tradução nossa)

---

<sup>11</sup> The invisibility of animals' oppression permits the debate to be about individual human's liberties, rather than making animals' oppression visible.

Nesse cenário, comer animais não humanos não é uma questão de autonomia, esse é apenas o nome que disfarça o privilégio que o próprio ser humano garantiu a si. Ao longo da narrativa de Bazterrica existe uma menção quanto a liberdade das mulheres que se destaca pela contradição da situação como um todo. Durante a visita do protagonista ao laboratório de Valka, a médica fala sobre como é difícil ser uma mulher que escolheu uma carreira profissional como meta de vida e decidiu por não constituir família: “Ela escolheu não constituir uma família e é cobrada socialmente por isso, porque as pessoas continuam pensando que as mulheres têm de cumprir com algum desígnio biológico” (Bazterrica, 2022, p.160). Valka, contudo, fala do cerceamento de sua própria liberdade enquanto oprime pessoas animalizadas diariamente em seu laboratório.

O segundo argumento em favor do consumo de animais não humanos, o pluralismo, diz respeito a ideia de que não servir carne em conferências feministas iria contra o pluralismo defendido pelo feminismo, visto que o consumo de carne faz parte das tradições culturais em muitos casos. Contudo, a defesa de que o animal não humano deixe de ser usado como alimento não se baseia nesse uso enquanto parte de uma tradição, mas sim nesse uso enquanto pura e simplesmente a manutenção de um privilégio, um rito de opressão (Adams, 1993).

Dessa forma, a mulher participa da opressão animal tanto por não ter conhecimento de que os processos violentos envolvidos na produção da carne têm a mesma origem das opressões da qual ela é vítima, como, também, por defender, através do feminismo, que o consumo de carne por mulheres seja mantido sob os argumentos citados. Isso, inconsistentemente, defende o direito de manutenção de um privilégio humano e ignora a opressão de outro grupo oprimido assim como ela própria.

#### 4. O DEUS HUMANO: ESPECISMO COMO BASE PARA TODAS AS DECISÕES

A realidade distópica apresentada ao leitor no romance de Bazterrica se desenvolve a partir do momento em que, tendo os animais não humanos se tornado uma ameaça aos seres humanos, a escolha feita foi simplesmente aniquilar a todos a fim de preservar a vida humana e sem considerar a vida não humana. O ponto central da narrativa tem início quando o personagem Marcos Tejo recebe de presente uma mulher da raça pura criada especialmente para a produção de carne humana, uma PGP (Primeira Geração Pura), como são chamados aqueles que estão na mesma situação que ela no romance. A partir do recebimento desse presente, a narrativa acompanha os dilemas morais nos quais o protagonista se embrenha e, além disso, dá um olhar mais próximo à maneira como esses seres humanos são tratados, como agem devido às condições em que são colocados dentro dessa nova organização social. A mulher, que mais tarde passa a ser chamada pelo protagonista de Jazmín, por conta do seu cheiro de flor, passa alguns meses em posse total dele enquanto o protagonista segue seus compromissos do trabalho no frigorífico e lida com seus problemas pessoais.

A narrativa é centrada, de maneira geral, em Marcos e Jazmín mas, apesar disso, há ainda alguns outros personagens que recebem certo destaque e representam algo bastante significativo dentro daquela sociedade. São eles: Cecília, Spanel, Marisa e Valka. A primeira é a esposa de Marcos; Spanel é dona de um açougue e antiga funcionária do frigorífico do pai do protagonista; Marisa é a irmã ausente de Marcos; Valka é a dona de um laboratório que realiza diversos estudos com seres humanos de abate.

Em relação a Marcos, a construção inicial do personagem gira em torno de sua indignação com o sistema que foi instaurado nos últimos anos. Ele tem total consciência de todo o processo de produção de carne humana devido a seu emprego e, além disso, reconhece as estratégias utilizadas para que as mudanças fossem bem aceitas e, com o tempo, naturalizadas:

Meia rês. Marreteiro. Linha de abate. Banho de aspersão. As palavras aparecem em sua cabeça e o golpeiam, destroçam-no. Mas não são apenas palavras. São o sangue, o cheiro denso, a automatização, o não pensar. Irrompem durante a noite, quando

ele está desprevenido. Acorda com o corpo coberto de suor, pois sabe que o espera outro dia de abate de humanos. Ninguém os chama assim, pensa, enquanto acende um cigarro. Ele não os chama assim quando tem de explicar a um novo funcionário como funciona o ciclo da carne. Poderiam prendê-lo por falar isso, poderiam inclusive enviá-lo ao Matadouro Municipal e industrializá-lo. (Bazterrica, 2022, p.15)

Uma das maneiras de naturalizar o consumo de carne humana nessa sociedade é a utilização de eufemismos como forma de mascarar o processo violento por trás daquela situação já tão normalizada. Isso fica explícito logo nas linhas iniciais do romance, que demonstram como Marcos é consciente desse movimento e, além disso, que se revolta com essa situação. Entretanto, sua aparente aversão ao sistema não o impede de tirar proveito dele em algum nível. Dessa forma, ele trabalha em um frigorífico a fim de dar uma vida mais confortável ao pai e mantém Jazmín em sua casa até ter o filho que tanto queria, participando consciente e ativamente do sistema que tanto condena. A partir disso, Marcos pode ser visto enquanto o representante da grande massa da população que, apesar de demonstrar aversão aos métodos de criação de animais não humanos para o abate, contribui para esse mercado de alguma forma. Isso porque, mesmo havendo certa repulsa ao processo de abate, seus próprios interesses prevalecem uma vez que se percebe em posição de superioridade em relação ao animal não humano abatido.

Quanto à irmã do protagonista, Marisa, há sinais desde sua introdução na narrativa de que ela aderiu muito bem às transformações que foram instauradas. Existem dois momentos principais do romance que essa personagem está presente: o primeiro, ainda nos capítulos iniciais, quando Marcos faz uma visita rotineira a sua casa; e o segundo quando acontece no funeral do pai deles. Em ambas as aparições, existem evidências de que ela aceitou a ideia de que os seres humanos criados para o abate são meros objetos, que não têm consciência ou interesses minimamente parecidos com os seus:

— [...] Não se comem pessoas. (Bazterrica, 2022, p.91)  
A irmã dele não tem livros. O título do livro é Guia para realizar a morte por mil cortes em cabeças domésticas. O livro tem manchas vermelhas ou amarronzadas. Sente vontade de vomitar. Claro, pensa, vai esquartejá-la aos poucos a cada evento, e isso da morte por mil cortes deve ser algo da moda, para que todas essas pessoas tenham um assunto do que falar. Todos em família cortando o ser vivo que está na geladeira,

usando uma tortura chinesa milenar. A cabeça doméstica olha-o com tristeza. Ele tenta abrir a porta, mas está trancada. (Bazterrica, 2022, p.169)

Ao se referir aos veganos de maneira pejorativa e afirmar com veemência que não se comem pessoas, conforme trechos destacados, é possível perceber como Marisa aceitou os novos termos daquela sociedade e passou a enxergar essa parcela de seres humanos da mesma maneira como os animais não humanos eram vistos antes da transição, sem questionar o sistema que se instaurou. Portanto, para ela, tratam-se de seres sem nenhuma importância, cujos direitos não são defendidos ou respeitados, uma vez que se compreende que eles sequer têm direitos já que são meros objetos a dispor dos seres humanos.

O enredo se passa na sociedade argentina, por tradição uma das mais carnívoras do mundo, com seus famosos métodos de preparo de carnes, cortes e assados. Recusar-se a comer carne, considerando o contexto, é algo vexatório, afinal não se trata de seres com importância — sequer são “seres” — não passam de meros “animais” e não “pessoas”, eles existem e foram criados apenas para satisfazer os desejos humanos e isso é totalmente enraizado. Dessa forma, é completamente aceitável manter um ser vivo em uma geladeira, mutilá-lo e cozinhá-lo aos poucos, como Marisa faz mais adiante na narrativa, para ganhar prestígio social, já que se trata apenas de um objeto de valor. Se ele é um objeto, manuseá-lo de qualquer maneira não pode ser visto como crueldade ou algo moralmente incorreto.

A esposa de Marcos, Cecília, apesar de ativamente aparecer pouco na narrativa, representa especialmente a classe feminina da população que não se dá conta de que o motivo pelo qual Jazmín sofre certas opressões é seu sexo e, portanto, atinge fêmeas de qualquer espécie animal, incluindo ela mesma. Cecília é enfermeira e se ocupa garantir o bem estar de outras pessoas porém, quando se trata de Jazmín, já que ela é vista como um animal não humano, a ética de sua profissão não se estende à ela, uma vez que ela é um “animal” e nem ao menos é sua responsabilidade enquanto profissional da saúde. A personagem acaba ajudando no parto da mulher nas linhas finais do romance, o faz contrariada, todavia, após explicitamente dizer que aquela mulher deveria ser

tratada por um “especialista”, ou seja, um médico que atende esses humanos animalizados.

Spanel representa o ponto de encontro entre os frigoríficos e a população, sendo essencial na normalização do novo sistema para a grande massa. Isso porque a personagem trabalha em sua própria loja de carne desde antes da transição; dessa forma, ela fez parte da criação das estratégias para que a substituição para carne humana acontecesse:

Spanel foi uma das primeiras a reabrir o açougue. Ele [Marcos] sabe que para Spanel o mundo é indiferente. Ela só sabe cortar carne e faz isso com a frieza de um cirurgião. A energia viscosa, o ar frio em que os odores ficam suspensos, os azulejos brancos pretendendo ratificar higiene, o avental manchado com sangue, tudo isso é indiferente para ela. (Bazterrica, 2022, p.40)

Abrir um açougue logo após uma crise sanitária grave como a que atingiu essa sociedade e iniciar os trabalhos de venda do novo produto sendo implementado representa um trabalho com grande importância para que o sistema instaurado tivesse o sucesso que teve. Mesmo que os governantes lançassem campanhas e leis que instituíssem o novo sistema, ele jamais perpetuaria se não houvesse a adesão de boa parte da população. Essa etapa do processo de transição ficou reservada àqueles que, assim como Spanel, vendiam o novo produto e tratavam de, aos poucos, acostumar os clientes com as mudanças. É significativo, além disso, que essa parcela do sistema seja representada por uma mulher no romance, pois se trata da classe subjugada trabalhando ativamente no subjugamento de outra classe inferiorizada, perpetuando seu status de objeto.

Há ainda certo destaque ao laboratório da doutora Valka, uma médica que comanda experimentos realizados em seres humanos. Os experimentos realizados no local são bastante protegidos por ela, não se sabe ao certo qual é o objetivo com eles ou mesmo quando terminarão. Levanta-se, dessa forma, a questão de que os testes realizados pela médica são simples demonstrações de poder: ela, em sua posição de cientista e humana usa de corpos “não humanos” como verdadeiros objetos para realizar pesquisas:

Vê espécimes sem olhos, conectados a tubos pelos quais respiram nicotina o tempo todo, outros com aparelhos na

cabeça, grudados ao crânio, outros que parecem famintos, outros com fiações saindo de todas as partes do corpo, vê assistentes realizando vivissecções, outros extraindo pedaços de pele de espécimes sem anestesia, vê exemplares em jaulas onde sabe que o chão está eletrificado. (Bazterrica, 2022, p.161)

Seus métodos são completamente desumanizados e carentes de qualquer ética, como o faziam os médicos nazistas durante o Terceiro Reich, a exemplo de congelamento de corpos, mudança de órgãos em gêmeos, cobaias para testar a hipotermia, testagem de medicamentos, enxertos, entre outras atrocidades. Um exemplo é o famoso médico da SS, Josef Mengele, conhecido como “Anjo da Morte” devido a seus experimentos contra os judeus em Auschwitz. Esse e outros episódios históricos em que seres humanos foram usados em experimentos são geralmente, contudo, considerados desvios da conduta humana e, em muitos casos, foram até mesmo mantidos em segredo por anos, ou seja, não se trata de algo normalizado como é no romance.

Da mesma maneira, em tempos anteriores naquela sociedade, ainda na contemporaneidade, certos parâmetros teriam sido respeitados a fim de assegurar os direitos humanos e, conseqüentemente, a validade de todo o processo de pesquisa. A normalização desses experimentos se restringia à utilização de animais não humanos antes da transição, então, mutilar pessoas, mantê-las engaioladas enquanto respiram substâncias tóxicas incessantemente, expô-las à dor física propositalmente como acontece no laboratório de Valka, jamais seria algo aceitável caso os seres humanos envolvidos não fossem os colocados na posição dos animais não humanos normalmente utilizados nesses casos, o que torna tais experimentos completamente legalizados, algo que ela mesma destaca como forma de endossar a validade e importância do seu trabalho:

— Acontece que o trabalho que fazemos no laboratório Valka é de vital importância porque, ao experimentarmos com espécimes [humanos], os resultados são outros. Com avanços significativos que nunca teríamos atingido com animais. Oferecemos um conceito diferente e avançado sobre o manejo dos espécimes, e nossos protocolos de trabalho são cumpridos rigidamente. (Bazterrica, 2022, p.159)

Compreende-se, então, que o processo de animalização pelo qual essas pessoas passaram é o que legitima as torturas às quais são impostas, é a ideia

de que são animais não humanos que legitima os testes e garante a Valka os espécimes para que eles aconteçam. A representação da classe científica é deixada a Valka, novamente uma mulher, que não mede esforços para seguir seus experimentos mesmo que eles pareçam não ter legitimidade alguma.

Apesar das diferenças na maneira como cada um desses personagens interage com o novo sistema, todos eles compartilham do fato de que, em algum nível, corroboram para que ele continue acontecendo, todos demonstram o especismo enraizado na sociedade em que estão inseridos de alguma forma. Marcos demonstra aversão a alimentar-se de “carne especial” (Bazterrica, 2022), mas, por outro lado mantém uma mulher em sua casa por meses e a trata como um mero objeto com o qual pode fazer o que quiser, até mesmo usá-la para ter um filho, como o faz, e, por fim, tira sua vida, descartando-a tal como faria com qualquer outro objeto, como se fazia com animais não humanos antes da transição. Cecília, apesar de aparecer bem pouco na narrativa, quando o faz fica mais horrorizada com o fato de seu marido ter engravidado uma mulher criada para ser carne do que com o fato de tê-la traído e, além disso, sugere que deveriam continuar abusando da mulher, como se fosse um simples objeto capaz de gerar filhos a eles, que deveria continuar sendo explorado para que seus desejos maternos fossem supridos. Marisa se incomoda com o fato de seus filhos chamarem de “carne” os seres humanos dos quais se alimentam, como se mudar o nome pelo qual se chama a pessoa em sua geladeira fosse o que lhe garantisse tranquilidade em continuar mantendo-a ali. Desse modo, ela prefere manter distância da realidade que vive, não a questionando de maneira alguma. Spanel, ao vender o produto e se encarregar de naturalizá-lo para a população, colabora diretamente para que o sistema continue sendo rentável e, portanto, permaneça. Por fim, Valka se revolta com o fato de que é pouco respeitada em sua área, que esperam que ela cumpra algum tipo de dever biológico e se torne mãe, que jamais é vista enquanto uma profissional, mas que, em vez disso, é vista enquanto um objeto sexual que deve se vestir e apresentar de determinada maneira para agradar os olhares alheios, ao mesmo tempo que trata outros seres como objetos em suas pesquisas.

Como esses personagens destacados são compreendidos enquanto representantes de grupos da população, o que se conclui é que, de certa maneira, toda a sociedade descrita é especista em algum nível e, por conta

disso, contribuiu para que o extermínio dos animais não humanos acontecesse e fosse justificado e, ainda, para que o canibalismo continue sendo algo normalizado entre eles. Peter Singer, em *Libertação animal*, argumenta:

A maioria dos seres humanos é especista. Os capítulos que se seguem mostram que seres humanos comuns — não uns poucos excepcionalmente cruéis ou insensíveis, mas a esmagadora maioria dos humanos — tomam parte ativa, concordam e permitem que seus impostos paguem práticas que exigem o sacrifício dos interesses mais importantes de membros de outras espécies a fim de promover os interesses mais triviais da própria espécie. (2013, p. 15)

Dessa forma, entende-se que mesmo aqueles que não o fazem de forma muito explícita ou ativa, contribuem para que a opressão direcionada aos animais não humanos continue acontecendo. No romance de Bazterrica, as atitudes variadas dos personagens destacados, desde aqueles que se mostram inconformados até aqueles que deliberadamente oprimem, são, em algum nível, especistas. O extermínio dos animais não humanos, quando eles se tornaram um risco a saúde humana, é apenas o reflexo de um especismo profundamente enraizado na sociedade descrita que, em última instância, legitima o assassinato de milhares de outros animais em prol do benefício humano.

É dito ainda nas páginas iniciais do romance que, de início, a cura para o vírus foi buscada com inúmeras pesquisas feitas a respeito. Entretanto, não se trata de uma preocupação com os animais não humanos, posto que o objetivo nunca foi preservar a vida saudável desses animais, mas sim uma atitude desesperada para manter todo o mercado que envolve animais não humanos, especialmente a indústria da carne. Dessa maneira, a partir do momento que se alimentar de animais deixou de ser uma opção, a primeira saída buscada foi encontrar uma outra forma de manter a alimentação rica em carne. Isso deixa evidente que sequer se cogitou encerrar o consumo de alimentos de origem animal, tendo em vista que é inconcebível *não* comer carne nessa realidade.

As medidas tomadas quando se iniciou a pandemia do vírus desconhecido jamais seriam tão facilmente aceitas ou mesmo cogitadas caso a doença acometesse seres humanos, mas fosse letal apenas para animais não humanos, ou seja, algo que não é justificativa para se tirar a vida de outros seres humanos é a primeira opção quando a espécie afetada é qualquer outra. Nos

últimos anos, com a pandemia de COVID-19, que matou milhões de seres humanos, isso se mostrou quando, por exemplo, 15 milhões de visons criados para produção de casacos de pele na Dinamarca, foram mortos por terem se infectado com uma variante da doença que seria ainda mais perigosa para os seres humanos (Aranha, 2020).

Conforme discutido nos capítulos anteriores, a relação do ser humano com a natureza como um todo é pautada nessa relação de sua superioridade em relação a todas as outras espécies; o especismo não é, portanto, algo novo na história da humanidade. Pelo contrário, trata-se de algo profundamente enraizado nos sistemas sociais e que se manifesta, fortemente, no ocidente, na existência da indústria da carne e no grande poder que tem. A transição começou a ser instalada na sociedade descrita no romance de Bazterrica especialmente por uma pressão do grande mercado movimentado por produtos de origem animal que, com a crise e o extermínio dos animais não humanos, estava estagnado. Esse foi o ponto central na decisão do governo por iniciar as atividades para que a transição para o consumo de carne humana fosse realizada.

Nesse ponto, talvez pareça estranho se falar em especismo quando os próprios seres humanos estão sendo levados ao abate em frigoríficos. Entretanto, como tudo isso começou a ser instaurado é o elemento que deve dar início a discussão da obra:

Depois da GGB tornou-se impossível continuar comendo animais, porque eles contraíram um vírus mortal para os humanos (Bazterrica, 2022, p.16).

Aquele monte de gatos e cachorros queimados vivos. Um arranhão significava morte. O cheiro de carne queimada durou semanas. Lembra-se dos grupos de escafandros amarelos que percorriam os bairros toda noite para matar e queimar qualquer animal que cruzasse pelo caminho. (Bazterrica, 2022, p.17)

Ou seja, diante do alto risco de contaminação e morte para os seres humanos, a saída encontrada para manter o vírus controlado foi a eliminação de todas as demais espécies de animais. Mesmo os animais de companhia não foram poupados, estando eles saudáveis ou não, eram eliminados de alguma maneira:

Ele pensa em seus cachorros. Pugliese e Koko. Teve de sacrificá-los, ainda que sabendo, suspeitando, que o vírus era uma mentira fabricada pelas potências mundiais e legitimada pelo governo e pela mídia. Se os abandonasse para não ter de mata-los, temia que os torturasse. Se ficasse com eles, poderia ser muito pior. Podiam tortura-los e os cachorros. Naquela época, vendiam-se injeções preparadas para que os bichinhos não sofressem. Vendiam-nas em todo lugar, até no supermercado. (Bazterrica, 2022, p.100-101)

Animais de companhia normalmente ocupam uma posição um pouco melhor na sociedade, uma vez que recebem cuidados e atenção sem que haja nenhum tipo de expectativa sobre eles. Para Marcos, seus cães eram importantes e não comparáveis aos animais com os quais lidava no matadouro de seu pai: “chega à sua casa. Sente falta do latido de Koko e Pugliese correndo atrás do carro na estrada de terra, ladeada de eucaliptos” (Bazterrica, 2022, p.104). Esse conceito é modificado, entretanto, a partir do momento em que manter os cães passou a ser arriscado para os seres humanos da casa. De modo que o protagonista decide pela eutanásia dos animais, matá-los torna-se uma opção viável para evitar que fossem torturados caso fossem simplesmente libertos ou, o que para ele seria ainda pior, que todos da família fossem torturados por continuar cuidando dos cachorros.

Dessa forma, nota-se que a posição de superioridade em que o ser humano se coloca nessa situação é bastante evidente, considerando que os animais não humanos são simplesmente dispensados a partir do momento em que até mesmo a convivência com eles se torna um risco à vida humana. Logo, fica explícito como a vida humana é supervalorizada nessa sociedade, enquanto a vida não humana é completamente destituída de qualquer direito ou consideração.

Nesse ponto, pode-se falar em como o especismo rege as escolhas tomadas por essa sociedade em três diferentes fases: pré-pandemia, durante a pandemia e pós-pandemia. Antes da proliferação do vírus, o especismo aparece como um paralelo direto com a sociedade real na qual animais não humanos, por serem vistos como inferiores, têm direitos negados e, dessa forma, são usados como alimentação, para executar trabalhos, como cobaias em pesquisas etc.

Durante a pandemia, essa problemática aparece com o ponto chave da transformação que acontece naquela sociedade: o extermínio de animais não

humanos para evitar que a doença letal se espalhe entre os humanos. Conforme Singer (2013), a única forma justa de se avaliar a igualdade entre seres é através do critério da sensiência. Isso porque se trata de um critério amplo que, diferente de critérios como a raça, a etnia, o nível de inteligência etc., não abre precedentes para que apenas os interesses de um grupo muito específico sejam considerados.

O limite da sensiência (usando o termo como uma redução conveniente, talvez não estritamente precisa, para a capacidade de sofrer e/ou experimentar prazer) é a única fronteira defensável de preocupação com os interesses alheios. Demarcar essa fronteira com outras características, tais como a inteligência ou racionalidade, seria fazê-lo de maneira arbitrária. Por que não escolher alguma outra característica, como a cor da pele? (Singer, 2013, p.16-17)

Tal princípio é, entretanto, totalmente desconsiderado na sociedade descrita, uma vez que o contágio de seres humanos por um vírus contagioso e mortal não seria um motivo para matá-los, porém foi um motivo válido para evitar a proliferação em humanos já que se tratavam de animais não humanos. Em uma sociedade na qual o limite do dever moral é tão facilmente alcançado, nesse caso bastou não ser humano para que matar fosse aceitável — algo que ganhou proporções ainda maiores e passou a ser válido até para animais de companhia — qualquer outra característica tão excludente quanto essa pode ser adotada. Em *Saboroso Cadáver*, o novo limite é delimitado rapidamente:

Em alguns países, os imigrantes começaram a desaparecer em massa. Imigrantes, marginais, pobres. Eles foram perseguidos e, talvez, sacrificados. A legalização foi levada adiante quando os governos foram pressionados por uma indústria bilionária que estava parada. Os frigoríficos e as regulamentações foram adaptados. Pouco tempo depois, começaram a ser criados como gado de corte para abastecer a demanda massiva de carne. (Bazterrica, 2022, p.17)

A superioridade com a qual o ser humano se identifica aqui fica explícita e, ainda, traz à tona outro preconceito do ser humano, dessa vez direcionado à sua própria espécie: a xenofobia. Com a falta de animais para o abate após o extermínio, nota-se que imigrantes começam a desaparecer de maneira que fica implícito que eles foram os primeiros humanos a serem levados para o abate e, posteriormente, comercialização como alimento. O especismo pode, então, ser

observado no período pós-pandemia no tratamento reservado aos humanos de abate: sofrem todas as violências que costumavam ser direcionadas aos animais não humanos de antigamente já que passam a ocupar essa mesma posição.

Aqui, é relevante destacar o conceito de “necropolítica” (2018), do pesquisador camaronês Achille Mbembe, que expressa como certos corpos no mundo estão fadados a políticas de morte – como os escravizados africanos no passado e os palestinos no presente – e quem exerce o poder de executar tais mortes, a quem ele chama de atores do “biopoder”. O autor relembra o nazismo e pontua que “mecanizada, a execução em série transformou-se em um procedimento puramente técnico, impessoal, silencioso e rápido. Profundamente, tudo parte da ideia de que existem seres cujas vidas são mais importantes — ou, simplesmente, são importantes — de maneira que é plausível exterminar, objetificar, escravizar alguns em benefício de outros. Essa ideia é regida por algo ainda mais embrenhado nas sociedades ocidentais: os dualismos que separam qualquer coisa em grupos distantes e opostos (Warren, 1989).

O dualismo é algo bastante presente em sociedades ocidentais e, na obra de Bazterrica o fato não haver mais animais não humanos para serem subjugados e inferiorizados não faz com que o dualismo humano/animal não humano deixe de existir, há apenas uma transferência considerando outros critérios. Não havendo mais animais não humanos para ser objetificados e usados como alimento, outro aspecto dualista foi destacado: imigrantes, pessoas marginalizadas constantemente vítimas de preconceitos. Dessa forma, legitimou-se o consumo de seres humanos considerados inferiores, colocados na exata posição social que os animais não humanos costumavam ocupar. Os critérios dualistas se tornaram ainda mais excludentes que os anteriores: antes o limite era o ser humano no geral considerado superior em relação aos animais não humanos, após a crise o limite foi reestabelecido e passou a ser uma “raça” de humanos em detrimento da outra. Da mesma forma, após a transição, com a criação da raça de humanos dispensados exclusivamente ao consumo emergiram outras formas de subjugamento e especismo.

Apesar de se tratar de seres humanos, é indispensável, então, a compreensão de que, dentro daquele contexto, essas pessoas foram colocadas na mesma posição de inferioridade que os animais não humanos costumavam ocupar; portanto, o especismo é sim o que gera todas as opressões a que são

submetidos. Portanto, além de eles passarem a sofrer todas as violências que os animais não humanos eram alvo, passam ainda a sofrer outros tipos de violências que só são possíveis devido ao fato de serem seres humanos: abuso sexual, escravidão etc.

A violência em si não é algo novo, mas as circunstâncias dependem da posição de objeto de posse que elas passam a ocupar. O especismo que originou o ataque aos animais não humanos; portanto, é a base para toda a situação em que a sociedade se encontra, não sendo, apesar disso, o responsável único por manter e criar todos os novos padrões e legitimações descritos ao longo do romance, outros dualismos enraizados naquela sociedade contribuíram fortemente para que o sistema se instaurasse e conseguisse se manter.

#### 4.1. JAZMÍN, UMA COSTELA MENOS IMPORTANTE: SABOROSO CADÁVER E A COISIFICAÇÃO DA FÊMEA

Ao longo do romance de Bazterrica, Jazmín representa uma janela para visualizar a maneira como as fêmeas no geral são vistas naquela sociedade: ela, sendo uma humana colocada em posição de não humana, não é vista enquanto uma mulher. Sendo vista enquanto um animal não humano, é objetificada, tornada um mero alimento, um mero objeto para uso do protagonista. Essa personagem passa por um processo de *coisificação* bastante explícito, tomando como base para tal, sua condição enquanto fêmea.

Dessa forma, cabe discutir a trajetória de Jazmín por dois caminhos que, ao fim, convergem e se unificam: o primeiro analisa o processo de animalização pelo qual a personagem passa; o segundo, como ela passa a ser vista enquanto um objeto, uma coisa apenas, seu processo de coisificação, portanto.

Para se falar em *animalização* da personagem destacada, é necessário delimitar bem o sentido e o peso que isso carrega dentro do contexto da obra. A sociedade criada por Bazterrica faz um paralelo com a realidade de maneira a discutir, em formato de distopia, a forma como uma parcela dos seres humanos são postos em posição de animais não humanos e passam a ser explorados da mesma maneira. O que é preciso evidenciar nesse ponto é o seguinte: nessa

sociedade, animais não humanos — na realidade, a natureza como um todo, mas com destaque para os animais — não têm seus direitos reconhecidos e são vistos enquanto inferiores aos seres humanos. Trazer uma parcela dos próprios seres humanos para essa classe inferiorizada é, conseqüentemente, destituí-los de qualquer consideração que antes tivessem, é retirar-lhes a posição de sujeito de direito e colocá-los na posição de objetos à dispor dos humanos que antes era ocupada pelos animais.

Essa revogação de direitos, entretanto, acontece sob muito esforço para forçar a naturalização da ideia de se explorar seres humanos da maneira como se costumava explorar animais não humanos anteriormente. Isso posto, uma série de estratégias são utilizadas, tanto pelo governo quanto por alguns grupos da sociedade a fim de, aos poucos, acostumar a massa social com a solução proposta e, conseqüentemente, alcançar sucesso com a institucionalização do novo sistema.

Essas estratégias são exploradas desde as páginas iniciais do romance e manifestam seus resultados na maneira como essa parcela de seres humanos é tratada e utilizada no dia a dia das demais pessoas. Uma das formas de naturalizar o sistema implementado na narrativa é explícito logo nos primeiros parágrafos da obra: a linguagem. O ser humano é a única espécie animal a possuir linguagem verbal, que é bastante complexa e, frequentemente, usada como um argumento para defender a superioridade da inteligência humana em relação aos animais não humanos.

Saussure (1857-1913) defende em *Curso de linguística geral* a ideia de que os signos são arbitrários e, portanto, não têm uma relação direta com o referente ao qual se direcionam. Compreende-se, dessa forma, que não há uma relação explícita entre, por exemplo, a palavra “mesa” e o objeto ao qual essa palavra se refere no mundo real. Existe apenas uma convenção social, um acordo entre os falantes da Língua Portuguesa de que essa palavra se refere àquele objeto e, sendo assim, o termo evoca esse significado toda vez que é usado (Saussure, 1916). Desse modo, o nome que se dá a um objeto é válido e tem determinado sentido dentro de uma língua porque, socialmente, ficou decidido que assim seria. Em relação a isso, Fiorin (2013) argumenta:

A linguagem é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e eles ordenam a realidade, categorizam o mundo. Por exemplo, criamos o conceito de nascer do sol. Sabemos que, do ponto de vista científico, não existe nascer do sol, uma vez que é a Terra que gira em torno do Sol. Contudo, esse conceito, criado pela linguagem, determina uma realidade que nos encanta a todos. (Fiorin, 2013, p.17)

Dessa maneira, na sociedade descrita no romance de Bazterrica, essa arbitrariedade da linguagem verbal é usada de maneira a ressignificar os termos comumente utilizados para se referir à carne e aos seres humanos que a fornecem:

Acorda com o corpo coberto de suor, pois sabe que o espera outro dia de abate de humanos.  
Ninguém os chama assim, pensa, enquanto acende um cigarro. Ele não os chama assim quando tem de explicar a um novo funcionário como funciona o ciclo da carne. Poderiam prendê-lo por falar isso, poderiam inclusive enviá-lo ao Matadouro Municipal e industrializá-lo. Assassiná-lo seria a palavra exata, embora não permitida. Enquanto tira a camiseta embebida de suor, tenta afastar a ideia persistente de que são isto, humanos, criados para ser animais comestíveis. (Bazterrica, 2022, p.15)

Ou seja, da mesma maneira que, naquela sociedade, havia termos específicos para se referir aos animais não humanos enquanto alimento ou objetos de valor que eram reconhecidos por todos e usados convencionalmente, com a transição, criaram-se termos para se referir aos seres humanos que passaram a ocupar essa mesma posição. Dessa maneira, abandonar e proibir palavras como “assassinar” e “humanos”, conforme trecho levantado anteriormente, quando usadas em referência à classe de humanos criados para o abate é uma estratégia linguística para modificar a maneira como tais atos são vistos na sociedade: se antes animais não humanos eram “abatidos” e não “assassinados”, eram “carne” e não “seres vivos”, etc. e agora um grupo específico de seres humanos ocupa essa posição na sociedade não se pode dizer que eles são vítimas de assassinato ou que, sequer, são seres humanos. Uma maneira bastante palpável de *coisificar* o animal usado como alimento é através da linguagem como acontece no sistema implementado na sociedade do romance em questão. Ou seja, criam-se conceitos diferentes de *animal*, algo vivo, inteligente, com vontades e desejos: um animal criado para ser comida é

chamado de nomes criativos, que não evoquem sua vida, como carne, vitela, frango etc.

O conceito de “referente ausente” de Adams (2018) se relaciona ao fato de que o referente animal é estrategicamente esquecido, apagado do “produto” final, ou seja, da carne que serve de alimento ao ser humano. Essa “ausência” dos animais não é, entretanto, literal, uma vez que a presença de seus corpos é constante. Apesar disso, há um esforço para que não sejam reconhecidos em sua animalidade. Logo, nessa realidade onde alguns seres humanos ocupam essa mesma posição na sociedade — objetos de valor, materiais de consumo, alimento para humanos — termos que evoquem a humanidade, ou simplesmente a ideia de que se tratam de seres vivos, das pessoas utilizadas no abate, são completamente cerceados de maneira que essas pessoas passem a ser vistas enquanto meros objetos que estão à disposição dos seres humanos. Ou seja, se antes da transição nomes como “bisteca de porco” e “bife” eram utilizadas para se referir aos animais não humanos usados como alimento, no pós transição nomes como esses começaram a ser utilizados para se referir aos humanos vendidos como comida:

“Para minha família, eu dou alimento especial, a carne de sempre, só que mais gostosa”. Todos sorriem e comem. O governo, seu governo, decidiu ressignificar esse produto. A carne humana era agora “carne especial”. Deixou de ser apenas “carne” para ser “lombo especial”, “costela especial”, “rim especial”. (Bazterrica, 2022, p. 18-19)

Tornar ausente os seres humanos nessa situação através da linguagem foi uma estratégia indispensável para que o sistema se instaurasse verdadeiramente naquela sociedade, isso porque esse movimento de renomeação ajudou as pessoas a se acostumarem com o novo produto a partir da associação deles a algo inanimado, um objeto, um *animal*, portanto:

Quando Spanel abriu o açougue, imitava os tradicionais cortes bovinos para a mudança não ser tão abrupta. Se alguém entrava, logo pensava que estava em um açougue de antigamente. Com o tempo foi mudando de forma gradual, mas constante. Primeiro apareceram em um canto as mãos embaladas a vácuo, disfarçadas entre os bifés à rolê, a fraldinha e os rins. A embalagem tinha etiqueta de carne especial e, em outra parte, o esclarecimento de extremidade superior, evitando,

estrategicamente, colocar a palavra mão. (Bazterrica, 2022, p.41)

Há ainda outra demonstração da *coisificação* desses seres humanos a partir da linguagem logo na introdução de Jazmín na narrativa, quando a personagem é entregue ao protagonista como um presente de um de seus clientes e passa alguns meses em sua casa. Jazmín é entregue como se fosse uma encomenda, um objeto de valor como se espera em uma realidade na qual ela ocupa a posição de animais não humanos e, portanto, é vista como um animal não humano.

Alguém bate palmas e grita seu nome.

— Olá, sr. Tejo?

— Olá. Sim, sou eu.

— Trago um presente do Gringo. Assina aqui?

Ele assina sem prestar atenção no que está assinando. O homem entrega um envelope a ele e depois vai até o caminhão. Abre a porta traseira, entra e tira uma fêmea. (Bazterrica, 2022, p.35)

Essa atitude — entregar um ser vivo como um presente — é algo naturalizado com esses animais, desse modo, é normal que isso aconteça com a personagem em destaque. Entretanto, a maneira como é referenciada especialmente pelo protagonista, chama a atenção. A narração apresenta em diversos momentos uma confusão de termos ao referenciar Jazmín: em determinados momentos, ela é chamada de “fêmea” e em outros, por vezes logo após o uso da palavra “fêmea”, ela é chamada de “mulher”. Apesar de o protagonista não ser o narrador na obra, a narração é realizada por um narrador onisciente. Portanto, tais confusões podem ser associadas ao próprio personagem que, aliás, demonstra-se bastante consciente do cerceamento linguístico que acontece na sociedade em que está inserido, além de ele próprio enxergá-la de maneira inferiorizada.

“Fêmea” é, oficialmente, a maneira como essas mulheres passaram a ser chamadas com a implementação desse novo sistema na sociedade descrita e todos assim o fazem, tal como costumavam fazer com porcos, vacas, galinhas etc. A escolha do termo demonstra, pois, a forma como essa personagem é animalizada, afinal é um termo comumente utilizado para referenciar animais não humanos do sexo feminino. Para que as violências as quais ela é submetida

sejam normalizadas, portanto, essa mulher é destituída de sua humanidade, uma vez que tais violências, quando direcionadas ao animal não humano, são vistas enquanto algo comum e aceitável.

Naquela sociedade como um todo é dessa maneira que Jazmín— e todas as mulheres dessa classe de seres humanos — é vista, ela é diminuída ao seu sexo e, portanto, é lembrada apenas por seus atributos femininos, especialmente a capacidade biológica de gerar outros de sua espécie. Consequentemente, quando não existem mais animais não humanos e um grupo de mulheres passa a ocupar essa lacuna na sociedade, elas passam a ser chamadas de “fêmeas” para manter essa diferenciação entre a fêmea humana e as fêmeas não humanas.

Contudo, há na utilização desse termo não apenas um processo de desumanização, no qual a mulher descrita é colocada na posição anteriormente ocupada por animais não humanos e passa a sofrer as mesmas violências sofridas por eles. Mais que isso: há um processo de *coisificação* e ela passa a ser alvo não somente das violências sofridas pelos animais não humanos, mas as sofridas pelo seu sexo, isso porque fêmeas humanas e não humanas são constantemente destituídas de sua subjetividade e resumidas aos seus atributos biológicos, como uma máquina capaz de gerar outros indivíduos de sua espécie.

É evidente que, no cenário descrito ao longo da narrativa, o processo de *coisificação* foi transferido à uma parcela dos seres humanos, homens e mulheres sem distinção. Apesar disso, é fato que as fêmeas de qualquer espécie são exploradas devido ao seu sexo e isso fica bastante evidente na trajetória de Jazmín. Em se tratando de animais não humanos, essa exploração com base no sexo é materializada com constantes gestações para que a fêmea não humana permaneça sempre produzindo mais carne, leite, ovos etc.

O tratamento das fêmeas como nada mais que máquinas reprodutoras é outra característica que se resalta na criação animal moderna. Elas são forçadas a ter ciclos hormonais mais rápidos, inseminadas artificialmente, mantidas constantemente grávidas, separadas de seus bebês um dia após o nascimento e abatidas assim que sua capacidade reprodutiva diminui. (Francione, 2013, p.60-61).

No romance em destaque, com a transição para o consumo de carne humana, o corpo da mulher passa a ser explorado da maneira como se

exploravam os corpos das fêmeas não humanas naquela sociedade e elas são submetidas a recorrentes gestações iniciadas através de inseminação artificial. Nesse processo, considera-se apenas a produção de mais carne e, portanto, atitudes extremas são tomadas para garantir a sobrevivência do feto.

Considerando-se, então, os apontamentos destacados, é esperado naquele contexto que todas essas mulheres sejam chamadas desse jeito, pois elas não são consideradas humanas. O protagonista, Marcos, contudo demonstra um tratamento diferente em relação à Jazmín, levando-se em conta o que é normalizado naquela sociedade. Isso porque, desde o primeiro parágrafo do romance, ele age como se estivesse indignado com a maneira como a carne humana se tornou um produto na sociedade:

Meia rês. Marreteiro. Linha de abate. Banho de aspersão as palavras aparecem em sua cabeça e o golpeiam. Destroçam-no. (Bazterrica, 2022, p. 15)

Ninguém pode chamá-los de humanos porque significaria dar a eles entidade, chamam-nos de produto, ou carne, ou alimento. Exceto ele, que gostaria de não ter de chamá-los por nome algum. (Bazterrica, 2022, p.19)

Ninguém sabe que é incapaz de matar a fêmea em seu galpão. (Bazterrica, 2022, p.54)

Marcos, demonstra, em vários momentos durante a narrativa, ser contra o sistema que se instaurou. Dá sinais de que, diferentemente de todos ao seu redor, não consegue enxergar normalidade em “abater” seres humanos para o consumo de sua carne, conforme observado desde as primeiras linhas do romance até os capítulos finais:

Não são chamados de dedos, mas sim de *fresh fingers*, como se as palavras em inglês conseguissem ressignificar o fato de que estão comendo os dedos de vários humanos que, horas atrás, respiravam. (Bazterrica, 2022, p. 129, grifo da autora)

Espia e lá dentro vê uma cabeça sem um braço. [...] Claro, pensa, vai esquartejá-la aos poucos [...]. Todos em família cortando o ser vivo que está na geladeira, usando uma tortura chinesa milenar. [...] Ele tenta abrir a porta, mas está trancada. (Bazterrica, 2022, p.169)

Apesar disso, o protagonista continua ocupando sua posição bastante privilegiada nesse mesmo sistema e, devido a isso, não deixa de exercer ativamente seu papel de poder diante da situação em que se encontra. Isso

porque ele trabalha em um frigorífico após a transição e costumava trabalhar com seu pai no mesmo ramo antes das mudanças feitas. Ou seja, estar diante do assassinato de animais é algo bastante normalizado para esse personagem. Além de trabalhar diretamente com o processo de criação de seres humanos, o protagonista ajudou a estabelecer as regras para a legitimação do canibalismo que se instaurou.

[...] ele trabalhava ali, na Subsecretaria. Convocaram-no por indicação dos funcionários do frigorífico do pai. Ele foi uma das pessoas que redigiu as normas e regras, porém trabalhou menos de um ano, pois o salário era ruim e ele teve que internar o pai. (Bazterrica, 2022, p.136)

Ou seja, todo o estranhamento e aversão que Marcos demonstra só acontece porque são seres humanos e, apesar dos esforços para desumanizá-los, o personagem se mantém em constante conflito entre enxergar essas pessoas como animais — e, por isso, aceitar bem a objetificação a que são submetidos — e enxergá-los enquanto humanos — e, portanto, se indignar com a naturalidade com que todos ao seu redor lidam com a situação.

Entretanto, a simples maneira como se refere a Jazmín demonstra o lugar privilegiado que ele realmente se encontra — do qual não se abstém e que defende da maneira que for preciso como o faz nas linhas finais do romance. Chamá-la de fêmea ou de outras palavras que a classifiquem como um animal não humano — inferior, portanto, — ou um objeto é, conforme já levantado, algo normalizado naquela sociedade e Marcos o faz, igualmente:

— Gringo, o que você me enviou?  
 — Um presente.  
 — Eu mato cabeças, não crio. Entendeu?  
 — Fique com ela por alguns dias, depois a gente faz um churrasco.  
 — Estou sem tempo, sem vontade nem recursos para ficar com ela alguns dias.  
 — Amanhã eu envio uma rapaziada para sacrificá-la.  
 — Se é para sacrificá-la, eu mesmo faço. (Bazterrica, 2022, p.36)

A primeira reação do protagonista ao receber a mulher em casa é tratá-la da maneira como se espera de qualquer um naquela sociedade, como um animal não humano, uma inconveniência, um problema a ser resolvido apenas. Dessa

forma, em suas primeiras menções, Jazmín é sempre referenciada com hostilidade e chamada, constantemente, de “fêmea” e “mulher” quase que de forma indistinta:

Abre o galpão. A fêmea está deitada sobre os cobertores. Acorda assustada. Ele leva as bacias embora. Volta com água e ração balanceada. Vê que ela encontrou um lugar para fazer suas necessidades. Na volta terei que limpar, pensa, cansado. Quase não a olha, porque fica aborrecido com essa fêmea, essa mulher nua em seu galpão. (Bazterrica, 2022, p.47)

Confundir as referências conforme trecho em destaque demonstra como essa personagem é deliberadamente objetificada, tornada uma coisa, não apenas por sua condição de animal não humano naquela sociedade, mas, especialmente, por ser do sexo feminino. Dito isso, chamá-la indistintamente de “fêmea” e “mulher” é mais um elemento linguístico que aponta para a posição inferiorizada que essa personagem ocupa por sua condição enquanto fêmea, enquanto um ser vivo do sexo feminino. Isso se torna ainda mais significativo devido ao fato de que o protagonista tem total consciência de que essa classe de seres humanos a qual Jazmín faz parte são, como ele, *seres humanos*:

Os assistentes servem uma sopa de erva-doce com anis e depois uma entrada de dedos ao xerez com verduras confitadas. Não são chamados de dedos, mas sim de *fresh fingers*, como se as palavras em inglês conseguissem ressignificar o fato de que estão comendo os dedos de vários humanos que, horas atrás, respiravam. (Bazterrica, 2022, p. 129, grifos da autora)

Ou seja, apesar do esforço em reconhecer diferenças que afastem aquela mulher de si, que justifiquem a situação em que ela se encontra socialmente, o protagonista percebe em Jazmín traços que mais a aproximam dele do que afastam em termos de animalidade/humanidade. Apesar disso, o protagonista usufrui de seus privilégios durante todo o tempo em que permanece com a posse de Jazmín.

Diversas regras foram criadas para regulamentar e controlar a criação e venda de produtos originados dos seres humanos criados para o abate, incluindo um processo de catalogação dessas pessoas a fim de controlar a quantidade de abates, vendas, rastrear possíveis usos ilegais e, principalmente, é claro, corroborar com a objetificação da qual são vítimas. A não nomeação, mas, em

vez disso, a numeração, a atribuição de um código único para cada pessoa, é uma das principais demonstrações de objetificação e que é feita com o máximo de urgência:

A norma específica que o único meio de reprodução é o artificial, que o sêmen deve ser comprado em bancos especiais, que a implantação da amostra deve ser realizada por profissionais idôneos e que todo o processo deve ser registrado e certificado, de tal forma que, caso a fêmea fique prenhe, imediatamente fosse providenciado um número de identificação para esse feto. (Bazterrica, 2022, p.138)

A identificação por meio desse número acontece, portanto, ainda antes do nascimento, quando tudo o que existe é um feto que pode ou não vir a se desenvolver e se tornar uma pessoa. Nesse contexto, naturalmente, a mulher recebida por Marcos ainda nos capítulos iniciais do romance tem, a princípio, apenas esse número de identificação, não é nomeada como uma forma de mantê-la em sua posição de objeto de valor, de identificá-la enquanto isso apenas. Marcos é bastante consciente dos mecanismos utilizados na sociedade para que a normalização e a aceitação desse sistema tenham um sucesso cada vez maior. Sendo assim, ele reconhece também os motivos pelos quais esses seres humanos não são nomeados e chega a apontar isso:

**Ele não chama isso de carne especial.** Ele usa palavras técnicas para se referir a isso que é humano, mas nunca chegará a ser uma pessoa, isso que é sempre um produto. Faz alusão ao número de cabeças para industrializar, ao lote que espera na área de descarga, a linha de abate que deve respeitar um ritmo constante e ordenado, aos excrementos que devem ser vendidos para fazer estrume, à área de triparia. **Ninguém pode chamá-los de humanos porque significaria dá a eles entidade, chamam-nos de produto, ou carne, ou alimento.** Exceto ele, que gostaria de não ter de chama-los por nome algum. (Bazterrica, 2022, p.19, grifos meus)

A não nomeação confere à mulher que recebe de presente uma falta de identidade institucionalizada, sendo ela relegada ao papel de coisa não há motivos para que receba um nome, uma identidade. Dar um número de registro no lugar de um nome é o que confere a ela o atestado de objeto de valor, e não de sujeito. Desse modo, ao atribuir a ela um nome, mesmo que não seja de forma oficial, o protagonista confere a ela individualidade, algum nível de importância,

reconhece a existência de um sujeito único. Dar um nome àquela mulher que lhe foi entregue como um produto de valor após algum tempo de convívio significa dar alguma unicidade, reconhecer que, de alguma maneira ela não é *apenas* um objeto de valor, não um qualquer, pelo menos: “A fêmea que, naquele momento, não tinha um nome, era um número de registro, um problema, uma cabeça doméstica como tantas outras.” (Bazterrica, 2022, p.136). Ou seja, em determinado momento ela realmente não passou de um incômodo, um presente inconveniente que lhe causou responsabilidades não planejadas, a fim de manter a fêmea saudável, isso, porém, mudou com o tempo. A nomeação da personagem, contudo, acontece apenas após o estupro cometido pelo protagonista, ainda na primeira menção da personagem após a violência sofrida, quando ela já está grávida de oito meses:

Fecha os olhos e tenta contar as respirações. Sobressalta-se quando sente que alguém toca nele. Abre os olhos e a vê. Afasta-se e ela se deita no sofá. Sente o cheiro selvagem e alegre, abraça-a. ‘Olá Jazmín.’ Quando se levantou ele a havia desamarrado. [...] Ele acaricia a barriga dela. Está grávida de oito meses. (Bazterrica, 2022, p.112)

Isso, juntamente com a maneira como passa a tratá-la e o fato de Cecília, sua esposa, passar a ser referenciada como sua “ex-mulher” na segunda parte do romance, ajuda a corroborar com a ideia de que Marcos reconhece humanidade naquela mulher. Reconhecer que ela é humana em algum nível, todavia, não exclui o fato de que o protagonista insiste em objetificar essa personagem de maneira extrema, levando em consideração que ser humana não anula a feminilidade de Jazmín e, portanto, não anula seus status de *coisa*. Charlotte Perkins Gilman, uma feminista norte americana a frente de seu tempo, publicou em 1898 o livro *Women and economics [Mulheres e economia]*, no qual argumenta:

A vaca selvagem é uma fêmea. Ela tem bezerros saudáveis e leite suficiente para eles. E essa é toda a feminilidade de que precisa. Do contrário, ela é bovina em vez de feminina. É uma criatura leve, forte, veloz e resistente, capaz de correr, saltar e lutar, se necessário. Nós, com propósitos econômicos, desenvolvemos artificialmente sua capacidade de produzir leite. A vaca se tornou uma máquina ambulante de produzir leite, criada e guiada para esse fim expresso, seu valor medido em galões. (Gilman, 1966, p.43-44 *apud* Gilman, 2020, p.100-101)

Dessa forma, compreende-se que todas as atribuições de Jazmín são ignoradas e, tal como ocorreria com vacas naquela sociedade, ela é diminuída às suas atribuições femininas. Tal como vacas, conforme destaca Gilman (1966), são transformadas em máquinas capazes de produzir leite para ser vendido e gerar lucros, Jazmín é transformada em uma máquina capaz de gerar o filho que Marcos e Cecília não conseguiriam ter sozinhos. Sua diferenciação das demais pessoas que se encontram na mesma situação que ela acontece apenas porque ela engravida e passa a gerar o bebê que Marcos tanto queria, mas, ainda se resume a um objeto, a uma *coisa* que simplesmente gera uma criança que é bastante desejada. Dessa maneira, Marcos a estupra e mantém relações com ela por meses, apesar de ela não ter qualquer discernimento a respeito do que está acontecendo, já que nunca foi socializada antes, só conhece aquilo que a breve socialização promovida por Marcos no dia a dia — atendendo aos seus próprios interesses — lhe proporcionou, mas a descarta imediatamente após ela não servir mais ao propósito de gerar o bebê que ele queria.

O nome, diante do que foi explicitado, mesmo que confira àquela mulher certa individualidade não é sinal de que ela seja vista enquanto algo além de um objeto pelo protagonista, sua posição social permanece intacta e seu nome é, de maneira mais profunda, mais uma confirmação da objetificação da qual é vítima. Isso porque o nome que lhe é designado é o nome de uma flor e isso a relaciona diretamente com a natureza que é comumente associada ao feminino enquanto algo inferiorizado em sua relação com o homem, como as fêmeas não humanas no geral. Além disso, ela engravida de Marcos e passa o resto da narrativa gerando seu filho sendo que, logo após servir ao propósito da reprodução, ela é descartada. É significativo, portanto, que receba o nome de uma flor, pois as flores são a parte reprodutora das plantas e ela é usada como um objeto reprodutor apenas. Ou seja, o nome da personagem marca não só sua inferioridade devido a aproximação com a natureza como, também, reforça a ideia de que o protagonista a percebe exclusivamente enquanto um ser capaz de gerar um bebê.

Há muitas outras demonstrações dessas represálias linguísticas ao longo da obra, sendo a privação física da capacidade da fala a mais notável. Essa

privação acontece desde o nascimento do grupo de seres humanos criados para a produção de carne através de uma mutilação:

Egmont pergunta se falam, pois tanto silêncio chama sua atenção. O Gringo responde que, desde pequenos, ficam isolados em incubadoras e depois em jaulas. Que extraem as cordas vocais deles para controlá-los melhor. Ninguém quer que falem, pois carne não fala. (Bazterrica, 2022, p.28)

Por séculos, justificou-se a objetificação de animais não humanos principalmente partindo do fato de que eles não possuem linguagem verbal e do argumento de que, por diferenças entre o cérebro humano e o não humano, não eram senscientes. Essas características são também atribuídas a Jazmín, tendo em vista que, como todos os seres humanos criados em cativeiro, ela não possui cordas vocais, o que a impede de verbalizar seus pensamentos, sentimentos, vontades etc. Isolar essas pessoas, considerando as circunstâncias dessa sociedade, é algo natural, dado que elas estão ocupando o mesmo lugar que os animais não humanos costumavam ocupar e, sendo assim, é de se esperar que recebam o mesmo tratamento. Entretanto, não se pode ignorar o fato de que são seres humanos e, dessa maneira, têm a capacidade da fala, têm capacidade cognitiva de adquirir a fala e passar a se comunicar através de linguagem verbal, tal qual o restante dos seres humanos que são socializados. Apesar disso, conforme citado no trecho em destaque, não é desejável que falem, sendo esse um traço diferenciador e sinal da superioridade do ser humano em relação a todos os outros animais, a *carne* não pode desenvolver essa habilidade. Trata-se de uma maneira de convencer a massa da sociedade de que essas pessoas são, verdadeiramente, animais não humanos e que a maneira como são utilizados é aceitável por conta disso.

Historicamente, o silenciamento de pessoas como forma de subjugamento é uma realidade, trata-se de uma das marcas da estratégia do projeto colonial hegemônico. Grada Kilomba, em *Memórias da plantação: episódios de racismo* (2019), discorre sobre o uso da máscara de flandres, instrumento de tortura utilizado por mais de trezentos anos para silenciar as pessoas negras. Segundo a autora, a máscara:

era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e

fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. [...] sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. (Kilomba, 2019, p. 33, grifos da autora).

No contexto do romance, privá-los de qualquer possibilidade de desenvolver a capacidade explícita que têm da fala através da extração das cordas vocais é mais uma maneira de conseguir controlá-los e, conseqüentemente, facilitar a perpetuação do sistema implementado. Não tendo a chance de adquirir a linguagem humana, essa parcela de pessoas fica impossibilitada de exprimir seus desejos e vontades, o que, em conjunto com a falta de socialização, os priva de expressar e reconhecer alguns episódios de violência aos quais são submetidos e, dessa forma, de sequer tentar reagir de alguma maneira.

Essas características de Jazmín são reconhecidas enquanto válidas por Marcos. Para ele, o fato de ela não ser capaz de expressar suas vontades e desejos — tanto por não compreender o que é ou não aceitável quanto por não ter a capacidade física de falar — não é algo questionável. Pelo contrário, revela, em determinado momento enxergar algo de bonito nisso, como se o silêncio forçado da personagem fosse, na verdade, algo que a deixe interessantemente misteriosa:

Há uma certa pureza nesse ser impossibilitado de falar, pensa, enquanto com um dedo percorre o contorno do ombro, de um braço, do quadril, das pernas, até chegar aos pés. Não a toca. O dedo está a um centímetro da pele, a um centímetro das siglas PGP espalhadas pelo corpo todo. É belíssima, pensa [...] Deita-se a seu lado, bem perto, sem encostar nela. Sente o calor do corpo, a respiração lenta, pausada. Aproxima-se mais um pouco. Respira no ritmo dela. Lento, mais lento. Sente seu cheiro. É forte porque está suja, mas ele gosta, parece o cheiro inebriante do jasmim, selvagem e agudo, alegre. Sua respiração se acelera. Algo o excita, essa proximidade, essa possibilidade. (Bazterrica, 2022, p.81)

Nesse trecho o protagonista, pela primeira vez no romance, percebe em Jazmín algo além de um produto valioso, uma oportunidade de negócio: enxerga uma possibilidade de manter relações sexuais com aquela mulher, apesar de não o fazer nesse momento da narrativa. O estupro acontece efetivamente apenas capítulos mais tarde, mas é justamente no trecho em que reflete sobre a

incapacidade de Jazmín em usar da linguagem verbal que ele se aproxima e demonstra estar atraído por ela, pois percebe que a mulher não poderia negar-se a nada e, especialmente, não poderia denunciá-lo de forma alguma.

Vários episódios que demonstram consequências dessas privações são descritos a respeito de Jazmín, partindo das reflexões de Marcos observando e convivendo com a mulher por algum tempo, sendo o primeiro deles ainda na primeira aparição da personagem na obra. Na ocasião, a mulher está sendo entregue ao protagonista como um presente de Gringo, o dono de um frigorífico para o qual Marcos presta serviço:

Desliga furioso, porque, em sua mente, insulta o Gringo e seu presente submisso. Senta-se e olha a hora. Já está tarde. Sai e desamarra a fêmea da árvore em que a amarrara. A fêmea não tenta nem tirar a corda do pescoço. Claro, ele pensa, ela não sabe que pode tirá-la. (Bazterrica, 2022, p.37)

Ou seja, a mulher não foi socializada de maneira alguma e não tem noção de como as coisas funcionam em sociedade. Não há sequer a possibilidade de ela objetar qualquer uma das atitudes que Marcos — e todas as outras pessoas com as quais já teve contato — tem contra ela. Isolá-la, desde o nascimento, é uma maneira bastante clara de destituí-la de sua humanidade e, também, de coisificá-la como forma de justificar as violências a ela direcionadas: como não enxergar em um ser que não exprime suas próprias vontades e desejos, nem ao menos para soltar-se de uma árvore, enquanto algo menos inteligente, menos importante? A submissão apresentada por Jazmín, advinda de seu isolamento, é a mesma apresentada pelas vacas que antes serviam de alimento. Se era aceitável objetificar a vaca e usar seu corpo da maneira mais conveniente possível, por que não seria aceitável fazer o mesmo com essa mulher?

A falta de socialização de Jazmín reflete diretamente nas interações que tem com Marcos, deixando-a completamente à mercê do personagem, uma vez que ela não compreende que algumas das atitudes do protagonista em relação à ela são violências. Ficar presa à árvore, conforme citado anteriormente, é apenas a primeira das violências que sofre durante o tempo que passa com Marcos, mas nesse momento não há uma oportunidade real de escapar já que ele está por perto. Entretanto, em outras passagens com circunstâncias mais propícias para isso, a personagem, igualmente, não demonstra nenhum tipo de

rebeldia. Em certa ocasião, ainda nos primeiros dias de Jazmín naquela casa, Marcos arrebenta a corda que a prendia à casa e adormece deixando-a desassistida e solta. Na manhã seguinte, o protagonista é surpreendido ao acordar e perceber que Jazmín, ao contrário do que esperava, não fugiu:

Olha para o lado e vê as cinzas do berço. Olha para o outro lado e vê a fêmea deitada bem perto de seu corpo. Levanta-se em sobressalto, mas se desequilibra e volta a sentar-se. O que eu fiz? Por que está solta? Por que não escapou? O que faz dormindo a meu lado?

Dorme encolhida. Parece tranquila. (Bazterrica, 2022, p.80)

Mesmo não estando presa com cordas como costumava ficar até aquele momento e permanecendo desse jeito a noite toda, Jazmín não vai a lugar algum, pelo contrário, aproxima-se de Marcos e permanece ao seu lado enquanto dorme tranquilamente. Mas por que fugiria? A concepção de violência que a personagem tem abrange apenas violências que lhe geram dor física, como demonstra nos primeiros contatos com o protagonista:

Quando ele se aproxima, ela começa a tremer. Olha para o chão. Urina-se. Ele a leva até o galpão e a amarra na porta de um caminhão quebrado e enferrujado. (Bazterrica, 2022, p.37)

Nos primeiros contatos, a mulher se mostra assustada com a simples presença de Marcos, entretanto, ele não lhe impõe nenhum tipo de violência que gere dor física e, desse modo, aos poucos, ela passa a confiar nele e ficar mais à vontade na sua presença. Dessa forma, sem compreender que o fato de estar presa naquela casa desde sua chegada é, por si só, uma violência da qual é vítima, ela permanece ali mesmo quando Marcos passa a deixá-la solta lá dentro, sozinha por horas enquanto está no trabalho e “ela passa muitas horas assistindo a televisão, dormindo, desenhando, olhando para um ponto fixo” (Bazterrica, 2022, p.121).

Da mesma forma, Jazmín não objeta quando o protagonista, depois de algum tempo de gestação, passa a amarrá-la à cama durante a noite, para que fique quieta e não machuque o bebê de alguma forma. Isso porque ficar presa de diferentes maneiras — seja amarrada por uma corda, trancada em uma gaiola ou em um caminhão — não é algo que ela teme, não se sente ameaçada quando é amarrada ou deixada sozinha:

Ela está acostumada a permanecer quieta, observando-o, porque ela dorme durante o dia e à noite ele necessita que ela fique tranquila, por isso acostumou amarrando-a à cama. Não quer que ela fique deambulando pela casa sem controle. Não quer que ela se machuque ou que aconteça algo com seu filho. (Bazterrica, 2022, p. 139)

Ela fica presa à cama por horas seguidas, mas, depois de algum tempo se acostuma com o fato de que será solta pela manhã e fica tranquila mesmo durante o ato violento que, nesse caso, é ser amarrada a um objeto por horas. A privação de movimentos mesmo dentro do cômodo em que Marcos dorme não é vista pela mulher enquanto um ato de opressão e, dessa forma, ela aguarda pacientemente o momento em que ficará livre dentro do ambiente.

De todas as violências praticadas pelo protagonista devido à falta de socialização de Jazmín, a mais incisiva é o estupro, já citado, que acontece ao fim da primeira parte do romance. Nesse ponto já é passado algum tempo desde que Jazmín foi-lhe entregue como um presente, contrariando sua aparente aversão e indignação com o trabalho que diz ser obrigado a fazer pelo bem de seu pai, já que seu emprego no frigorífico lhe permite pagar um bom asilo para ele. Em determinado dia, Marcos decide que precisa dar um banho em Jazmín para que ela não contraia nenhuma doença e, o que deveria ser uma atividade rotineira, apenas para manter a mulher limpa e menos suscetível a doenças, torna-se algo erótico para o protagonista que não hesita antes de consumir a violência:

Quando acaba, levanta-a e a observa na chuva. Parece frágil, quase translúcida, ele a vê inteira. Aproxima-se para sentir o cheiro de jasmim e, sem pensar, a abraça. A fêmea não se mexe, nem treme. Apenas levanta a cabeça e olha para ele. [...] acaricia a garganta dela. Quem treme agora é ele. Tira a calça jeans e fica nu. Sua respiração se acelera. Continua abraçando-a na chuva.

O que gostaria de fazer é proibido. Mas faz. (Bazterrica, 2022, p.106)

Dessa forma, ele se aproveita de sua posição em relação à essa mulher na sociedade que se instaurou, afinal, mesmo que reconheça certa humanidade nela, ela não deixa de ser uma fêmea que está a seu dispor. Sendo ele mesmo um dos responsáveis por estabelecer as regras para a criação de humanos para

o consumo, tem total consciência de que é expressamente proibido manter relações sexuais com essas mulheres, contudo, a proibição não o impede de exercer seu papel de ser absoluto, superior.

Até porque ele não é o típico cidadão argentino que tem uma fêmea disponível em seu quintal; tem posição superior naquela sociedade mesmo entre os machos, os de sua espécie considerados “humanos” – ele não corre o mesmo perigo de punição que os outros:

Depois da primeira visita, o Gordo Pineda, pessoalmente, ligou para ele e avisou que, na próxima inspeção, só iriam solicitar uma assinatura, para não incomodar.

— Oi, Tejito. Até parece que justo você faria algo com essa fêmea. (Bazterrica, 2022, p.137)

Fica evidente no romance que os contatos que adquiriu, durante seus anos trabalhando na indústria da carne, por diversas vezes o isentam dos crimes que comete, “ele conhece todos ali dentro, todos os que importam” (Bazterrica, 2022, p.136) e, por conta disso, tem a certeza que, mesmo que esteja fazendo algo proibido, ficará impune. Isso só muda quando outro homem se torna o chefe da inspeção e o risco de ser preso e punido aumenta, já que ele já não teria o aval de um amigo para lhe isentar das inspeções.

No momento da violência sexual fica explícito que a Jazmín não tenta se desvencilhar, não estranha as atitudes de Marcos e não percebe nelas algo violento. A reação que a personagem tem ao ser abraçada é, por outro lado, ficar calma, tranquila, ela “não se mexe, nem treme” (Bazterrica, 2022, p.106), permanece ali quieta sem demonstrar nenhum tipo de temor, sem ao menos tentar afastar seu corpo do de Marcos ou, então, demonstrar alguma estranheza diante daquela situação. Isso porque, para ela, se não está sendo puxada, arrastada, se não há o desferimento de algum tipo de golpe contra seu corpo que a faça sangrar ou crie algum tipo de marca, não se trata de algo que ela precise se impor, tentar impedir ou ter medo, não se trata de violência. Por esse motivo, durante o ato violento Jazmín permanece serena e, após a violência sexual, a mulher parece confiar ainda mais no protagonista, passa a percebê-lo enquanto uma figura carinhosa, desenvolve uma relação de afeto por ele:

Chega em casa cansado. Antes de abrir o quarto onde Jazmín está, toma um banho; Se não fizesse isso, Jazmín não o deixaria tomar um banho tranquilo. Tentaria entrar com ele no chuveiro, iria beijá-lo e abraça-lo. Ele entende que ela fica sozinha o dia todo e, quando chega, Jazmín o persegue pela casa. Abre a porta e Jazmín o recebe com um abraço. (Bazterrica, 2022, p.120)

A falta de socialização, contudo, não impede Jazmín de desenvolver traços de personalidade e algum senso de perigo de maneira que, em momentos diversos ao longo de sua trajetória em posse de Marcos, ela demonstra temer os próximos passos do personagem. A confusão entre referenciar Jazmín enquanto uma fêmea não humana e uma humana, conforme discutido em parágrafos anteriores, é proposital e não acontece em relação apenas à maneira como a personagem é chamada, mas também, e de maneira mais expressiva, em relação à forma como o protagonista percebe suas atitudes e reações durante o tempo que fica em posse dele. Isso porque, imediatamente após receber a mulher em sua casa, Marcos toma algumas providências indispensáveis apenas para manter Jazmín viva e saudável. Os cuidados, contudo, resumem-se em providências que, em outros tempos, teria que tomar para um animal não humano que iria ser, em algum momento, abatido:

Entra na casa e pensa o que pode deixar para a fêmea comer. O Gringo não enviou ração balanceada, só enviou um problema. Abre a geladeira. Um limão. Três cervejas. Dois tomates. A metade de um pepino. E algo em uma panela que sobrou de algum dia. Cheira e acha que está bom. É arroz branco. Leva uma bacia com água e outra com o arroz frio. Tranca a porta do galpão com o cadeado e vai embora. (Bazterrica, 2022, p.37)

Os cuidados que toma contra a sua vontade, são muito básicos e ele os faz apenas por obrigação de manter a mulher viva. Apesar das demonstrações anteriores de indignação e de que é consciente de que se tratam de humanos nessa situação, a primeira reação de Marcos quando recebe a mulher em sua casa é reconhecer em Jazmín um mero animal não humano, um simples objeto de valor que respira e precisa de cuidados muito básicos apenas para garantir que continuará vivo e saudável. Portanto, ele a trata com hostilidade, visto que não desejava ter que cuidar de uma “cabeça” (Bazterrica, 2022), Jazmín é um simples problema com o qual ele precisa lidar naquele momento.

Entretanto, apesar de sua clamada indisposição em lidar com a mulher ao dizer que está “sem tempo, sem vontade nem recursos para ficar com ela alguns dias” (Bazterrica, 2022, p.36), Marcos nega a oferta de que alguém vá até sua casa para matá-la para que ele fique com a carne, alegando que se Gringo não quer simplesmente pegar o presente de volta e está disposto apenas a ajudá-lo com o sacrifício, ele mesmo o fará. Isso não acontece, contudo, e, naquele momento, o protagonista apenas cogita dar várias finalidades a sua mais nova posse: “poderia vendê-la e resolver o problema de vez. Poderia criá-la, inseminá-la, começar com um pequeno lote de cabeças, tornar-se independente do frigorífico” (Bazterrica, 2022, p.45). Fica explícito, diante do exposto, como o personagem, apesar de sua aparente consciência do absurdo no qual está inserido, enxerga em Jazmín aquilo que qualquer outra pessoa naquela sociedade enxergaria: um produto comestível, um objeto de valor, uma máquina de reprodução que pode lhe gerar lucros.

Jazmín acaba passando meses em posse do protagonista. A aversão que Marcos demonstra pela mulher em determinados momentos não o impede de exercer seu poder nesse cenário e isso fica bastante em evidência em suas interações com Jazmín. A princípio, ela parece ser um problema que o protagonista não sabe como resolver; entretanto, não questiona a não humanidade da mulher quando percebe que pode usá-la para conseguir o bebê que não conseguiu ter com sua esposa. Portanto, mesmo que, de início o personagem se diga incapaz de matar a mulher, o faz nas linhas finais do romance quando mantê-la viva torna-se um risco à sua própria vida já que ele a engravidou, algo terminantemente proibido naquele contexto, e não tem mais um conhecido na inspeção para se livrar das consequências. Após o nascimento do bebê, não há mais motivos para continuar arriscando sua vida para manter Jazmín viva:

Quando ela se acalma um pouco, ele fica em pé e segura a cabeça dela pelo cabelo. Jazmín só mexe as mãos, tentando abraçar seu filho. Quer falar, gritar, mas não há sons. Ele levanta a marreta que trouxe da cozinha e bate na testa dela, bem no centro da marca de fogo. Jazmín cai atordoada, desmaiada. (Bazterrica, 2022, p. 180)

A ideia inicial que é passada para o leitor de que o protagonista está postergando algo que não tem coragem de fazer por ter consciência de que se trata de uma humana como ele, é desmantelada, haja vista que a vida de Jazmín não é considerada tão importante quanto a do próprio protagonista. A mulher é descartada logo que seu único propósito foi cumprido: dar à luz ao filho que Marcos e Cecília queriam. Seu único papel naquele contexto era gerar essa criança, esse foi o único motivo pelo qual o protagonista começou tomar alguns cuidados em relação à segurança de Jazmín, tanto que, pouco antes do estupro, a personagem é, implicitamente, referenciada como um objeto de valor enquanto Marcos limpa seu corpo: “como se estivesse limpando um objeto de certo valor, porém inanimado” (Bazterrica, 2022, p.105).

Apesar do contato inicial e do fim que dá a Jazmín, entretanto, o protagonista percebe nela características humanas e reflete sobre elas. Conforme os dias passam, Marcos e Jazmín têm algumas interações e, não demora muito para que o protagonista perceba traços de humanidade em Jazmín. Ainda nos primeiros dias, o personagem resolve que é hora de se desfazer do berço de seu filho, que morreu de causas naturais em um passado recente, e Jazmín o observa:

A última coisa que vê é a porta do galpão e a fêmea, aquela mulher, que o observa. Parece chorar. Mas ela não pode entender o que está acontecendo, não sabe o que é um berço. Não sabe de nada. (Bazterrica, 2022, p.78)

A mulher, ao ver Marcos agitado ateando fogo ao berço, sente empatia por ele e o observa triste, chorando aparentemente. Marcos percebe que ela parece triste em ver aquela situação, ou seja, nota um traço de humanidade naquela mulher em seu galpão, mas, logo em seguida, desacredita do que vê já que ela não teria discernimento do que está realmente acontecendo, não sabe do filho perdido, não conhece o objeto sendo destruído, não conhece nada já que vivera em cativeiro até aquele ponto.

De maneira parecida, pouco depois, ao fim da primeira parte do romance quando o protagonista comete o estupro contra a mulher, ele tenta acalmá-la explicando para ela que é apenas um banho. De início, a mulher está bastante assustada com a presença do protagonista, ela “pestaneja e mexe a cabeça para vê-lo através da chuva, se contorce, treme” (Bazterrica, 2022, p.105). Pouco

depois, Jazmín demonstra acalmar-se um pouco mesmo que ainda esteja apreensiva e alerta: “a fêmea está mais calma, porém o olha com certa desconfiança” (Bazterrica, 2022, p.105). Logo mais, todavia, quando Marcos a abraça nenhum sinal de receio sobra e Jazmín “não se mexe, nem treme. Apenas levanta a cabeça e olha para ele” (Bazterrica, 2022, p.106).

Ou seja, a maneira como Marcos lida com ela naquele momento — conversando, explicando o que está fazendo, tentando ser gentil ao limpá-la — surte efeito e Jazmín se demonstra capaz de compreender que não está em uma situação de risco à sua vida, não da maneira como ela entende que algo seja arriscado pelo menos. Isso não quer dizer que a mulher conseguiu entender o sentido das palavras de Marcos, já que ela não passou pelo processo de aquisição da linguagem verbal por crescer em cativeiro, mas que tem capacidade intelectual de compreender, por exemplo, a expressão corporal de Marcos como calma e não ameaçadora ou, ainda, o tom de sua voz como algo tranquilizador:

Tira a fêmea do galpão, com cuidado, quase com carinho. A fêmea se assusta com a chuva. Tenta se proteger. Ele a acalma, acaricia sua cabeça, fala, como se ela compreendesse, “não é nada, só água, só isso, vai te limpar”. Passa o sabão no cabelo dela e a fêmea olha para ele aterrorizada. Senta-se na grama para tranquilizá-la. Ajoelha-se atrás dela. O cabelo, que ele mexe todo desajeitado, vai se enchendo de sabão branco. Faz isso devagar, para não assustá-la. (Bazterrica, 2022, p.105)

Nota-se como o personagem, durante toda essa interação, busca acalmar Jazmín tanto com palavras quanto com a maneira como maneja-a durante o banho. Desse jeito, Jazmín, aos poucos, realmente se acalma de forma que, ao fim da interação, quando o protagonista a estupra, ela está completamente serena. A mulher passou do estado de puro medo para relaxada em pouco tempo e demonstra isso conforme Marcos mexe em seu corpo da maneira como a citada anteriormente. Mostra-se, pois, capaz de compreender que não está em perigo através dos sinais dados por Marcos, que tem capacidade cognitiva de entender os sinais dados pelo protagonista para que se sinta segura.

Essas demonstrações de Jazmín quanto à capacidade cognitiva ficam ainda mais evidentes durante a segunda parte do romance, pois a personagem já está convivendo com Marcos dentro de sua casa por alguns meses e, sendo assim, confia bastante no protagonista. Logo nas páginas iniciais dessa segunda

parte, algumas das mudanças apresentadas por Jazmín devido à socialização que tem tido são citadas:

Liga a TV. Ela gosta de ver as imagens. No início ela tinha medo da televisão. Tentou quebrá-la várias vezes. O som era estridente para ela, as imagens a alteravam. Porém, conforme foram passando os dias, ela percebeu que o aparelho não podia machucá-la, que o que acontecia ali dentro não podia lhe fazer nada, e começou a assistir as imagens com fascínio. (Bazterrica, 2022, p. 112)

Aos poucos, Marcos vai introduzindo coisas do cotidiano de qualquer ser humano à Jazmín, como a TV, e percebe que ela responde bem aos novos estímulos, que, aos poucos, ela compreende como aquelas coisas funcionam e elas passam a não lhe causar mais o pânico que costumavam lhe provocar. O protagonista não deixa de notar essas mudanças, pelo contrário, aprecia o fato de que conseguiu lhe ensinar algumas coisas, por mais básicas que pareçam ser:

Ajeita sua camisola. Conseguir vesti-la foi uma tarefa que exigiu uma paciência enorme. Ela rasgava os vestidos, tirava-os do corpo, urinava neles. Ele, longe de ficar zangado, ficava maravilhado com o caráter, com a determinação dela. Com o tempo, ela compreendeu que a roupa servia para agasalhar, que, de alguma forma, a protegia. Também aprendeu a se vestir sozinha. (Bazterrica, 2022, p. 112)

Mesmo reconhecendo essas mudanças e percebendo que Jazmín conseguia fazer coisas que, sendo ela um animal não humano, não se esperava que fosse capaz de executar, o protagonista ainda reforça, eventualmente, que ela não é uma humana e que, portanto, não é tão inteligente quanto ele e as demais pessoas daquela sociedade:

Comprou câmeras conectadas ao celular: enquanto está no frigorífico, consegue saber o que Jazmín está fazendo no quarto. Ela passa muitas horas assistindo à televisão, dormindo, desenhando, olhando para um ponto fixo. **Por momentos, parece que ela está pensando, como se isso realmente fosse possível.** (Bazterrica, 2022, p.121, grifo meu)

O argumento da racionalidade humana, sua capacidade de expressar seus pensamentos por meio da linguagem verbal, é sempre evocado quando se busca defender a superioridade do ser humano e, naturalmente, nessa realidade

em que um humano ativamente oprime e violenta outro, este é o argumento buscado uma vez que existe a necessidade de justificar as violências cometidas, além da necessidade de se abster da responsabilidade de gerar sofrimento sobre um ser sensiente como ele mesmo. Dessa maneira, apesar de Marcos passar meses com Jazmín, lhe ensinar várias coisas para que ela consiga conviver com ele dentro de sua casa sem grandes problemas, ele ainda é apegado a esse argumento, ainda desconsidera todos os avanços de Jazmín com a pouca socialização que tem sob o pensamento de que, independentemente disso, ela não pensa e é, dessa forma, inferior, não capaz de sofrer diante de sua situação já que sequer a compreende.

Essas argumentações de Marcos, entretanto, são invalidadas por si mesmo, já que, ao mesmo tempo em que ele parece desacreditar da sensiência de Jazmín, o protagonista cogita ensiná-la a ler:

gostaria de ensiná-la a ler, mas qual seria o sentido, se ela não pode falar e jamais poderá se integrar a uma sociedade que a enxerga como um produto comestível? (Bazterrica, 2022, p. 113-114)

Essa é a evidência mais substancial de que o protagonista tem consciência de que Jazmín tem a mesma capacidade cognitiva que qualquer ser humano. Se Marcos reconhece que ela tem a capacidade de adquirir a linguagem verbal e até cogita ajudar-lhe a desenvolvê-la, ele entende que ela é humana como ele, mas, deliberadamente, trata a mulher como uma coisa, animaliza-a para justificar suas atitudes.

O fim dado a Jazmín por Marcos é também um elemento que demonstra como o personagem conscientemente coisifica a personagem para que suas atitudes tenham como explicação a ideia de que ela é inferior, que não pode compreender o que acontece ao seu redor e, portanto, não pode sofrer por conta delas.

Uma das atribuições de seu trabalho no frigorífico é que ele visite clientes a fim de definir, em conjunto com eles, quais as especificações dos seres humanos que têm interesse em comprar, isso de acordo com a finalidade que darão a cada lote. Uma de suas clientes é Valka, uma médica proprietária de um laboratório que realiza experimentos diversos e, devido a isso, compra espécimes de seres humanos do frigorífico para usar em alguns de seus testes.

Em uma de suas visitas ao laboratório, o personagem parece incomodado de ter que visitar o local:

— Não precisa ir ao laboratório. Posso avisar que você vai outro dia.

— Eu vou, mas será a última vez.

O silêncio de Krieg é pesado. Não está acostumado com esse tom de voz.

— Sob nenhuma circunstância. Preciso que você vá.

— Hoje eu vou. Depois vou treinar outra pessoa para ir no meu lugar.

— Você não está entendendo. O laboratório é um dos clientes que mais pagam, preciso do melhor.

— Estou entendendo perfeitamente, não irei mais.

[...]

Ele desliga sem se despedir. Odeia a Dra. Valka e seu laboratório de horrores. (Bazterrica, 2022, p.157-158)

Durante sua visita, o personagem vê alguns dos testes que estão em curso naquele momento. Um deles busca, de acordo com a Dra. Valka, observar as reações de uma criança ao ver a mãe aparentemente morta e Marcos, ao se deparar com a cena e ouvir a explicação de Valka, se demonstra bastante incomodado, até mesmo aborrecido:

Há fêmeas em jaulas com seus bebês. Ficam de frente a uma jaula onde há uma fêmea que parece morta e uma criança, entre dois ou três anos, que chora sem parar. Ela explica que sedaram a mãe para ver as reações da cria.

— Qual o sentido disso? A reação não é evidente? — pergunta-lhe. (Bazterrica, 2022, p.161)

Essa aparente indignação diante dos experimentos que acontecem naquele lugar, especialmente o que envolve o bebê, unida a outra passagem ainda dos capítulos iniciais do romance na qual detalhes de como fêmeas prenhes são tratadas ajuda a construir a ideia de que o protagonista tem total conhecimento em relação à consciência dessas pessoas.

Enquanto seguem rumo à saída, passam pelo galpão das prenhes, algumas estão em jaulas, outras estão deitadas em mesas, sem braços nem pernas.

Ele desvia o olhar, sabe que em muitos criadouros, inabilitam aquelas que matam os fetos batendo a barriga nas barras, deixando de comer, fazendo qualquer coisa para que o bebê não nasça e morra em um frigorífico. Como se soubessem, pensa. (Bazterrica, 2022, p.30)

Tanto que, conforme citação acima, ele não consegue fazer contato visual com aquelas mulheres mutiladas e conhece bem os motivos pelos quais elas se encontram naquela situação: tanto são conscientes que, não vendo outra maneira de proteger seus filhos, decidem por acabar com suas vidas antes que nasçam e se tornem, como elas, carne, produto. De forma parecida, Jazmín tenta proteger seu bebê nos parágrafos finais do romance:

Jazmín está na cama e estica os braços. Os dois [Marcos e Cecilia] a ignoram, mas ela abre a boca e mexe as mãos. Tenta se levantar e, quando consegue, bate com o quadril na mesinha de cabeceira e a luminária cai. [...]

Tudo o que Jazmín consegue fazer é esticar os braços para tocar seu filho, desesperada. Tenta se levantar de novo, mas se machuca com os pedaços de vidro da luminária quebrada no chão. [...]

Jazmín só mexe as mãos, tentando abraçar seu filho. Quer falar, gritar, mas não há sons. (Bazterrica, 2022, p.180)

Ao perceber que não lhe entregarão o bebê para que o segure e cuide dele, a reação de Jazmín é, de maneira desesperada, tentar alcançá-lo nos braços de Marcos. Contudo, cansada do trabalho de parto e impossibilitada de exigir que lhe entreguem o bebê de outra forma, já que não consegue produzir sons para falar ou mesmo gritar, o protagonista e Cecilia tomam seu filho e o pegam para si.

O personagem demonstra por vários momentos, principalmente em sua convivência com Jazmín, que reconhece nessas pessoas humanidade. Percebe, ao longo das semanas com Jazmín, que ela é capaz de aprender a coisas como se vestir sozinha, entender que a televisão não é algo perigoso, desenhar com giz de cera — algo que demonstra um tipo de comunicação, já que esse interesse surge por conta própria —, pensar etc., mas desconsidera tudo isso, todos os sinais de que ela é um ser consciente tal qual ele mesmo, e a objetifica, a transforma em uma coisa que pode lhe dar um filho e nada mais que isso.

Afinal, mesmo se mostrando alguém com pensamentos tão diferentes dos propagados naquela comunidade, Marcos ainda está em uma posição privilegiada em relação àquela mulher: trata-se de um homem, faz parte do grupo que encabeça tudo o que há no mundo ocidental, tudo o mais que é atribuído ao feminino, a saber, a própria fêmea humana, as fêmeas não humanas, o universo

natural etc. Assim, sendo, ele não deixa de usufruir do poder que tem diante da situação em que se encontra logo no início do romance, quando Jazmín lhe é entregue. Ensina-lhe só o suficiente para tornar seus próprios dias mais tranquilos, só o necessário para que o bebê que ela gera permaneça saudável até o nascimento e, logo em seguida, descarta-a em êxtase com o sucesso de sua empreitada dizendo que ela “tinha o olhar humano do animal domesticado” (Bazterrica, 2022, p. 180), dando certeza de que, afinal de contas, nunca considerou Jazmín mais do que um “animal domesticado”, um simples objeto que ele pode usar a seu favor, que tem alguma finalidade ao ser humano.

Isso porque, dentro dessa comunidade com essas novas leis, ela nada mais é do que um objeto de valor, um produto caro que é considerado um gesto de grande consideração. O paralelo feito aqui é bastante explícito: animais são muitas vezes entregues como um presente, nesse contexto, em que humanos foram criados para substituir os animais usados para consumo humano, é natural que eles sejam tratados dessa forma. Ao longo da narrativa, conforme discutido, vários paralelos como esse são apresentados e o enfoque nessa personagem permite analisar todo o processo de coisificação pelo qual ela está sujeita, não só por ter sido criada para ser transformada em alimento, mas, também, simplesmente por ser uma fêmea.

#### 4.2. CECILIA, MARISA, SPANEL E A DOUTORA VALKA: A ALIENAÇÃO DA FÊMEA HUMANA NO ROMANCE

No capítulo anterior, foi destacado as diferentes violências que atingem Jazmín e que são reproduzidas pelo protagonista, Marcos, durante os meses que ela passa em sua posse e, ainda, as violências as quais ele mesmo a submete nesse período. Ao se focar tais violências se pode perceber como Jazmín é considerada um objeto de valor naquela sociedade, uma coisa sem nenhum direito ou importância e que, por isso, é usada pelo protagonista unicamente em benefício próprio e, logo em seguida, descartada. Compreende-se, então, que as violências sofridas por essa mulher são advindas de um sistema patriarcal profundamente arraigado naquela sociedade, no qual os homens exercem forte poder sobre tudo aquilo que é relacionado ao feminino,

ou seja, tudo que é considerado inferior ao homem ocidental: os rios, plantas, terra, os animais não humanos e a própria fêmea humana.

Dentro desse contexto, entretanto, algumas personagens femininas aparecem também enquanto reprodutoras de violências direcionadas à essa classe de seres humanos usada no abate. Há nelas uma certa alienação de maneira que não se percebem vítimas do mesmo sistema que ajudam a manter, seja a partir de violências que praticam diretamente, a partir de coisas que naturalizam ou, simplesmente, por serem alheias a qualquer questionamento e agirem de maneira automatizada diante da situação em que estão inseridas.

Dessa maneira, cabe discutir a construção de quatro personagens mulheres e a relação que mantêm com o sistema instaurado: Cecilia, esposa de Marcos; Marisa, irmã do protagonista; Spanel, dona de um dos primeiros açougues a ser reaberto após a transição para o canibalismo institucionalizado; e Valka, uma médica dona de um laboratório, cliente do frigorífico no qual o protagonista trabalha. Dentre elas, a primeira recebe um pouco mais de destaque na narrativa em sua relação com Jazmín, por isso cabe discutir a maneira como lida com a situação em que aquela mulher é colocada e as possíveis relações com sua própria experiência.

Para tanto, contudo, é necessário que se faça um breve apanhado da trajetória de Cecilia. Desde o início do romance, Cecilia e Marcos vivem em casas separadas — ela mora com a mãe e ele segue vivendo na propriedade do casal — uma atitude tomada na tentativa de se recuperar do trauma da perda do filho que tiveram juntos, que morreu ainda bebê sem causa aparente, de forma súbita. A morte do filho é algo que assombra o protagonista o romance inteiro e isso fica bastante explícito. Entretanto, Cecilia aparece, efetivamente, em breves momentos durante a narrativa, de maneira que a forma como ela lida com a perda do filho fica apenas implícita em observações feitas pelo próprio protagonista. Apesar disso, é possível fazer uma análise da personagem e suas atitudes em relação à Jazmín uma vez que sua aparição mais robusta acontece justamente relacionada ao nascimento do filho de Marcos e Jazmín.

Para que Cecilia e Marcos conseguissem ter um bebê, ela precisou passar por extensos tratamentos hormonais na tentativa de conseguir engravidar com seus próprios óvulos por meio de reprodução assistida, já que sua capacidade reprodutiva era baixa. Ter um filho, tornar-se mãe, entretanto, era algo bem

importante para a personagem, desse modo, o casal se endividou em busca de tratamento conforme lembranças do protagonista:

a primeira coisa que se lembra é do medicamento na geladeira. De como o transportaram em um recipiente especial para controlar a cadeia de frio, iludidos, muito endividados. (Bazterrica, 2022, p.75)

Entretanto, mesmo com o tratamento, não houve bons resultados e Cecilia sequer conseguiu tentar uma inseminação com um embrião advindo de seus próprios óvulos e, dessa maneira, o casal buscou, enfim, uma doadora.

Isso, contudo, não aconteceu de maneira leve para Cecilia, não ser capaz de gerar um filho com seus próprios óvulos foi uma questão que a mulher teve de trabalhar e, conforme a impossibilidade foi se mostrando cada vez mais incisiva, ela teve de aceitar que seu bebê não teria seu material genético,

a busca de uma doadora de óvulos, as dúvidas sobre a identidade genética, cartas do banco, a espera, medos, a aceitação de que a maternidade não tem a ver com os cromossomos. (Bazterrica, 2022, p.76)

Foi dessa forma que Cecilia conseguiu, finalmente, engravidar e ter um filho com Marcos; todavia, quando tudo parecia resolvido, a criança morreu subitamente. É evidente a insistência de Cecilia em gerar um filho, o casal chega a conversar sobre adoção, mas o caminho buscado é o endividamento para que ela possa conseguir gestar o bebê, isso explicita uma ideia de que há a necessidade de cumprir um papel social, não se trata de simplesmente querer aumentar a família, de dar um próximo passo em sua vida pessoal. Sobre isso, Tomaz (2015) comenta:

embora a diferença biológica tenha sido, de certa forma, um ponto de partida para os estudos feministas analisarem a maternidade, houve uma compreensão de que as disputas de poder não podem ser pensadas apenas desse ponto de vista, mas de uma perspectiva social. Afinal, o problema não está no corpo da mulher ou do homem, mas nos sentidos socialmente construídos e atribuídos a tais diferenças e a suas possibilidades e potencialidades. Sendo assim, a maternidade, com tais contribuições, foi desnaturalizada e passou a ser compreendida como um papel social atribuído à mulher dentro de uma organização sexual do trabalho. (p.3)

Ou seja, a maternidade é compreendida não apenas como uma questão biológica, não se limita ao fato biológico da capacidade ou não de gerar uma criança, mas sim como um dever social incumbido à mulher. Assim, a mulher apenas cumpre seu papel, é valorizada, se consegue atender à essa expectativa.

Além da demora em conseguir ter o filho que tanto queria, Cecilia precisou lidar com cobranças externas tanto vindas diretamente, “[...] a pergunta ‘e aí, para quando é o primeiro filho?’ que se repetia até a exaustão” (Bazterrica, 2022, p.76), quanto indiretamente, por simplesmente ver outros casais tendo filhos, comemorando os primeiros aniversários, realizando batizados etc., enquanto almejava vivenciar todas aquelas coisas:

Salas de cirurgia onde não o [Marcos] deixavam entrar para segurar a mão dela, mais dívidas, bebês de outros, dos que podiam ter, retenção de líquidos, mudanças de humor, discussões sobre a possibilidade de adotar, mais hormônios, o cansaço crônico e mais óvulos sem fertilizar, choros, palavras ofensivas, dia das mães em silêncio, a esperança de um embrião, a lista de nomes possíveis: Leonardo se fosse homem, Aria se fosse mulher. (Bazterrica, 2022, p.76)

Nota-se como havia uma aflição muito grande em torno do assunto para Cecilia ao ponto que a questão da maternidade se tornou algo tão relevante na vida do casal que, quando o bebê que tiveram morreu, pouco sobrou do relacionamento, Cecilia se mudou para a casa de sua mãe e mal falava com Marcos.

A mulher é constantemente resumida a sua capacidade de gerar filhos, sendo este seu único papel social memorável. Após tanto esforço para conseguir ter um bebê e ele não sobreviver, Cecilia perdeu a maternidade permanentemente, uma vez que não poderia voltar a gerar um filho já que era infértil e o casal acumulou uma dívida tentando ter a criança que acabou morrendo. Perder o filho deixou Cecilia completamente impotente diante do desejo do casal de aumentar a família, sendo esse o seu papel social dentro daquele contexto, ela fica impossibilitada de *ser* uma mulher completa.

Todo o dilema gerado ao redor da questão da maternidade para Cecilia se trata, evidentemente, de uma demonstração de como ela é vítima do mesmo sistema que vitimiza Jazmín, embora ambas sofram opressões de maneiras diferentes, posto que Cecília sofre muita pressão para se tornar mãe, para gerar

um filho e isso acaba se tornando o centro de sua existência e Jazmín é violentada para cumprir o papel de gerar outros indivíduos para o abate. Entretanto, quando colocada em relação direta à Jazmín, Cecilia não se percebe no mesmo local de vítima de uma sociedade que a diminui a seus atributos femininos no qual Jazmín está, pelo contrário, admite estar em uma posição melhor que essa e isso a leva a oprimir, tal como Marcos, aquela mulher.

As demonstrações de como Cecilia percebe em Jazmín algo inferior à ela acontece quando ela retorna à sua casa, apenas ao fim do romance, pois Marcos pede que ela siga até lá urgentemente porque precisa de sua ajuda. Mesmo sem saber exatamente o motivo, ela se desloca até a propriedade e tem uma reação bastante negativa ao que encontra: uma “fêmea” em trabalho de parto no quarto do casal.

Entram no quarto e ela vê uma mulher grávida na cama. Olha para ele com tristeza, com certo espanto e com alguma perplexidade, até que se aproxima e vê a marca de fogo que a mulher tem na testa.

— O que uma fêmea está fazendo na minha cama? Por que você não chamou um especialista?

— É meu filho.

Ela olha para ele com nojo. Afasta-se alguns passos, fica de cócoras e segura sua cabeça, como se tivesse uma queda de pressão.

— Você está louco? Que acabar no Matadouro Municipal? Como pôde ficar com uma fêmea? Você é doente. (Bazterrica, 2022, p.178-179)

Nesse trecho, fica evidente o incômodo que ver uma mulher grávida de seu marido lhe causa, a princípio simplesmente por saber que ele se relacionou com alguém que não ela. Porém, logo em seguida, fica explícito que seu incômodo se torna algo mais visceral logo que nota que se trata de uma “fêmea”. Seu auto posicionamento enquanto superior em relação à Jazmín fica evidenciado quando questiona o chamado do marido por ela e não por um “especialista” que, nesse cenário, nada mais é do que um médico que atende apenas a parcela de humanos que são criados para o abate, uma das muitas maneiras de diferenciar os seres humanos que são livres e aqueles que nascem para alimentá-los.

Além disso, ao se deparar com a mulher grávida, sua reação não é protegê-la ou ao menos se indignar com o fato de que o marido manteve relações

sexuais com uma pessoa privada da possibilidade de consentir ou não o ato, mas simplesmente advertir Marcos devido às implicações legais que ele poderia sofrer por sua atitude. Por fim, ao usar o termo “ficar” ao se referir ao relacionamento de Marcos com a mulher, fica implícito que ela não considera aquilo um estupro, não há essa preocupação moral em relação àquela mulher por ela ser propriedade do marido.

Fica evidente, por consequência, como Cecilia, envolta nessa sociedade e estando em uma situação um pouco melhor que Jazmín, não reconhece aquela mulher como uma semelhante, não percebe que poderia igualmente se tornar carne em outro cenário caótico, objetifica Jazmín como se normalizou socialmente que seja feito.

De forma parecida, as outras duas mulheres destacadas participam desse sistema de opressão, cada uma de uma maneira bastante diferente já que ocupam posições sociais bem distintas. Cecilia é a única colocada em uma situação na qual se encontra exclusivamente com uma fêmea, como ela, e, portanto, é também a única que demonstra essa opressão direcionada à uma outra fêmea tão evidenciada. Todavia, todas as demais personagens, à sua própria maneira, demonstram não perceber que o simples fato de haver pessoas sendo objetificadas sob o argumento de que não são humanos é uma demonstração de poder do homem ocidental, do macho humano especificamente, especialmente porque fêmeas são submetidas a constantes gestações para que todo o mercado que se criou naquele contexto seja possível. O processo de transição para o canibalismo e, mesmo antes, quando animais não humanos eram oprimidos dessa forma, está todo tão arraigado que elas, mesmo sendo parte do grupo oprimido, passam a praticar as opressões:

Pelo fato de a estrutura de referentes ausentes superpostos estar muito arraigada na cultura ocidental, ela inevitavelmente enreda os indivíduos. Nossa participação se desenvolve como parte da internalização dos padrões e pontos de vista culturais, e assim deixamos de ver algo de perturbador na violência e no domínio que são partes inextricáveis dessa estrutura. Consequentemente, as mulheres comem carne, trabalham em matadouros, de vez em quando tratam outras mulheres como “carne”, e os homens de vez em quando são vítimas de violência sexual. (Adams, 2018, p.82)

Ou seja, como não há, em Cecilia o entendimento de que é vítima dos mesmos sistemas de opressão que Jazmín, ela passa a praticá-los em relação àquela mulher. Apesar de sua reação, entretanto, a personagem auxilia no parto do bebê de Jazmín e parece genuinamente se importar com o sucesso do procedimento, dizendo palavras de conforto e encorajadoras a ela:

Ele fica atrás da porta do quarto com a orelha grudada na madeira. Não há gritos, só Cecilia dizendo “vamos, mãezinha, empurre, empurre, isso, vamos lá que você consegue, mais forte que já está vindo, vamos mãe, isso, vamos”. [...] “Não! Vamos, neném, se vire, vamos, mãezinha, empurre, vamos que está quase, quase”. (Bazterrica, 2022, p. 179)

Entretanto, seus motivos para tanto empenho e calma durante o parto é logo mais descrito. Após o parto, Jazmín tenta alcançar o bebê, mas é ignorada tanto por Cecilia quanto por Marcos que contemplam a criança enquanto afirmam serem os pais dela. Tendo o bebê nascido saudável, Jazmín é descartada imediatamente pelas mãos de Marcos, mas sem que houvesse qualquer tipo de represália em prol do bem estar da mulher por parte de sua esposa:

[...] Ele levanta a marreta que trouxe da cozinha e bate na testa dela, bem no centro da marca de fogo. Jazmín cai atordoada, desmaiada.

Cecilia se assusta com o golpe e o olha sem entender. Ela grita: “Por quê? Ela podia nos dar mais filhos”. Enquanto arrasta o corpo da fêmea até o galpão para abatê-lo, ele responde com uma voz radiante, tão branca que machuca: “Tinha o olhar humano do animal domesticado”. (Bazterrica, 2022, p. 180)

Aqui, fica explícito a maneira como Cecilia enxerga Jazmín apesar de todo o espanto que demonstrou ao chegar na casa: a mulher é vista por ela como um simples objeto que pode dar ao casal o filho que não foram capazes de ter juntos e que teria a capacidade de continuar exercendo essa única função que ela não é capaz de exercer. Nota-se, dessa maneira, como Cecilia se coloca em posição de poder diante de Jazmín, privilegiada por sua liberdade, considera a existência de uma linha bastante evidenciada que a separa daquela mulher. Essa liberdade, entretanto, nada mais é do que uma ilusão devido a pequena vantagem momentânea que tem quando colocada em contraste com a mulher que acaba de ser levada para a morte. Isso porque, apesar de todos os esforços para

separar Jazmín dela própria, para coisificá-la, ambas são fêmeas e estão sujeitas a sofrer as mesmas violências: Cecilia, devido ao seu privilégio diante da situação da mulher em sua cama, se enxerga próxima a Marcos em termos de poder, mas, na verdade, está no mesmo patamar que Jazmín socialmente, apenas se aliena de sua própria condição.

Nesse sentido, Cecilia não tem função alguma naquele contexto até que volta a ter um bebê para cuidar em suas mãos, seu relacionamento é reconstituído apenas nas linhas finais do romance quando segura o filho de Jazmín e o toma para si. Após a morte de seu próprio filho, o casamento com Marcos definhou, ela se afastou, mas não houve um encerramento no relacionamento dos dois. Tratava-se apenas de uma maneira de tentar se recuperar do trauma sob os cuidados de sua mãe, tanto que ela segue sendo referenciada enquanto “esposa” de Marcos durante a primeira parte do romance inteira. Independentemente disso, Marcos tem relações com outra mulher — além de Jazmín — como se já não houvesse compromisso algum com Cecilia: ela não está morando na mesma casa que ele, eles já não têm um filho juntos e nem poderão ter, portanto, ela não cumpre mais função alguma na vida do protagonista. Percebe-se como sua única função realmente valorizada naquele contexto é cumprir o papel de mãe, enquanto ela não pôde fazer isso, ela não tinha valor algum e só voltou a ter quando, mais uma vez, pôde cumprir seu papel social da maternidade.

A segunda personagem em destaque é Marisa, a irmã do protagonista. Marisa se encaixa nessa sociedade enquanto um modelo de mulher bastante estereotípico: é dona de casa e se ocupa integralmente de atribuições domésticas e da maternidade, ela e o marido têm dois filhos. Há duas aparições mais substanciais de Marisa no romance, a primeira, ainda em meados da obra, acontece quando o protagonista vai lhe fazer uma visita em sua casa, e a segunda já ao fim da narrativa, quando ela sedia o funeral do pai deles. Ainda na primeira ocasião, fica explícito como Marisa lida com o sistema que foi instaurado:

— Todos precisam. Há regiões onde não foram construídos os tetos protetores. Você quer morrer?

— Marisa, você pensa mesmo que, se um pássaro cagar na sua cabeça, você morre?

- Sim.
- Repito, Marisa: no campo, no frigorífico, ninguém usa guarda-chuva, ninguém acha isso. Não seria mais lógico pensar que, se um mosquito te pica, e tivesse antes picado um animal, você não poderia contrair o vírus?
- Não, porque o governo disse que não há perigo com os mosquitos
- O governo quer manipular você, ele existe só para isso.
- Aqui todo mundo usa guarda-chuva. É o mais lógico. (Bazterrica, 2022, p.87)

Ou seja, Marisa é uma pessoa que se adaptou bem às mudanças que foram instituídas na sociedade, aceitou-as de tal maneira que não questiona nenhuma informação ou instrução que chega ao seu conhecimento. Isso posto, fica evidente como basta que todos tomem a atitude de usar guarda-chuva para que ela fique convicta de que é necessário e, portanto, usará também, mesmo que seu irmão lhe apresente um argumento plausível quanto a não garantia de segurança usando um guarda-chuva.

Essa adaptação de Marisa é geral nesse contexto, ela é um exemplo de alguém que verdadeiramente normalizou a situação em que se encontram, para ela se alimentar de uma classe específica de seres humanos é algo tão normal quanto era se alimentar de alguns animais como acontecia antes da transição. O estranho, para a personagem, é justamente o oposto disso: questionar as coisas que acontecem, o que lhe é dito e a maneira como as coisas funcionam; por isso, seu incômodo com as argumentações de Marcos. Ao recusar-se a se alimentar da chamada “carne especial”, Marcos provoca uma reação que demonstra explicitamente como sua irmã normalizou o sistema de modo geral, não só quanto às medidas de segurança para não contrair o vírus, mas também a alimentação baseada em carne humana:

- Vou preparar para você uns rins especiais marinados no limão com ervas, de lamber os beiços.
- Não estou comendo carne, Marisa.
- A irmã olha com estranheza e com certa suspeita.
- Você não virou um desses veganoides, não é?
- É uma questão de saúde, indicação médica. Por um tempo só. (Bazterrica, 2022, p. 84-85)

Fica explícito que, para Marisa, se alimentar de seres humanos se tornou algo perfeitamente equiparado a comer os animais não humanos que costumavam ser usados com essa finalidade antigamente, tão comum e banal

quanto era comer vacas e porcos. Isso de maneira que se recusar a comer “carne especial” é motivo de estranheza para a personagem e, mais que isso, de ridicularização, explícito pelo uso do termo “veganoide”. Pouco depois dessa interação com o irmão, a personagem chega a afirmar que “não se comem pessoas” o que, implicitamente, deixa a maneira como ela enxerga essas pessoas bem evidente: tratam-se de animais não humanos e que, como os usados antigamente para alimentação, são próprios para esse uso e não há problema algum em comê-los já que servem apenas a esse propósito.

Essas pequenas demonstrações de normalização de Marisa aliadas ao fato de que ela serve “carne especial” para sua família já é o suficiente para que se compreenda como a personagem é bastante alheia às raízes desse sistema que se instaurou. Não reconhece que antes os animais não humanos eram oprimidos por uma sociedade que os considerava inferiores e, por isso, legitimava tais violências, da mesma maneira que várias violências são direcionadas à mulheres como ela e, após a instituição do canibalismo, não reconhece que se trata, ainda, de uma diferenciação na base desse sistema.

Ou seja, antes as violências eram pautadas em diferenciações carregadas de viés — como, por exemplo, a não racionalidade daqueles animais — e essas diferenciações seguem sendo a base para o novo sistema, o mesmo sistema de diferenciações que lhe nega diversos direitos e a coloca como vítima de várias violências — como, por exemplo, a mulher é inferior ao homem já que é fisicamente mais fraca, ou, ainda, o único papel social da mulher é a reprodução e, portanto, ela é vista como uma máquina reprodutora e nada mais. Apesar de isso já demonstrar fortemente as ideias de Marisa, ela vai além e passa a praticar violência ativamente contra essa parcela de seres humanos, saindo do campo da simples aceitação.

No contexto em que vivem, a carne humana comercializada é algo bastante caro de maneira que poucas pessoas têm acesso a esse produto chegando ao ponto de que alguns, os menos abastados, se alimentam de carnes adulteradas ou, ainda, de carnes que sequer são apropriadas para o consumo devido a algum tipo de contaminação:

Chega ao frigorífico. É um lugar isolado, rodeado de cercas elétricas. Colocaram-nas por conta dos Carniceiros, que

tentaram entrar várias vezes. Romperam as cercas quando não tinham eletricidade, treparam nelas, machucaram-se só para conseguir carne fresca. Agora se conformam com as sobras, com os pedaços que não têm utilidade comercial, com a carne adoecida, com o que ninguém comeria, a não ser eles. (Bazterrica, 2022, p.52)

Simplesmente ter acesso à “carne especial” já é um privilégio naquela sociedade, porém, mais bem visto que isso é criar seu próprio espécime e, aos poucos, se alimentar dele. Sendo assim, Marisa revela ao irmão, ainda no primeiro encontro que têm na narrativa, o verdadeiro motivo do seu contato e insistência em que ele lhe fizesse aquela visita:

— Me fale, Marquitos, vocês vendem cabeças particulares para alguém como eu?  
 Ele come o que acha que são verduras. Não distingue o que está comendo, nem pela cor nem pelo sabor. Sente um cheiro azedo no ar. Não sabe se é da comida ou se é o cheiro da casa.  
 — Você está me ouvindo?  
 Olha para ela durante alguns segundos sem responder. Pensa que, desde que ele chegou, ela não perguntou pelo pai.  
 — Não.  
 — A moça do frigorífico disse outra coisa.  
 Ele decide que é o momento de acabar a visita. (Bazterrica, 2022, p. 92)

Apesar de Marisa construir uma imagem de sua família enquanto perfeita, seguir seu papel de mãe e esposa de maneira rigorosa, ainda há essa possibilidade de melhorar a maneira como são vistos na comunidade em que vivem. Ter sua própria criação em casa é algo que demonstra um *status* social bastante desejado naquela sociedade, afinal se trata de algo muito caro já que demanda toda uma estrutura que reproduza, em menor escala, um frigorífico e, portanto, é um sinal de uma família bem abastada. Logo, Marisa busca pela ajuda do irmão para conseguir um exemplar para criar em casa e, quando ele recusa, a irmã alcança seu objetivo à sua própria maneira:

Anda em direção à porta do quarto refrigerado. Espia e lá dentro vê uma cabeça sem um braço. “Consegui, essa vadia”, pensa. Ter uma cabeça doméstica na cidade é um símbolo de *status*, dá prestígio. Olha melhor e percebe que é uma PGP, porque pode distinguir algumas siglas. Do lado, sobre a bancada, vê um livro. A irmã dele não tem livros. O título é *Guia para realizar a morte por mil cortes em cabeças domésticas*. (Bazterrica, 2022, p.169, grifos da autora)

A descoberta por parte do protagonista de que a irmã conseguiu comprar um espécime para criar em casa acontece já ao fim do romance, durante o velório do pai dos irmãos. Todos se reúnem e discutem esse método de abate em casa, no qual a criação é mantida viva pelo máximo de tempo possível através de cortes estratégicos que não a matem, isso para que a carne fique fresca por mais tempo. Ou seja, o encontro que deveria ser uma homenagem ao pai dos irmãos se torna, sob os cuidados de Marisa, uma oportunidade de socializar e mostrar para as pessoas como ela e sua família estão bem financeiramente, demonstrar como são elegantes e sofisticados já que servem a melhor carne possível para seus convidados: criada em casa, abatida por uma técnica que é moda no momento, de alta qualidade já que é uma PGP.

Essa atitude de Marisa, de querer ela mesma criar a carne que vai servir simplesmente porque é um símbolo de sofisticação e prestígio, é um elemento importante na sua construção enquanto uma mulher que, como Cecília, é completamente alheia ao fato de que os moldes sociais que levam aquele ser humano a estar em sua geladeira como um alimento são os mesmos que a levam a ser uma mulher que é apenas a esposa de alguém, que é apenas mãe de duas crianças, apenas uma “ótima anfitriã” (Bazterrica, 2022, p.169).

A questão aqui não é que ser mãe ou dona de casa seja algo fácil e que, portanto, ela devesse buscar mais do que isso. O que se destaca é que ela não tem outras opções; está limitada a ser mãe, dona de casa e anfitriã, já que, por ser mulher, é considerada inferior ao homem. Dessa forma, suas atribuições se restringem ao âmbito doméstico. Por ser inferiorizada, ela fica à mercê de violências que têm origens semelhantes à violência que exerce contra a pessoa que mantém em sua geladeira. No entanto, não reconhece que também é objetificada e reduzida à condição de um ser inferior, como aquela pessoa. Desse modo, a violenta por esses motivos, como se fizesse parte de uma classe privilegiada que, na verdade, é exclusiva aos homens.

As duas últimas personagens a serem destacadas neste capítulo compartilham características e, cada uma a sua maneira, são as que mais estão embrenhadas no sistema devido às suas profissões. Entre elas, Spanel tem mais aparições na narrativa e uma relação mais pessoal com o protagonista; portanto, sua construção será discutida primeiramente.

Conforme já destacado anteriormente, Spanel é dona de um açougue e costumava trabalhar no frigorífico que o pai de Marcos tinha antes do surgimento do vírus que acometeu os animais não humanos. Suas menções na obra estão todas relacionadas à sua loja.

O fato de Spanel ser dona de uma loja de carnes é algo muito significativo para a forma como a personagem é construída. Isso porque, em algumas das menções à ela ao longo da narrativa, é descrita enquanto uma mulher que destoa bastante das demais personagens femininas destacadas até aqui:

Com a carne especial, foi necessária uma adaptação a novos cortes, novas medidas e pesos, novos gestos. Spanel foi a primeira e a mais rápida porque manipulava a carne com um desapego assustador. (Bazterrica, 2022, p.40)

A mulher é sempre descrita como alguém que é muito fria, que não demonstra seus sentimentos, é dito até mesmo que o protagonista nunca a vira sorrir, por exemplo. Se essa caracterização acompanhasse qualquer outra personagem na narrativa, a construção seria algo apenas mais sério, sombrio talvez. Entretanto, em se tratando de uma mulher que possui e lida diariamente com os trabalhos que precisam ser feitos em um açougue, essas características ganham um significado a mais, pois dão à ela contornos masculinizados e ajudam a afastá-la de sua posição inferiorizada naquela sociedade. É evidente que ela, a despeito disso, está sujeita às violências já discutidas nos parágrafos anteriores; contudo, suas características deixam ainda mais aflorada a ideia de que ela não se percebe nesse lugar diminuído.

Não se trata simplesmente de uma mulher que trabalha cortando pessoas como costumava cortar alguns animais não humanos e vendendo-as, pois é o emprego que lhe resta, ou, ainda, o que sabe fazer. É mais profundo que isso, Spanel é proprietária da loja mesmo não tendo necessidade de trabalhar com isso:

[Marcos] bebe de um gole só e diz que não entende, que ela tem grana, que poderia garantir sua morte como fazem tantos outros [...]. “Então por que você não desiste? Por que não vende o açougue e vai trabalhar com outra coisa?”. (Bazterrica, 2022, p. 42)

Fica evidente como nada obriga a personagem a trabalhar com o açougue. Contudo, apesar de acreditar que é errado vender carne humana, conforme explicita no trecho “‘Estou rodeada de morte, o dia todo, a toda hora’, a aponta para as peças nas geladeiras: ‘tudo indica que meu destino será esse, ou você acha que não vamos pagar por isso?’” (Bazterrica, 2022, p. 42), ela o segue fazendo. Mais que isso, foi peça importantíssima, como já destacado, no processo de transição já que acostumou os clientes com o novo produto através dos cortes parecidos com os que costumavam ser feitos nos animais não humanos.

Spanel ocupa um lugar normalmente reservado aos homens naquela sociedade, trabalha com morte, com cortes precisos, com um trabalho bastante braçal e isso tudo por escolha própria. Sua caracterização e atitudes mais masculinizadas, quase mecânicas, apenas corroboram com a posição igualmente masculinizada que ela pensa ocupar naquela sociedade.

Essa caracterização diferenciada da personagem é bastante significativa se levar-se em conta o fato de que ela foi uma parte tão importante no sucesso da instauração desse novo modelo social. Spanel é a única mulher da narrativa com um papel tão ativo na instituição do sistema canibal da sociedade descrita no romance, visto que, ao ajudar a normalizar o consumo de carne humana através dos cortes que fazia, corroborava com uma maneira de levar seus clientes a não associar a carne que estavam comprando com seres humanos, mas sim com os animais não humanos que já estavam habituados, que já consideravam simplesmente comida e não mais um ser vivo com suas próprias ideias, sentimentos, medos, desejos, etc.

Nesse sentido, a personagem realmente se aproxima mais do protagonista já que, como ele, trabalhou para que o canibalismo fosse instaurado, mas isso só se deu por conta da alienação da personagem quanto a sua situação enquanto mulher. Diferente das demais personagens femininas destacadas que corroboram com tal sistema por consumir o produto oriundo dele ou, de forma mais grave, por praticarem violências contra um espécime em específico que esse sistema legitima em algum nível, Spanel trabalha mantendo esse mercado, moldando-o de maneira que tenha mais sucesso. Isso considerando que, se não houvesse pessoas dispostas a vender a carne

produzida como ela, a naturalizar o consumo para que as pessoas passassem a consumi-la, o mercado teria um fim em si mesmo.

Dessa forma, por sua aparente posição privilegiada em relação às demais mulheres, cria-se a impressão de que ela está, de alguma forma, em uma colocação melhor que aquelas pessoas que chegam em sua loja para que ela as corte em pedaços e venda como alimento. Entretanto, tal como as outras personagens citadas até aqui, ela é vítima do sistema que ajudou ativamente a ser instaurado: vende o produto da repetida violação do corpo de outras fêmeas sem se dar conta de que ela, sendo também uma fêmea, é alvo dessa mesma violência que é apenas manifestada de outras formas.

Valka, a última personagem feminina a ser destacada, é dona de um laboratório que realiza experimentos diversos e aparece na narrativa uma única vez, quando o protagonista visita as instalações de seu laboratório a fim de conversar com ela para que lhe diga as especificações dos espécimes que pretende comprar do frigorífico. Similar a Spanel, a médica ocupa uma posição diferenciada em relação à Marisa e Cecilia já que é uma mulher que trabalha com ciência, classe privilegiada também naquela sociedade e, novamente, uma posição da qual mulheres são normalmente excluídas.

Durante sua conversa com Marcos, Valka demonstra ser bastante consciente dos empecilhos que enfrenta por ser mulher naquele contexto, chega a expô-los no curso da interação com o protagonista:

Repete sempre os mesmos discursos: o quanto é difícil, ainda neste século, ser mulher e profissional, que as pessoas têm preconceito com ela, que só agora está conseguindo que falem com ela e não com seu assistente, um homem, pensando que ele é o diretor do laboratório, que ela escolheu não constituir uma família e é cobrada socialmente por isso, porque as pessoas continuam pensando que as mulheres têm de cumprir com algum desígnio biológico, que sua maior conquista na vida foi seguir adiante, nunca desistir, que ser homem é muito mais fácil, que essa é sua família, o laboratório, [...] que ela está revolucionando a medicina e as pessoas ainda olham se os sapatos que ela usa são femininos ou se aparecem as raízes do seu cabelo porque não teve tempo de ir ao cabeleireiro. (Bazterrica, 2022, p.160)

Fica evidente como a personagem tem total consciência de que o fato de ela ser uma mulher, uma fêmea portanto, a coloca à mercê de inúmeras

limitações e violências, tais como: ser dona de um laboratório que foi recentemente premiado com “um dos prêmios mais prestigiosos em pesquisa e inovação” (Bazterrica, 2022, p.158) e, apesar disso, as pessoas pensam que seu assistente é o proprietário, questionam sua escolha em seguir carreira profissional em vez da doméstica, cobram que mantenha uma aparência jovial e disfarce os cabelos esbranquiçados, etc. Ou seja, apesar de ela ter a vida que quer e ser, nesse sentido, uma mulher de sucesso, continua a sofrer pressões por seu sexo, por não seguir o que se espera socialmente de uma mulher.

Os experimentos realizados no laboratório, sob os comandos de Valka, entretanto, demonstram como a personagem, apesar de ser consciente das opressões que sofre por ser mulher, não tem consciência de que eles são, em sua origem mais profunda, advindos de sua condição enquanto fêmea, ou seja, independem do fato de ser uma humana. A “função biológica” (Bazterrica, 2022, p.160) da qual se queixa de ser cobrada é, afinal de contas, o único papel atribuído à fêmea na sociedade e geradora, muitas vezes, das violências que a acomete: é a capacidade de gerar outros de sua espécie a principal violência direcionada a animais não humanos como vacas, porcos, galinhas e a própria fêmea humana já que se espera que ela seja, acima de tudo, mãe.

Alguns experimentos realizados pela médica são citados no trecho que compete a visita de Marcos ao seu laboratório. Muitos, como esperado, envolvem seres humanos e são executados de maneira a respeitar os protocolos exigidos naquele novo sistema, conforme a médica afirma. Desses, dois chamam a atenção tanto pela forma como são desenvolvidos, o que revela os novos parâmetros desde que seres humanos passaram a ser usados nesse tipo de pesquisa, quanto pelos motivos que servem, para Valka, como justificativa para realizar o teste.

Um deles se destaca por colocar essas pessoas em uma situação completamente nova que só se tornou possível devido a institucionalização da criação e venda de seres humanos para serem usados como espécimes de experimentos: simulações de acidentes automobilísticos são feitas com homens no lugar dos *dummies* normalmente utilizados nesse tipo de teste:

Leva-os para uma sala no outro andar, onde os exemplares são todos machos, estão sentados em assentos que se parecem

com os dos carros. Estão imobilizados e com a cabeça dentro de um tipo de capacete que parece uma estrutura quadrada formada por barras metálicas. Um assistente toca um botão e a estrutura se move a alta velocidade, batendo a cabeça do espécime sobre um tabuleiro sensível que registra a quantidade, a velocidade e o impacto desses golpes. (Bazterrica, 2022, p.162)

Por esse experimento, fica bastante explícito a maneira como a institucionalização do canibalismo naquela sociedade levou a uma liberdade da ética humana. Dessa forma, os seres humanos usados no abate perdem importância, consideração de seus direitos ou mesmo vontades, de tal maneira que eles passam a ser utilizados, legalmente, em experimentos como o citado, no qual substituem bonecos. Ou seja, cumprem a mesma função que um objeto costumava cumprir, são destituídos completamente de qualquer animalidade — humana ou não humana — e equiparados àqueles objetos.

O outro, tem como objetivo observar as reações dos bebês ao ver suas mães desacordadas. Valka realiza experimentos tanto com homens quanto com mulheres; entretanto, este experimento em específico chama a atenção, pois a violência a que ela expõe aquelas mulheres e seus bebês é oriunda exclusivamente da condição da fêmea naquele contexto: as mulheres são colocadas desacordadas em frente a seus filhos para que, ao se depararem com a mãe aparentemente morta, suas reações sejam observadas. Este experimento chama atenção especialmente por se tratar de uma fêmea usando outra, em sua condição de fêmea, para realizar um experimento cujo resultado é evidente.

Ou seja, Valka, em sua posição de médica, de pesquisadora, de uma mulher da ciência — todas características não esperadas, conforme ela mesma pontua, de uma fêmea — violenta outras fêmeas, pois se percebe em uma posição superior àquelas mulheres que usa em seus experimentos, uma vez que essas ocupam a posição de animais não humanos. Sua condição de humana naquele contexto, não a isenta de ser vítima de violências oriundas de seu sexo, mas é justificativa para que ela reproduza violências direcionadas a outras fêmeas.

## **CONCLUSÃO**

O conceito de ser humano foi criado, historicamente, tomando como base o homem branco ocidental o que o colocou em posição de ser supremo em relação a tudo mais que o cerca. A dualidade intrínseca a essa conceituação promove o homem enquanto ser absoluto ao colocá-lo como ponto de partida para os demais conceitos existentes: assim a natureza é aquilo que não é o homem, os animais não humanos são aquilo que não é o homem, a mulher é aquilo que não é o homem. Como se pode observar, posto dessa forma, o conceito de ser humano é exclusivista em si próprio já que não abarca a fêmea humana. Por conta disso, ela é rebaixada, aproximada a tudo mais que não é humano e, conseqüentemente, oprimida por esse mesmo motivo.

Por séculos, criou-se e perpetuou-se a ideia de que animais não humanos eram comparáveis à máquinas, simples objetos. Isso foi defendido usando como argumento base a não sensibilidade de tais animais. Ou seja, considerava-se que animais não humanos eram seres incapazes de sentir dor, de expressar seus sentimentos e que, por consequência, eram irracionais. Cientificamente, entretanto, essa concepção se mostrou equivocada quando, em 2012, ficou comprovado que os animais não humanos têm substratos neurológicos concernentes à consciência, tal qual seres humanos, conforme publicado na *Declaração de Cambridge sobre a Consciência Animal*.

A inferiorização da natureza e dos animais não humanos é o que justifica, em suas interações, diversas práticas destrutivas que, aos poucos, provoca resultados irreversíveis. Por conta disso, a Ecologia — responsável por estudar os seres vivos e suas interações com o ambiente onde vivem, seja ele orgânico ou inorgânico — aponta o ser humano como o principal elemento de ruptura entre os interligamentos que representam o todo da natureza. Com o crescimento das civilizações e, conseqüentemente, o aumento das destruições observadas, os estudos da Ecologia se tornaram mais urgentes, o que impulsionou a popularização dos estudos a partir da década de 1960. Pouco depois, em 1962, *Primavera Silenciosa* foi lançado por Rachel Carson, livro que foi o ponto de partida para que a Ecologia saísse dos limites da academia e pudesse atingir públicos de outras áreas do conhecimento devido aos elementos literários de seu texto de abertura.

Carson foi duramente criticada à época do lançamento de seu livro devido a literariedade presente em seu texto. Todavia, o mesmo livro que foi alvo de

críticas é também considerado o fundador do ambientalismo moderno atualmente. Por conta do apelo literário que carrega, que tem como temática a problemática por trás do uso exacerbado de pesticidas nos Estados Unidos, se notou a possibilidade de se discutir questões ecológicas em artefatos literários.

A Ecocrítica surge, então, da união desses dois estudos, a Ecologia e a Literatura, trazendo para a esfera cultural discussões ecológicas que, antes, ficavam confinadas na academia. Com a Ecocrítica tornou-se possível discutir questões acerca das interações entre o ser humano e o ambiente físico, de início, em textos literários, mas, atualmente, a teoria crítica abrange também outros artefatos artísticos.

O Ecofeminismo se desenvolveu a partir da Ecocrítica, como uma ramificação dela, conforme ficou explícito que a mesma relação de opressão entre homem e natureza acontece entre a própria espécie humana, entre o homem e a mulher. Ou seja, o homem age de forma opressiva em relação à natureza, utilizando dela como uma mera fonte de recursos inesgotáveis para seu uso, como um objeto que está a sua disposição ininterruptamente e age, também, de maneira opressiva em relação à mulher, rebaixando-a a um mero objeto sexual, cuja única função é reproduzir. Todas as violências que atingem a natureza, os animais não humanos e a mulher têm origem, portanto, na posição de superioridade que o homem se colocou historicamente. Por conta dessa aproximação, compreende-se que as discussões do Feminismo e da Ecocrítica devem ser unidas uma vez que ambas as críticas enfrentam os problemas advindos do patriarcado.

Carol Adams (2018) é a responsável por popularizar o conceito de referente ausente, cunhado por Margaret Homans, que se refere a ausência do referente animal quando se fala, por exemplo, de “frango”, de “carne”, de “bacon”. Isso quer dizer que o animal, o ser vivo, é afastado da ideia de que é um ser com vontades, desejos, sentimentos para que possa ser transformado em comida, é feito um referente ausente. Essa ausência é algo que acomete também com a mulher, visto que ela, no contexto do estupro, da maternidade, da pessoa encarregada das atribuições domésticas, é tornada ausente para que um corpo puramente sexualizado, capaz de gerar filhos possa existir. Logo, percebe-se uma aproximação bastante explícita na maneira como mulher e animais são objetificados socialmente, ambos são, à sua maneira, considerados

objetos que estão à disposição do homem para que ele possa satisfazer seus desejos.

Além disso, Adams (2018) discorre sobre o conceito de “referente superposto”, argumentando que mulheres e animais não apenas são feitos ausentes isoladamente, mas, também, se tornam um o referente ausente do outro. Animais são, por exemplo, vendidos como alimento sob cartazes que os representam, muitas vezes, como mulheres sexualizadas. Isso, ao passo que, mulheres vítimas de abuso sexual muitas vezes são referenciadas como animais geralmente seriam através do uso de expressões como “pedaço de carne”. No primeiro exemplo, a mulher é tornada ausente, é vista como um objeto sexual e, nessa condição, é lembrada para referenciar o animal vendido como alimento. Já no segundo, o animal é transformado em simplesmente comida e, nessas condições, é lembrado para referenciar a mulher vítima de violência sexual.

Apesar da mulher ser, portanto, violentada por sua posição inferior, tal qual os animais não humanos e a natureza como um todo, ela é humana. Essa percepção de sua humanidade não considera, entretanto, que o conceito a exclui e, por conta disso, ela, em muitos casos, participa da opressão contra animais não humanos: ela come carne; ela mantém pássaros presos em gaiolas; ela é dona de fazendas e explora corpos femininos, como o das vacas e das galinhas, para obter lucro; entre tantos outros exemplos possíveis.

O romance de Bazterrica representa, diante de tudo exposto até aqui, uma possibilidade de discussão acerca da relação de opressão existente entre o homem, a mulher e os animais não humanos. Isso porque coloca uma parcela de seres humanos na posição inferiorizada e objetificada que, nas sociedades ocidentais atuais, é ocupada por tudo aquilo que é associado ao feminino: a natureza, os animais não humanos, a mulher. Ficou explícito, ao longo deste trabalho, como o especismo é o elemento central nas escolhas tomadas na sociedade descrita por Bazterrica, como ele se manifesta de forma a favorecer o ser humano por mais extrema que sejam as atitudes tomadas: nesse caso, aniquilar todas as formas de vida animal em prol da vida humana.

A capacidade do ser humano de segregar se apresenta na narrativa com a solução encontrada para a crise gerada pela falta de carne circulando no mercado: cria-se uma raça de ser humano especialmente para ser comercializada como alimento. Esse elemento do romance é uma representação

dos dualismos apontados por Warren (1989): o homem e a natureza, o homem e os animais não humanos, o homem e a mulher, o homem branco ocidental e o imigrante, etc. Eles se perpetuam no romance: de início, a diferença entre homens e animais não humanos justificava a utilização desses como alimento por aqueles; quando animais não humanos deixaram de ser uma opção, outro dualismo foi usado como justificativa, homem branco ocidental e imigrante e, mais tarde, homem e ser humano animalizado;

O especismo encrustado naquela sociedade distópica é o ponto de partida para todas as transformações que ocorrem ali. Como os animais não humanos são tidos como objetos ao dispor do homem, quando surge o vírus que coloca em risco a vida dos seres humanos, a solução é rapidamente encontrada no extermínio de todos os animais. O bem-estar humano é o que importa naquela sociedade e, para que ele seja mantido, a vida de todos os demais animais é, deliberadamente, tirada. A partir disso, se instaura o canibalismo e, com a colocação de certos seres humanos na posição inferiorizada antes ocupada pelos animais exterminados, eles passam a sofrer violências que normalmente não seriam alvo em algum tempo no passado.

Isso abre precedentes para que a análise da personagem feminina Jazmín, uma mulher dessa parcela de seres humanos de abate, seja feita em termos de entendê-la enquanto um objeto tanto por sua condição de fêmea quanto por sua condição, naquele contexto, de fêmea não humana. A questão central se encontra na maneira como o protagonista da obra lida com essa mulher durante os vários meses que ela fica sob seus cuidados, após recebê-la como um presente.

Desde o momento que Jazmín chega à casa do protagonista fica evidenciado como o personagem percebe aquela mulher como um simples objeto, apesar de se mostrar bastante incomodado com a chamada “transição” — a institucionalização do canibalismo. Quando não consegue devolver o “presente” ele passa a fazer planos, a cogitar como poderia usar aquela mulher em seu benefício: talvez vendê-la e ganhar um dinheiro extra, talvez inseminá-la e começar seu próprio negócio. Isso já é um indicativo de como ele enxerga Jazmín como um objeto rentável, que está disponível para que ele utilize e tenha algum benefício pessoal unicamente.

Durante os meses de interação que o personagem tem com a mulher, mais e mais rastros da forma com ele a percebe enquanto um objeto aparecem de tal maneira que, ao fim, quando ele a leva para o abate, existe apenas a confirmação explícita daquilo que vinha sendo desenvolvido durante toda a obra. Marcos tem consciência de que as pessoas criadas para o abate, como Jazmín, são *pessoas*; afinal, ele conhece bem o processo de criação delas: a retirada das cordas vocais para que não falem, o desenvolvimento em cativeiro, as atitudes que muitas vezes tomam para tentar evitar que seus filhos tenham o mesmo fim, todo o processo de naturalização do canibalismo feito com criação de termos específicos, etc. Mas, a julgar pelo que faz com Jazmín, ele as considera inferiores a ele, aceita bem a posição de animais não humanos que elas ocupam naquele contexto. Isso fica evidente quando insinua, por diversas vezes, que Jazmín não é capaz de pensar quando a observa fitando o nada como quem reflete sobre algo. Há ainda a forma como se refere à ela, *fêmea*, que é o termo oficial que ele deveria utilizar, mas que, apesar disso, é intercalado com *mulher* deixando evidente como Jazmín — em sua posição de animal não humano — e as demais mulheres que tem convívio ocupam, para ele, a mesma posição: a capacidade de reprodução, a sexualidade é a única coisa que as qualifica, são objetos sexuais capazes de gerar filhos apenas.

Essa objetificação da fêmea, humana e não humana, é algo que fica óbvio quando Marcos começa a demonstrar interesse sexual por Jazmín, quando começa a perceber naquela mulher incapaz de se defender, que não compreende as violências que sofre devido a não socialização, que não pode expressar com a fala o seu descontentamento, que está totalmente sob seu poder, um objeto sexual. O estupro ocorrido ao fim da primeira parte do romance acontece após um certo tempo de convívio, após Jazmín ter até mesmo a chance de fugir dali e não o fazer e, portanto, após o protagonista ter a certeza de que poderia fazer qualquer coisa com aquela mulher pois não sofreria nenhum tipo de represália, afinal ela era posse dele.

Quando ela engravida, o tratamento que recebe muda, mas isso não se dá por preocupação com a mulher, o que fica evidente quando o bebê nasce e Jazmín é descartada imediatamente. Essa violência é o elemento da narrativa que confirma que, para Marcos, Jazmín é apenas uma fêmea, um corpo que pode satisfazer seus desejos sexuais, que pode gerar um filho para ele e a

esposa — uma fêmea incompleta, aliás, que é abandonada quando não pode mais oferecer um filho. Perceber diversos traços de consciência naquela pessoa em sua garagem não anula o fato de que ele, em sua posição de macho humano, tem poder sobre ela e pode utilizá-lo como preferir.

Jazmín, apesar de ser alguém que demonstra sensibilidade, é transformada em *coisa*, em objeto, de tal maneira que mesmo as mulheres em destaque no romance a consideram inferiorizada. Cecilia é a única que tem contato direto com Jazmín, mas é também a representação mais exacerbada de como a fêmea humana se aliena, não se percebe vítima dos mesmos processos que vitimiza aquela pessoa e, por isso, reproduz as mesmas violências. No caso de Cecília, isso é ainda mais incisivo porque a personagem propõe manter Jazmín viva para continuar explorando ela enquanto fêmea, para que pudesse lhe gerar mais filhos. Isso, apesar do fato de que todo o sofrimento que enfrenta ao longo do romance é advindo justamente de sua condição enquanto fêmea: sua função era ser mãe e ela foi prontamente trocada, primeiro por Spanel e depois por Jazmín, quando essa possibilidade é descartada com a morte do filho do casal.

Spanel e Valka, mesmo não encontrando com Jazmín ao longo do romance, participam ativamente desse processo de opressão da fêmea também. A primeira por ter sido peça fundamental na instauração daquele sistema, já que vende a carne originada na violência de fêmeas como ela. A segunda, de forma parecida, por utilizar seres que, assim como ela, são tornados meros objetos para realizar experimentos injustificados, mas que continua a fazê-los pois a ilusão que tem de sua proximidade com o homem, de uma posição de poder, faz com que ela se considere superior àquelas pessoas que mantém em seu laboratório. Marisa, por fim, ao manter uma pessoa em sua geladeira demonstra total aceitação e, além disso, alienação quanto ao que se instaurou na sociedade em que está inserida. Para ela, é apenas uma questão de prestígio social, almeja simplesmente que as pessoas vejam sua família como sendo de pessoas refinadas, que podem oferecer o melhor possível para seus convidados.

O que fica evidenciado, então, é que todas essas mulheres se percebem em posição privilegiada naquele contexto em relação à todas as pessoas criadas para o abate, consideradas animais não humanos. Por se enxergarem enquanto humanas, essas mulheres não notam que são também colocadas em posição

inferior, que não se enquadram no conceito de humanidade e, por isso, sofrem opressões variadas que são baseadas em seu sexo, por sua condição de fêmea. Jazmín é uma personagem que permite a visualização aproximada, com mais evidência, da maneira como fêmeas são objetificadas, tornadas *coisa* por seu sexo e todas as violências que sofre, desde antes de ficar em posse de Marcos e mesmo depois, representam a opressão que toda fêmea é alvo em algum nível mesmo que, como as demais mulheres do romance, não perceba.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J. **Política sexual da carne**: uma teoria feminista-vegetariana. Trad. Cristina Cupertino. 2. ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

ADAMS, Carol J. The Feminist Traffic in Animals. In: GAARD, Greta; ed. **Ecofeminism: women, Animals, Nature**. Philadelphia: Temple University Press, 1993. p. 195-218.

ARANHA, Carla. Animais mortos com mutação da COVID são nova ameaça na Dinamarca. **Exame**, 2020. Acesso em 01/11/2024. ([Animais mortos com mutação da covid são nova ameaça na Dinamarca | Exame](#))

BAZTERRICA, Agustina. **Saboroso Cadáver**. Tradução de Ayelén Medail. Rio de Janeiro: DarkSide Boks, 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BIRKELAND, Janis. Ecofeminism: Linking Theory and Practice. In: GAARD, Greta; ed. **Ecofeminism: women, Animals, Nature**. Philadelphia: Temple University Press, 1993. p. 13-59.

CARSON, Rachel. Uma fábula para o amanhã. *In.*: **Primavera Silenciosa**. Trad. Raul de Polillo. 2. Ed. São Pulo: Portico, p. 11-14, 1969.

D'EAUBONNE, Françoise. **Le féminisme ou la mort**. Paris: Le passager clandestin, 2020.

DESCARTES, RENÉ. **Discurso do método**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FIORIN, José Luiz. **A linguagem humana**: do mito à ciência. **Linguística**, p. 13-46, 2013.

- FRANCIONE, Gary L. **Introdução aos direitos animais: seu filho ou o cachorro**. Campinas: Unicamp, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GAARD, Greta. Living Interconnections with Animals and Nature. In: GAARD, Greta; ed. **Ecofeminism: women, Animals, Nature**. Philadelphia: Temple University Press, 1993. p. 1-12.
- GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. New York: Routledge, 2006.
- GATES, BARBARA T. A Root of Ecofeminism: Ecoféminisme. **Interdisciplinary Studies in Literature and Environment** 3, vol. 1, 1996, p. 7-16. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44085413>. Acesso em 20/08/2024.
- GLOTFELTY, Cheryll. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. **The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology**. Athens / London: The Univ. of Georgia Press, 1996. p. 15-37.
- GRUEN, Lori. Dismantling Opression: An Analysis of the Connection Between Women and Animals. In: GAARD, Greta; ed. **Ecofeminism: women, Animals, Nature**. Philadelphia: Temple University Press, 1993. p. 1-12
- INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, 1995, p. 39-53
- KANT, I. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Trad. de Clélia Martins. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- KHEEL, Marti. A contribuição do ecofeminismo para a ética animal. In: ROSENDO, Daniela (org.). **Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais**. Editora Ape'Ku, Rio de Janeiro, 2019.
- LIAZIBRA, Luiz Felipe. Proibição do uso de animais em testes para cosméticos está em vigor. **Senado Notícias**, 2023. ([Proibição do uso de animais em testes para cosméticos está em vigor — Senado Notícias](#)). Acesso em 15/10/2024.
- LOW, Philip; PANKSEPP, Jaak; REISS, Diana; EDELMAN, David; VAN SWINDEREN, Bruno; KOCH, Christof. The Cambridge Declaration on Consciousness. ([The Cambridge Declaration on Consciousness](#)). **Francis Crick Memorial Conference**, p.01-02, 2012. Acesso em 11/09/2023.
- MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MERCHANT, Carolyn. **Radical ecology: the search for a livable world**. 2.ed. New York: Routledge. 2005.

MIGUEL, Ricardo. Especismo. **Compêndio Em Linha de Problemas de Filosofia Analítica**. 2020

NACONECY, Carlos Michelon. **Ética & animais: um guia de argumentação filosófica**, 2006.

NAGAO, Ana Claudia. FDA deixa de exigir testes de medicamentos em animais. **Panorama Farmacêutico**, 2023. ([FDA deixa de exigir testes de medicamentos em animais](#)) Acesso em 15/10/2024.

PLUMMWOOD, Val. **Feminism and the mastery of nature**. New York: Routledge. 2003.  
Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

RUECKERT, William. Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. **The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology**. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996. p. 105-123.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Prometeu Moderno**. Trad. Santiago Nazarian. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing**. Princeton University Press, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles (org); SECHEHAYE, Albert (org). **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paes, Izidoro Blikstein. 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. Porto Alegre, São Paulo: Lugano, 2013.

TOMAZ, Renata. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. **Galáxia**. São Paulo, 2015, p. 155-166.

WARREN, Karen J. Feminism and Ecology: Making Connections. **Environmental Ethics**, v.9, n.1, 1989, p.03-20.